



---

**KARLIANE MARIA SARAIVA DA SILVA**

**“E VI QUE É MAIS BONITO QUE NO JORNAL”: ELABORAÇÃO DE RECURSO EDUCACIONAL E ROTEIRO DIDÁTICO PARA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO PERIÓDICO *O BEMBÉM* (PARNAÍBA-PI)**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
Julho/2025

KARLIANE MARIA SARAIVA DA SILVA

**“E VI QUE É MAIS BONITO QUE NO JORNAL”: ELABORAÇÃO DE RECURSO EDUCACIONAL E ROTEIRO DIDÁTICO PARA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO PERIÓDICO *O BEMBÉM* (PARNAÍBA-PI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira – Parnaíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História, sob a orientação do Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.

PARNAÍBA  
2025

S586v Silva, Karliane Maria Saraiva da.

"E vi que é mais bonito que no jornal": elaboração de recurso  
educacional e roteiro didático para história local no ensino  
fundamental a partir do periódico "O Bembém" (Parnaíba-PI) /  
Karliane Maria Saraiva da Silva. - 2025.

102 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação Profissional  
em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, Universidade Estadual do  
Piauí - UESPI, 2025.

Orientador: Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Recurso  
Educacional. 4. Roteiro Didático. 5. Parnaíba-PI. I. Ribeiro,  
Felipe Augusto dos Santos . II. Título.

CDD 907



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA – PARNAÍBA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ATA DO EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)  
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)

Aos 12 dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, às 09:30 horas, na Sala Virtual do Google Meet <<https://meet.google.com/rkd-bqrj-kyr>>, na presença da Banca Examinadora, presidida pelo professor **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** (Orientador) e composta pelo professor **Rui Aniceto Nascimento Fernandes** (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Examinador Externo) e pela professora **Mary Angélica Costa Tourinho** (Universidade Estadual do Piauí – Examinadora Interna), a mestrandona **Karliane Maria Saraiva da Silva** (Matrícula 4039227) realizou seu Exame de Defesa no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), uma das exigências indispensáveis à obtenção do respectivo Diploma de Mestrado, conforme preconizado no Art. 55º da Resolução CEPEX nº 005/2021, tendo como título da dissertação: “E vi que é mais bonito que no jornal”: elaboração de Recurso Educacional e Roteiro Didático para História Local no Ensino Fundamental a partir do periódico *O Bembém* (Parnaíba-PI). Após a apreciação da referida dissertação e a respectiva arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão reservada para deliberação, atribuindo a mestrandona a menção de **APROVADA**. Eu, professor **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro**, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelas demais membros examinadores e pela mestrandona aprovada nesta defesa de dissertação.

**Observações apresentadas pela Banca Examinadora:** a banca ressalta que a dissertação cumpriu as exigências de um trabalho baseado na experiência docente na Educação Básica, com o uso didático da documentação histórica.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
FELIPE AUGUSTO DOS SANTOS RIBEIRO  
Data: 20/10/2025 09:38:54-0300  
Verifique em <https://validar.hi.gov.br>

Prof. Dr. **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro**  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)  
Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
RUI ANICETO NASCIMENTO FERNANDES  
Data: 20/10/2025 09:48:06-0300  
Verifique em <https://validar.hi.gov.br>

Prof. Dr. **Rui Aniceto Nascimento Fernandes**  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)  
Examinador Externo

Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO  
Data: 20/10/2025 19:03:30-0300  
Verifique em <https://validar.hi.gov.br>

Profa. Dra. **Mary Angélica Costa Tourinho**  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)  
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
KARLIANE MARIA SARAIVA DA SILVA  
Data: 20/10/2025 08:47:15-0300  
Verifique em <https://validar.hi.gov.br>

Karliane Maria Saraiva da Silva  
Mestranda



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI  
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**



**RESOLUÇÃO CEPEX Nº. 089/2016**

**ANEXO A**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL**

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença.

Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não posso titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Teresina, PI 29 de Outubro de 2025

Documento assinado digitalmente  
KAIRIANE MARIA SARAIVA DA SILVA  
Data: 29/10/2025 09:00:40-0300  
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

**Assinatura**

"E vi que é mais bonito que no jornal": Elaboração de Recurso Educacional e Roteiro Didático para História Local no Ensino Fundamental a partir do periódico O Bembém (Parnaíba-PI)

**Titulo do trabalho**

**Mestrado Profissional em Ensino de História**  
Curso

## AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiro lugar! Sem Ele e o tempo dEle de mostrar que as coisas acontecem quando ele quer e não quando achamos que estamos preparados. Doce ilusão! Rsrs. Em seguida, agradeço ao meu filho, Álvaro, por ser a razão e a motivação diária que preciso e também para me mostrar que eu sendo mãe, esposa, dona de casa e funcionária pública, ainda consigo cursar um Mestrado e lograr êxito.

Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro de vida, foi ele quem acreditou em mim quando eu nem queria fazer a seleção para a turma de 2023, pois já havia tentado outras vezes e não obtido sucesso. Contudo, às vezes, a gente só precisa mesmo de um empurrãozinho!

Gostaria de agradecer também a minha colega de profissão e de curso, Heleina Linhares, que me estendeu a mão e me ajudou com algumas dúvidas quanto à prova subjetiva, sua ajuda foi crucial para o ingresso no Mestrado.

Gostaria de agradecer ao meu amigo, colega de profissão e grande incentivador, prof. Claudio Ciarline, há quem devo muito por sempre me ajudar e disponibilizar suas fontes históricas comigo. Você é um excelente profissional e inspiração para quem o conhece.

A razão do sucesso de uma conquista também vem de uma rede de apoio em que tenho minha mãe, Maria de Fátima, meu pai, Antônio Carlos, minhas irmãs, Kariene e Kariele, e meu irmão, José Vitor, meu sogro, Luiz Fernando, e sogra, Cláudia Maria, além da minha tia, Eliane, e minha filha de coração, Eloah Maria. Sem a contribuição e ajuda de cada um deles durante esse percurso seria ainda mais difícil porque, acima de tudo, ser mulher é sinônimo de força e coragem.

E diante de tantos agradecimentos não poderiam esquecer os meus estimados e queridos professores da UESPI por toda humanidade e humildade. Vocês são abrigo! Porque sem a empatia e determinação exercida por cada um de vocês, o nosso caminho seria dolorido. Gratidão por todos os ensinamentos e contribuições para a nossa prática docente. Uma luta que é árdua e diária.

E para finalizar, gostaria de agradecer em especial ao Prof. Felipe, meu orientador, sempre tão calmo, sereno e comprometido com suas funções mesmo em momentos tão difíceis. Gratidão por sua vida e por carregar uma luz tão forte! Você é inspiração!

E a UESPI? O que dizer? Minha segunda casa!

E a partir daqui uma nova Karliane surge!

Gratidão é palavra de ordem.

**“É justo que muito custe o que muito vale”**  
**Santa Teresa D’Ávila**

## RESUMO

O presente trabalho versará sobre o uso da fonte histórica na sala de aula, tendo como foco o jornal *O Bembém*, periódico de circulação local na cidade de Parnaíba, estado do Piauí, lançado em 2008. Tendo em vista como o contexto histórico em que o jornal surgiu, que compreende o tombamento do centro histórico de Parnaíba pelo IPHAN, o protagonismo dos cursos de graduação em História na cidade e as primeiras publicações oriundas desses cursos, valorizamos o potencial do jornal *O Bembém* no ensino de História Local, buscando conhecer os fundamentos acerca do uso de fontes da imprensa como recurso didático-pedagógico na Educação Básica, especificamente no ensino de História, percebendo os caminhos de aplicabilidade de recortes desse jornal em sala de aula. A perspectiva teórico-metodológica que orienta este trabalho está em relacionar o Currículo do Piauí para o Ensino Fundamental, publicado pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí (SEDUC-PI); o livro didático, *Parnaíba: cidade da gente*, adotado pela Prefeitura Municipal na rede escolar; as fontes históricas que servirão de base para o desenvolvimento de nossa proposta; e a elaboração de um recurso educacional e roteiro didático para trabalhar História Local na Educação Básica, com foco no Ensino Fundamental II, em turmas de 9º ano. Desse modo, por meio de uma investigação bibliográfica qualitativa, em diálogo com autores locais e teóricos que são fundamentais sobre a temática, a presente dissertação pretende estimular que discentes conheçam e abordem sobre a história da cidade a partir de outra perspectiva, como aluno/pesquisador.

**Palavras chaves:** Ensino de História; História Local; Parnaíba-PI; Jornal *O Bembém*; Recurso educacional; Roteiro didático.

## ABSTRACT

The present study will address the use of historical sources in the classroom, focusing on the newspaper *O Bembém*, a local periodical circulated in the city of Parnaíba, in the state of Piauí, first published in 2008. Considering the historical context in which the newspaper emerged—marked by the listing of Parnaíba's historic center as a heritage site by IPHAN, the prominence of undergraduate History programs in the city, and the first publications stemming from these courses—we emphasize the potential of *O Bembém* newspaper for teaching Local History. This study seeks to explore the theoretical foundations regarding the use of press sources as didactic-pedagogical resources in Basic Education, specifically in History teaching, while identifying possible ways to apply excerpts from this newspaper in the classroom. The theoretical and methodological perspective guiding this study seeks to establish a relationship between the *Curriculum of Piauí for Elementary Education*, published by the State Department of Education of Piauí (SEDUC-PI); the textbook *Parnaíba: cidade da gente*, adopted by the Municipal Government for use in public schools; the historical sources that will serve as the basis for the development of our proposal; and the creation of an educational resource and didactic plan aimed at teaching Local History in Basic Education, with a focus on Lower Secondary Education (Elementary School II), particularly for 9th-grade classes. Thus, through a qualitative bibliographic investigation, in dialogue with local authors and theorists who are essential to the topic, this dissertation aims to encourage students to learn about and discuss the history of the city from a different perspective—that of the student as a researcher.

**Keywords:** History Teaching; Local History; Parnaíba-PI; *O Bembém* Newspaper; Educational Resource; Didactic Plan

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Livro <i>Parnaíba cidade da gente</i> .....   | 59 |
| Figura 2 – Matéria <i>Parnaíba e seus bairros</i> .....  | 59 |
| Figura 3 – Matéria <i>Os Tucuns, hoje São José</i> .....   | 60 |
| Figura 4 – Matéria <i>Nova Parnaíba</i> .....  | 60 |
| Figura 5 – Matéria <i>Bairro de Fátima um relicário de fé</i> .....  | 61 |
| Figura 6 – Matéria <i>Mendonça Clark</i> .....   | 61 |
| Figura 7 – Matéria <i>Reis Veloso um bairro em formação</i> .....  | 62 |
| Figura 8 – Matéria <i>João XXIII uma dualidade arquitetônica</i> .....   | 62 |
| Figura 9 – Mapa atual da cidade de Parnaíba-PI.....  | 65 |
| Figura 10 – Mapa histórico da cidade de Parnaíba-PI.....   | 65 |
| Figura 11 – Mapa do Brasil e regiões.....  | 66 |
| Figura 12 – Mapa do Piauí e suas cidades.....  | 67 |
| Figura 13 – Matéria <i>Casa Grande da Parnaíba, a única do Piauí</i> .....   | 75 |
| Figura 14 – Matéria <i>Família de Simplício Dias</i> .....   | 76 |
| Figura 15 – Matéria <i>Um ilustre descendente do Coronel Simplício Dias</i> .....                                  | 76 |
| Figura 16 – Matéria <i>Parnaíba terra do já teve ou cidade que tem?</i> .....                                      | 77 |
| Figura 17 – Matéria <i>Parnaíba 14 de agosto 165 anos da cidade, 247 anos da vila, 298 anos da fundação.</i> ..... | 80 |
| Figura 19 – Matéria <i>Fundação da Vila de São João da Parnaíba</i> .....  | 81 |
| Figura 20 – Matéria <i>História de Parnaíba registros discursivos entre o Porto e Pelourinho</i> .                 | 81 |
| Figura 21 – Matéria <i>Dez lugares (retratos) da Parnaíba d'outrora</i> .....                                      | 85 |
| Figura 22 – Matéria <i>Tombamento na Parnaíba demorou, mas saiu.</i> .....   | 86 |
| Figura 24: Proposição da imagem para a Capa do Álbum de Lembranças .....   | 88 |
| Figura 25: Proposição das páginas do Álbum de Lembranças .....   | 88 |
| Figura 26 – Proposição da capa do jornal .....   | 95 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |  |
|----------|--|
| APAL     | ACADEMIA PARNAIBANA DE LETRAS                            |
| BNCC     | BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR                           |
| IBGE     | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA          |
| IHGGP    | INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E GENEALÓGICO DE PARNAÍBA |
| IPHAN    | INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL     |
| UESPI    | UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ                           |
| UFPI     | UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ                            |
| SEDUC-PI | SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PIAUÍ                |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 .....</b>   | <b>18</b> |
| <b>HISTÓRIA DE PARNAÍBA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL:<br/>CONEXÕES POSSÍVEIS.....</b> | <b>18</b> |
| <b>2.1 Narrativas historiográficas sobre Parnaíba .....</b>                                   | <b>18</b> |
| <b>2.2 O ensino de História .....</b>   | <b>22</b> |
| <b>2.3 A Parnaíba de outrora .....</b>  | <b>34</b> |
| <b>CAPÍTULO 2 .....</b>   | <b>46</b> |
| <b>POR ESSES BAIRROS EXISTE HISTÓRIA: .....</b>   | <b>46</b> |
| <b>SE MEMÓRIAS DO BAIRRO FOSSEM NOSSAS .....</b>  | <b>46</b> |
| <b>3.1 Contando, recontando e construindo memórias .....</b>                                  | <b>46</b> |
| <b>3.2 Apresentação das atividades.....</b>   | <b>51</b> |
| <b>CAPÍTULO 3 .....</b>   | <b>69</b> |
| <b>PARNAÍBA: REFLETINDO ACERCA DA CONSTRUÇÃO .....</b>  | <b>69</b> |
| <b>DA HISTÓRIA DA CIDADE.....</b>   | <b>69</b> |
| <b>4.1 O local como ponto de embarque para o ensino de história .....</b>                     | <b>69</b> |
| <b>4.2 Apresentando as atividades .....</b>   | <b>74</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>96</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>99</b> |

## INTRODUÇÃO

Em 2011, Parnaíba, a segunda maior cidade do estado do Piauí, tornou-se palco de um relevante embate historiográfico que evidencia disputas de memória e de identidade local. De um lado, um grupo de intelectuais, majoritariamente vinculados ao Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP), defendia a tese de que o município estaria prestes a celebrar o tricentenário de sua fundação. Em oposição, intelectuais ligados sobretudo à Academia Parnaibana de Letras (APL), respaldados pelo poder público municipal, sustentavam a necessidade de observância do calendário oficial, segundo o qual a cidade completaria apenas 167 anos naquele ano. Paralelamente a essas posições hegemônicas, emergia ainda um terceiro grupo, de menor representatividade, formado por membros da elite intelectual local, que propunha a datação de 249 anos. Tal controvérsia evidencia a complexidade das narrativas históricas e demonstra como a definição das temporalidades urbanas se constitui também como um campo de disputa simbólica e política.

Curiosa e sem se envolver intensamente no debate, a sociedade apenas observava o que cada grupo defendia. Aquele que defendeu a tese dos 300 anos, o fez porque entendia que Parnaíba teria “nascido” em 1711, quando foi construída a capela de Nossa Senhora do Monte Serrate, nas terras do coronel Pedro Barbosa Leal, templo considerado como um dos marcos remanescentes do início da ocupação colonial que deu origem à cidade<sup>1</sup>. Já o segundo, preferiu obedecer ao critério da legalidade e apontar o dia 14 de agosto de 1844 como a data do “nascimento” da cidade, uma vez que representou o momento em que Parnaíba deixou de ser uma vila (Vila de São João da Parnaíba) e foi elevada à categoria de cidade. Por fim, o terceiro e mais tímido dos grupos rivais lembrou que em 18 de agosto de 1762 a Vila de São João da Parnaíba foi instalada pelo governador do Piauí, sendo essa data mais apropriada como marco inicial da cidade.

Discussão essa que se permeia até os dias atuais com a publicação do *Almanaque da Parnaíba*, edição 2024, que traz em sua capa o levantamento dessas datas, *180 anos + de 300 anos de História*. Desse modo, 76<sup>a</sup> edição do Almanaque, hoje editado e produzido pela Revista da Academia Parnaibana de Letras, remonta a discussão em torno das datas do aniversário da cidade de Parnaíba e um diálogo acerca do pioneirismo da cidade no desenvolvimento e inovação dos transportes e meios de comunicação. Assim, percebemos a força que ainda

---

<sup>1</sup> SILVA, Vicente de Paula Araujo. **História da Região da Parnaíba: 1669 a 1799. Villa Mont Serrathe de Parnaíba.** Parnaíba: Ed. Sieat, 2021.

permeia dos debates em torno das datas históricas correspondentes ao início da História da cidade.

Três argumentos diferentes, mas que convergem para um mesmo princípio: quem faz a história são os “grandes homens”. Essa perspectiva elitista do passado é um traço histórico recorrente em inúmeras cidades, mas que entre os intelectuais parnaibanos se consolida na virada entre as décadas de 1920 e 1930. Entre o final do século XVIII e meados do século XX, Parnaíba era uma cidade economicamente desenvolvida por meio da produção do charque; por causa desse desenvolvimento fomentado por Simplício Dias da Silva, instalou-se uma alfândega para comercialização de produtos de origem animal (Silva, 1987, p. 35-36). Em 1830, com o declínio do charque, passou-se a exportar produtos de origem vegetal que possibilitou contato com exterior, momento este que integrhou a cidade de Parnaíba à economia internacional.

Por conseguinte, Parnaíba tornou-se uma cidade próspera por meio do comércio baseado na navegação fluvial e marítima. Desse modo, a cidade foi um dos principais polos comerciais do estado e isso fez com que a cidade montasse um conjunto arquitetônico influenciado por essa relação mercantil. Assim, a estrutura urbana do centro da cidade foi sendo modificada para atender as necessidades de uma elite comercial emergente na cidade. Tais transformações podem ser vistas por meio das páginas do *Almanaque da Parnaíba*, periódico anual, cuja primeira edição foi lançada em 1924, tendo se tornado o principal meio de propagação desse discurso mercantil sobre a história local. Assim, desse período, pode-se notar que essas mudanças não ocorreram em todo município; elas se concentravam mais na região central da cidade, ao passo que nos arredores e demais bairros havia uma falta significativa de estrutura urbana. Entretanto, esse discurso produzido pelo *Almanaque da Parnaíba* se consolidou e ainda hoje é bastante forte nas narrativas históricas sobre Parnaíba.

Diante disso, tive o interesse por desenvolver na minha graduação uma pesquisa que contemplasse outras fontes da imprensa dedicadas à história local, momento em que tive contato com o jornal *O Bémbem*, periódico mais recente, lançado em 2008, utilizando-o como fonte histórica em minha pesquisa de monografia. A partir dessa experiência e em diálogo com a minha atuação docente na Educação Básica em escolas da cidade e nas redondezas, obtive ainda mais interesse em aprofundar discussões pelo tema aqui no Mestrado.

Nesse momento, é interessante também destacar a importância do jornal *O Bembém* e o contexto histórico em que ele teve maior relevância na cidade: basicamente o período que compreende os debates sobre tombamento do centro histórico pelo IPHAN e o processo de tombamento em si, devemos ressaltar também o início do protagonismo dos cursos de

graduação em História na cidade e as primeiras publicações de trabalhos oriundos desses cursos, além do Mestrado em História do Brasil da UFPI.

Entretanto, apesar de toda essa efervescência de debates sobre a história da cidade, em que o jornal *O Bembém* ocupou lugar de destaque, a Prefeitura Municipal de Parnaíba patrocinou e lançou, no ano de 2021, o livro didático intitulado *Parnaíba, cidade da gente: História e Geografia – Estudos Regionais: Ensino Fundamental*, cujo conteúdo não reflete tal efervescência, mas resgata e fortalece as narrativas mais tradicionais da cidade. O livro foi escrito por historiadores, alguns deles profissionais (com formação acadêmica), mas que ainda mantêm uma visão tradicional da História Local, partindo do protagonismo de personagens oriundos da elite mercantil, invisibilizando diversas narrativas locais e personagens fora desse escopo.

Sendo assim, nesta pesquisa buscamos compreender o porquê da manutenção das estruturas de poder em relação às representações da história, além de buscar, por meio das manchetes de jornal, fazer uma análise sobre as mudanças e permanências dessa História Local ao longo dos anos é o que me motiva até então. Principalmente, quando se trata de um Mestrado profissional em que eu levo o meu objeto de pesquisa para dentro da minha sala de aula.

O escopo deste trabalho é mostrar como a disciplina de História alinhada às fontes históricas – nesse caso, a imprensa local – pode ser usada como ferramenta de investigação para a produção do conhecimento, auxiliando os alunos a conhecerem e intervirem em sua própria história e, assim, desenvolvendo uma práxis para a compreensão e transformação dessa problemática social.

Diante do exposto, esta pesquisa buscou responder a seguinte pergunta: como podemos romper com os silenciamentos de uma história tradicional e mantedora de padrões sociais por meio da utilização da fonte histórica em sala de aula?

Com isso, iremos confrontar o jornal *O Bembém*, idealizado por um membro da sociedade parnaibana e que, posteriormente, foi se abrindo para novos escritores/historiadores à medida que o curso de História foi instalado na UESPI de Parnaíba. Além disso, um livro didático foi produzido pela Prefeitura Municipal de Parnaíba – *Parnaíba: cidade da gente* (2021) – e que fora escrito por historiadores que ainda mantém uma visão tradicional da História Local, partindo do pressuposto da história da elite local e descaracterizando, principalmente, a figura do indígena. Assim, por meio da fricção entre o livro didático e as fontes históricas oriundas da imprensa local, problematizamos as questões que norteadoras desta pesquisa.

A perspectiva teórico-metodológica que orienta este trabalho está em relacionar o Currículo do Piauí<sup>2</sup>, o livro didático adotado pela prefeitura e as fontes históricas que servirão de base para o desenvolvimento desta pesquisa e desenvolvimento de um recurso educacional. Desse modo, iremos utilizar fontes da imprensa (*O Bembém*) para trabalhar sobre História Local na Educação Básica, com foco no Ensino Fundamental II, em turmas de 9º ano.

Assim, a presente pesquisa fez uso de investigação bibliográfica. Entende-se por pesquisa bibliográfica “[...] uma pesquisa [...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Na nossa pesquisa essa escolha se fez mais adequada em razão do objeto a ser identificado ser uma fonte histórica escrita.

Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia está amparada na abordagem qualitativa, que constitui uma “[...] sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (Gil, 2002, p. 133). A dimensão qualitativa da pesquisa se justifica por buscar desenvolver uma análise subjetiva a partir de fontes históricas sujeitas à problematização e discussão acerca da proposição da ideia de um jornal na escola.

A ideia para a construção do recurso educacional se dá por meio da perspectiva de proposição da criação de um jornal escolar, construído pelos próprios alunos e auxílio do professor de História com base na utilização de fontes sobre sua História Local, que busquem mostrar novas perspectivas para a narrativa histórica da cidade.

Assim, o aluno/investigador/pesquisador irá se debruçar sobre pesquisas locais de historiadores que buscaram novas perspectivas para falar sobre a história de Parnaíba. Assim, iremos promover oficinas sobre História Local, visando o desenvolvimento de atividade com as turmas de 9º ano para que estes conheçam com mais profundidade a sua história, a história do seu bairro e da sua cidade.

Assim sendo, por se tratar de uma pesquisa que não envolverá riscos aos seres humanos, não foi cadastrado em Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Dentro dessa perspectiva, o primeiro capítulo deste trabalho aborda uma discussão em torno de conceitos e abordagens sobre História Local, fazendo com que o professor se aproprie dessa teoria e, com isso, consiga desenvolver as atividades que serão propostas nos próximos capítulos, além de que nesse primeiro momento também abordamos algumas questões acerca da história da cidade de Parnaíba-PI.

---

2 Currículo elaborado pela SEDUC-PI em adaptação à BNCC. Há um para o Ensino Fundamental (2020) e outro para o Ensino Médio (2021).

Com isso, em nosso segundo capítulo buscamos refletir sobre o papel dos bairros com a história da cidade para que assim possamos identificar os processos históricos de formação da cidade, a partir de pesquisas e levantamento de fontes com a turma e, dessa maneira, iremos propor a elaboração de um jornal, em formato digital, com resultados da referida pesquisa.

Por fim, o nosso terceiro capítulo irá se utilizar de manchetes do jornal *O Bembém* como local que se utiliza dos bairros para chegar na cidade. Ademais, iremos propor atividades que complementam a proposta inicial dos bairros para que, assim, o aluno consiga compreender as fases de construção da história desta Parnaíba tida como ideal.

Nessa direção, temos a intenção de organizar o Recurso Educacional que tem como público-alvo docentes do 9º ano do Ensino Fundamental (ele será escrito para professores e professoras). As atividades serão pensadas para as turmas de 9º ano (com foco nos estudantes). Contudo, o material produzido e as atividades do roteiro serão destinados aos docentes.

A partir do levantamento realizado pela turma no decorrer de todo o ano letivo e de acordo com as atividades propostas e compartilhadas em sala aula, os alunos vão elaborar coletivamente um jornal escolar, que será a culminância da proposta de Recurso Educacional apresentado nesta dissertação.

Sob a inspiração de uma música do artista Teófilo Lima dedicada à praia da Pedra do Sal, na cidade de Parnaíba – canção que compõe uma das atividades aqui propostas – o presente trabalho reforça a importância do uso de fontes da imprensa em sala de aula para o ensino de História Local na Educação Básica, inclusive problematizando seus conteúdos. É por isso que o próprio título da dissertação utiliza um trecho da referida canção, refletindo que o conteúdo do jornal, embora bastante importante, nem sempre reflete a riqueza e a complexidade de cada canto da cidade: “*Um dia ouvi dizer de uma bela ilha / Com Parnaíba sempre a lhe abraçar / Lhe contornando, lhe beijando até o mar / Um dia eu fui naquela bela ilha / E vi que é mais bonito que no jornal / Vi que todo mundo, todo dia tem a pedra do sal*” (Lima, 2001).

## CAPÍTULO 1

### HISTÓRIA DE PARNAÍBA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: CONEXÕES POSSÍVEIS

#### 2.1 Narrativas historiográficas sobre Parnaíba

“Quem produz a História Local? Pelo menos dois tipos de intelectuais produzem estudos de História Local: aqueles ligados ao universo acadêmico e os que não têm ligação com a universidade” (Macedo, 2017, p. 70). Diante de tal afirmação, este trabalho busca por meio dos vestígios do passado, revisitá a história de uma Parnaíba pretensamente verdadeira que existe no imaginário da elite letrada local.

E para darmos início a todo esse percurso, seremos guiados por uma fonte histórica, que surgiu em 1924, com o intuito de atualizar o parnaibano acerca de seus acontecimentos locais. Além de fazer propagandas e trazer distrações para seus leitores, buscava também evidenciar o desenvolvimento comercial e industrial que vivenciou Parnaíba. Esse importante divulgador de suas transformações que anuncia as novas formas de sociabilidades da cidade que se modernizava, o *Almanaque da Parnaíba*, foi fundado por Benedito dos Santos Lima, que se encarregava de propagar as mudanças urbanas pela qual a estrutura citadina estava vivenciando.

Esse importante periódico da cidade, que por décadas se consolidou como uma das principais referências na construção de narrativas históricas sobre Parnaíba, é publicado anualmente até hoje, passando por diversas fases. Entre os anos de 1924 e 1941, seu fundador Benedito dos Santos Lima esteve à frente. Em seguida, Ranulpho Torres Raposo assumiu o almanaque, tendo permanecido até 1980 e sido substituído nos anos seguintes por dois familiares: Florice Raposo Pereira e Manuel Domingos Neto. Desde 1994, o *Almanaque da Parnaíba* passou a ser publicado sob a responsabilidade da Academia Parnaibana de Letras (APL).

Seguindo essa linha de raciocínio, o livro do Centenário da Parnaíba, escrito por Benedito Jonas Correia e Benedito Santos Lima, busca fazer um estudo histórico, estatístico e social da cidade de Parnaíba, dando ênfase aos personagens da História Nacional e Local, como: Getúlio Vargas, Leônidas Melo, Dr. Mirócles Veras, dentre outros, e falar dos aspectos gerais da cidade, como divisão territorial, clima, população, situação política e organização administrativa. Contudo, percebemos que o livro é feito pela elite intelectual parnaibana da época, para a elite social da cidade. Revelando-se, assim, um trabalho pautado em exaltar a

nostalgia e saudosismo por estar ali, sempre mostrando a Parnaíba ideal de ser, com seus personagens marcantes.

Seguidamente, encontramos a Academia Parnaibana de Letras (APL), que foi fundada em 28 de julho de 1983, por José Pinheiro de Carvalho, Fontes Ibiapina, Maria da Penha Fonte e Silva, Alcenor Candeira Filho, José de Anchieta Mendes de Oliveira e Raimundo Fonseca Mendes. A sede conta com um memorial sobre Humberto de Campos, onde está exposto o Fardão de Imortal da Academia Brasileira de Letras, pertencente ao escritor, autor do livro *Memórias*<sup>3</sup>.

Logo depois, o Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP) surgiu, com o objetivo de “[...] resgatar a história de nossa gente, nossas tradições, enriquecer a genealogia das famílias parnaibanas como sendo elas parte integrante do contexto das famílias brasileiras” (Bezerra, 2007, p. 1). Criado em 13 de janeiro de 2000, por um grupo variado de pessoas, como comerciantes e servidores públicos, o IHGGP, com sede na rua Duque de Caxias, no centro de Parnaíba, surgiu com o intuito de salvaguardar o patrimônio histórico da cidade, sob o argumento de que ele se encontrava abandonado.

Ambas as entidades, em contextos e movimentos específicos, buscaram se notabilizar na defesa do patrimônio histórico de Parnaíba, particularmente naquele localizado no centro da cidade, que reúne edifícios remanescentes dos séculos XVIII e XIX, com forte simbolismo religioso católico e também econômico. Importante destacar que Parnaíba ocupou um papel de destaque como empório comercial portuário do Piauí até o início do século XX, contexto que fomentou o surgimento do *Almanaque da Parnaíba*, em 1924. Nesse sentido, as narrativas históricas produzidas sobre a cidade se concentravam na perspectiva desse período considerado áureo, com forte repercussão pública, inclusive nos conteúdos utilizados em escolas da Educação Básica.

Nesse momento, precisamos destacar Iweltman Mendes, que era historiador profissional (nascido e formado no Ceará), mas que se destacou como professor em Parnaíba (na Educação Básica e no Ensino Superior), tendo também ocupado os cargos de Secretário Municipal de Educação, vereador, além de membro e presidente da APL. Entre vários livros de sua autoria, ele publicou dois voltados para a Educação Básica: *Parnaíba em Estudos Sociais*, em 1996; e *Parnaíba: História & Geografia*, de 2006.

Iweltman Mendes pode ser entendido como uma espécie de mediador durante as décadas de 1990 e 2000, entre esses dois grupos que apresentamos na dissertação: os

---

<sup>3</sup> Academia Parnaibana de Letras. Disponível em <https://academiaparnaibanadeletras.wordpress.com/sobre/>. Acesso em 10 nov. 2024.

historiadores não-profissionais, que produziam majoritariamente as narrativas históricas sobre a cidade; e os historiadores profissionais, que começaram a se formar em cursos de História na cidade e passaram a pesquisar e escrever sobre ela.

Ainda dentro desse contexto de produção historiográfica, surgiu o livro *Fragments históricos: Experiências de pesquisas no Piauí*, lançado em 2005, pois ao que tudo indica foi a primeira publicação oriunda de historiadores profissionais egressos de cursos sediados em Parnaíba (tanto dos cursos de História, ofertados em Período Especial no Campus da UESPI, quanto da Especialização em História do Brasil, ofertada no Campus Ministro Reis Veloso da UFPI). Numa leitura atenta da lista de autores(as) de artigos nesse livro, é possível perceber vários nomes importantes da bibliografia referente à história de Parnaíba. Tal livro surgiu da reunião de produções científicas desenvolvidas no âmbito do curso de Especialização, na Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Parnaíba-PI. O livro reúne trabalhos de jovens historiadores recém-formados no curso de graduação ofertado em período especial da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Alexandre Alves de Oliveira. O livro é composto por pesquisas dos mais variados temas, mas que em especial pesquisam Parnaíba, o processo de sua história e memória na construção dos bairros, o patrimônio edificado, além de discutir a respeito do papel da mulher parnaibana.

Contudo, o que nos chama mais atenção é que a composição desse livro se dá de sobremaneira no momento que antecede a chegada do curso de História na UESPI de Parnaíba em período regular, esses escritores são pioneiros(as) na produção histórica profissional oriunda dos cursos de História na cidade. Inclusive, tendo em vista as pesquisas desenvolvidas por tais historiadores, anos depois surgiu um periódico que se notabilizou em mesclar historiadores profissionais e não profissionais em suas páginas e narrativas históricas sobre a cidade, ainda que passando a dar maior notoriedade, ao longo de suas edições, aos “novos historiadores da cidade” (oriundos dos cursos de História sediados em Parnaíba).

Assim, nesse percurso, encontramos o jornal *O Bembém*, criado em 2008, por Benjamin Santos, filho de Benedicto dos Santos Lima, carinhosamente apelidado de *O Bembém* devido à homenagem ao nome do jornal. Teve circulação mensal de janeiro de 2008 a março de 2020; sua circulação ficou interrompida devido ao surgimento da pandemia pelo Novo Coronavírus. A organização do jornal se dava por meio de seção como: *Veredas*, na qual eram divulgadas notícias de acontecimentos recentes; *Entrevistas*, em que na grande maioria das vezes tinha caráter saudosista; *Editoriais*, com matérias sobre diversos assuntos como política e cultura; *Turismo*, no qual se propagava as belezas da cidade; e, por fim, a parte do *Memorial*, que revisitava a história do auge econômico da cidade. Tal jornal dividia suas matérias em 10

páginas com caráter memorialístico que trazia diversas discussões sobre a história tradicional da elite parnaibana e que, com o passar dos anos e chegada de novos escritores historiadores, ganharam um novo caráter e, a partir daí, começou-se a contar a história por outro viés, dando foco nas memórias silenciadas e nos lugares marginalizados.

Esse contexto de efervescência apontado acima coincide com o processo de tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que se deu entre os anos de 2006 e 2011; o impacto inicial do surgimento de cursos de graduação regulares de História na cidade, bem como cursos de especialização na área; o protagonismo de historiadores profissionais na cena pública a partir de suas pesquisas; e a atuação decisiva de periódicos locais que buscavam retratar tais debates sobre história e patrimônio de Parnaíba, com destaque para *O Bembém*.

Anos depois tivemos um livro didático, publicado em 2021, financiado pela Prefeitura Municipal de Parnaíba, relembrando os grandes feitos e atos heroicos das principais personalidades da História Local. Um livro que remonta o período do auge econômico e tem um tom saudosista, tendo em vista que os autores do livro são professores e historiadores que ainda estão ligados à História tida como Positivista/Oficial/Tradicional dos fatos. Baseado na História e Geografia da cidade, o livro está dividido entre Memória, Educação, Lazer e Turismo, visando que a comunidade escolar conheça e conserve o patrimônio da cidade e reconheçam os esforços para a construção da “estimada Parnaíba”.

Assim, nos últimos 20 anos já foram publicados diversos livros de historiadores profissionais com pesquisas sobre a cidade de Parnaíba, contudo o curioso é que, ainda assim, o livro didático financiado pela prefeitura pouco dialoga com essa “nova historiografia”, ao passo que o jornal *O Bembém* (que deixou de circular no ano anterior ao livro didático) buscava articular essas variadas narrativas históricas. Ele é uma fonte peculiar justamente por reunir essas variadas abordagens e, por isso mesmo, esta pesquisa irá utilizar matérias do referido periódico para elaborar um recurso educacional sobre História Local no Ensino Fundamental em Parnaíba.

Assim, segundo Tania de Lucca, inicialmente, não se escrevia a História por meio da imprensa, tendo em vista que essas “encyclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. E, para além disso, o apego ao método tradicional de se escrever a História por meio de fontes oficiais só começou a mudar apenas das últimas décadas do século XX, com a escola dos Annales que propôs a análise de “novos objetos, problemas e abordagens”.

Com isso, diante dessas novas abordagens no campo da historiografia, fonte significa “[...] tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente” (Barros, 2019, p. 15). Tendo tal concepção como base para a escrita da História, esse compilado de fontes e livros permeiam o percurso da historiografia parnaibana, buscando dar ênfase em acontecimentos que não contemplam apenas as grandes personalidades ditas como heróis, à vista disso, essa perspectiva nos possibilita no ensino de História aproximar o discente de sua História.

## 2.2 O ensino de História

Inicialmente, a perspectiva da narrativa histórica deu-se com a teoria de que quem conta a História são os “grandes homens” e os documentos oficiais. Os marcos temporais foram obtidos por meio de um paradigma eurocêntrico, baseado na História Positivista.

Dialogando com James Blaut, Macedo (2017) propõe aos historiadores a escrita de uma “História ao avesso” construída por meio dos processos históricos que se desenvolvem em nível local e daí fazer conexões com a história regional, nacional e global. Com isso, haverá uma “desmontagem” da versão eurocentrada da História.

Em outras palavras: conhecer a História Local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global, além do que, como veremos adiante, contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas para com os lugares onde nasceram/habitam (Macedo, 2017, p. 61).

Desse modo, para Goubert (1988), denominaremos História Local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média ou a uma área geográfica. Assim, uma leitura histórica do mundo pode possibilitar ou não aos indivíduos se colocarem cada vez mais como atores no meio social do qual fazem parte (Andrade; Fagundes, 2017). Contudo, essa definição de História Local hoje é considerada restrita, pois ela não está ligada somente a localidades ou cidades pequenas e médias. Hoje a abordagem sobre História Local também abarca espaços mais abrangentes.

Todavia, as discussões em torno desse conceito inicialmente foram deixadas de lado, pois os trabalhos de intelectuais se relacionavam com textos antigos que davam ênfase a tradição e aos atos heroicos, pois essa história geral era vista com mais interesse e contribuía para a manutenção do status quo das classes mais abastadas. Com base nessa afirmação

podemos fazer uma reflexão interessante em como o ensino de História no Brasil do século XIX e início do XX se parece com essa história local mais tradicional em inúmeras cidades pelo país afora: tradição, fatos e personagens heroicos, normalmente homens ricos e brancos, a fim de fortalecer o sentimento de nacionalidade (ou municipalidade...). Contudo, nos últimos vinte anos, a História Local ganhou uma roupagem diferente e os conteúdos discutidos a partir desse novo conceito angariou mais visibilidade. Assim,

[...] Os historiadores das gerações anteriores preocupavam-se sobremaneira com problemas das classes altas. [...] A volta à história local origina-se de um novo interesse pela história social — ou seja, a história da sociedade como um todo, e não somente daqueles poucos que, felizes, a governavam, oprimiam e doutrinavam — pela história de grupos humanos algumas vezes denominados ordens, classes, estados [...] (Goubert, 1988, p. 73).

Diante desse debate historiográfico, o uso da História Local no ensino de História torna-se problemático no sentido em que a distribuição dos materiais didáticos trabalhados no Brasil inteiro, de norte a sul, conta a história mais universal e global, deixando os destaques dos sujeitos locais à margem. Assim, essa narrativa historiográfica contribui para a manutenção da História Tradicional.

Desse modo, a crítica para o estudo sobre História Local presente nos manuais didáticos dá-se inicialmente pela perspectiva das cidades históricas mais conhecidas do país e consagradas na narrativa nacional: Salvador, Minas Gerais, Rio de Janeiro, dentre outras, que tem seu patrimônio histórico preservado e, com isso, a história passa a incutir fortemente sobre as histórias dessas cidades. Uma história que é local de cada cidade história, mas que ao serem circunscritas nos materiais que são distribuídas em nível nacional, busca fazer com que o aluno que mora no norte do estado do Piauí se sinta pertencente a história que não é tão dele.

Portanto, o ensino de História deve ser um ensino cheio de significados que perpassa a realidade vivenciada pelos alunos. Com isso, para desenvolver um trabalho de História Local, o professor terá que desenvolver sua própria pesquisa, coleta de materiais e, com isso, realizar a aproximação desse aluno com sua história, para que haja o desenvolvimento de um cidadão crítico.

Tendo em vista a construção dessa visão sobre a história, deixamos de olhar para o nosso lugar e até mesmo para nós mesmos. Achamos que não somos capazes de construir memórias e nem de estar nas páginas de um livro. Contudo,

Os avanços na investigação historiográfica atentaram para o fato de que uma história somente institucional, biográfica, masculina, política e elitista não dava conta dos desafios que se punham às pesquisas, aos objetos que se estudava. [...] Além de pôr esses desafios aos historiadores, isso também significou novos personagens como produtores de conhecimento: ou seja, o reconhecimento de si como sujeito e, não menos importante, a inserção dessas pessoas também como produtoras de história, não mais como objetos (Costa, 2019, p. 133).

Tal problemática começa a ser desconstruída quando fazemos dessa História Local o nosso objeto de conhecimento. Partindo dessa concepção, o professor buscará alternativas de aproximação do aluno com o seu bairro e a cidade para que então se faça as conexões com a História Nacional. “Assim é que uma primeira discussão que ela permite fazer é sobre a ‘presença de história’ em espaços (como objeto) ou a partir de sujeitos que, no senso comum, não seria cogitada” (Costa, 2019, p. 132).

Portanto, segundo Costa (2019), assim é que a história, como objeto e como produção de conhecimento, vem se descentralizando, pois passou a estudar diferentes lugares, sujeitos e a ser produzida por grupos mais diversos de pessoas. Assim, o professor irá se debruçar sobre a História, desenvolvendo habilidades de pesquisador e transformando seu aluno em sujeito ativo da produção de seu próprio conhecimento.

Diante desta perspectiva, outro ponto de destaque para a produção do conhecimento local é o fato de a periodização utilizada em escala nacional não servir como métrica temporal para a História Local. É preciso estabelecer novos marcos temporais dentro da história que está sendo pesquisada e construída. Desta maneira, “[...] saber estabelecer outros marcos temporais e múltiplas causalidades para o processo histórico ajuda os alunos a desnaturalizarem a narrativa histórica” (Costa, 2019, p. 135).

Tendo essa compreensão, o aluno/pesquisador passa a compreender que as marcações históricas foram construídas por alguém que tinha interesse em determinado período ou local. Por isso, torna-se importante buscar e analisar o local de fala do pesquisador sobre determinado assunto, principalmente quando se fala na desconstrução de um olhar elitista sobre a História Local.

Sendo assim, trabalhar o ensino de História Local possibilita o uso de ferramentas interdisciplinares na construção do conhecimento além de que os alunos se tornam protagonista nesse movimento, pois passam a buscar fontes históricas. Com isso, tal mecanismo,

Possibilita o conhecimento do local dos alunos por meio da busca pelos seus espaços de memória, acervos, arquivos, monumentos, pessoas a serem entrevistadas. E propicia também o trabalho coletivo, a tomada de decisões, o

desenvolvimento das habilidades de raciocínio e argumentação dos alunos (Costa, 2017, p. 136).

Contudo, trabalhar História Local também requer um olhar crítico e com métodos que possibilitem uma investigação sobre determinado assunto ou sujeito, para que assim como na história tradicional não haja elitismo ou julgamento do que é novo e diferente. Também devemos ter em mente que a proximidade com o objeto de estudo não irá contemplar a história do todo, pois existe a necessidade de fazer recortes temporais e espaciais.

História Local não significa dizer que estamos dando total atenção, apenas, ao que aconteceu nos processos históricos locais. Pelo contrário: se a delimitação foi feita em função de um recorte espacial determinado, estando o lugar no centro da análise, tal operação historiográfica necessita que sejam estabelecidos diálogos, também, com uma história global ou com campo de visão mais macro. Isto quer dizer que a História produzida sobre o lugar não está desconectada daquela que versa sobre uma realidade global, tampouco dela se exclui. Estão conectadas, e as linhas de força dessas conexões podem nos dizer muito, também, sobre quem as produz (Macedo, 2017, p. 70).

Assim, devemos dialogar com os métodos e técnicas para que consigamos elaborar narrativas historiográficas. Dessa forma, “[...] a História Local só tem seu valor plenamente explorado se trabalhada com escalas que sejam intercambiadas e sobrepostas para que os alunos possam perceber justamente onde o local e o geral se distanciam e se aproximam” (Costa, 2017, p. 136).

Contudo, torna-se importante ressaltar que a configuração dessa História Local nasce dentro dos moldes tradicionais de produção e por isso a história tem inicialmente esse caráter mais memorialístico. Além disso, devemos considerar que quem escreve esses primeiros relatos são sujeitos sem formação e que buscam rememorar os personagens que tem maior relevância aos sujeitos da elite letrada.

Uma considerável parcela da historiografia local apresentasse com formato ainda tradicional, pois assume e desenvolve um tratamento personalista, memorialístico, e sem interações espaciais, em geral, na forma de relatos cronológicos dos fatos com pouca ou nenhuma articulação entre si. Tratam as comunidades regionais e locais como se tivessem um destino linear e evolutivo – congênere da história geral, no sentido do *progresso da região*, excluindo a ação histórica dos seus variados segmentos sociais formativos com suas experiências diferenciadas (Melo, 2015, p. 31).

Sendo assim, a falta de um aporte teórico-metodológico sobre a História Local faz com que a abordagem sobre tal tema seja tratado como uma história a parte, um acontecimento que

não se relaciona com o assunto em uma abordagem da História Nacional. Com isso, temos: “[...] pouca relevância da História Local junto à historiografia brasileira se deve[m], portanto, ao amadorismo de sua escrita e a uma orientação paradigmática ultrapassada em termos acadêmicos” (Correa, 2002, p. 12).

Pois as fontes históricas utilizadas por historiadores não profissionais ainda se baseiam nos documentos encontrados em igrejas, cartórios e/ou personalidades que são consideradas importantes para a História Local e que detém tais fontes. Assim, há uma dificuldade para o rompimento dessa história tida como tradicional, pois, mesmo com o uso da História Oral, as memórias podem acabar se misturando com os acontecimentos obtidos nos documentos e, assim, o protagonista dessa história acaba fazendo uso da memória por tabela. Assim sendo, “[...] o historiador profissional, não deve prescindir o apego a um ou mais aportes teórico-metodológicos para empreender sua pesquisa” (Macedo, 2017, p. 73-74).

Contudo, a perspectiva que circunda este trabalho é voltada para o olhar do professor em sua prática docente em sala de aula na Educação Básica. Pois o trabalho da História Local é aproximar o aluno da sua realidade, é fazer o aluno se sentir ser ativo e participante da história. Assim, a aproximação do conteúdo sobre História Local está além da perspectiva da transposição didática e sim do aluno se reconhecer nas entrelinhas da história que está sendo contada por meio da historiografia. Portanto,

A importância de conectar os saberes histórico-historiográficos sobre o local com aqueles que dizem respeito a realidades mais globais implica na influência que tal atitude pode ter para tornar a disciplina de História mais prazerosa, além do que, certamente, facilitará o processo de ensino-aprendizagem e permitirá, ao educando, construir opiniões sobre sua identidade local (Macedo, 2017, p. 76).

Com isso, o aluno poderá firmar ligações de sua própria história com a História Nacional/Global por meio do embasamento teórico obtido em sala de aula e da aproximação de sua realidade, e “[...] pensar a História enquanto processo e não como um conjunto de fatos isolados” (Macedo, 2017, p. 77). Nesse sentido, segundo Melo (2015), se torna possível a articulação entre conhecimento e identidade social dos seus agentes.

Sendo assim, a construção da identidade não é um produto pronto, é uma construção que se molda ao longo do tempo e de acordo com o lugar social do sujeito. Diante disso, a História Local se oportuniza dessa identidade, buscando fazer uma conexão entre a identidade e conhecimento do processo formativo sobre a história da comunidade para dialogar com as narrativas e romper com a visão cristalizada dos heróis locais. Com base nessa afirmação,

A história local pressupõe a recusa de concepções de história estreitas e ultrapassadas, em obras produzidas nos municípios que, à luz da metodologia mais atualizada, sequer poderiam ser classificadas como científicas, podendo configurar-se, no mais das vezes, como já foi dito, em fontes de pesquisa (Melo, 2015, p. 45).

A partir desse entendimento, podemos perceber que o local como objeto de análise se apresenta para a historiografia como um relevante ambiente de investigação que ficou às margens da história estabelecida como oficial. Assim, usar o local como espaço de pesquisa é dar destaque às categorias históricas que foram silenciadas e esquecidas ou ofuscadas por uma história tradicional.

Com esse intuito, o ensino de História cria vertentes para uma reflexão em torno das relações existentes entre o meio social e o sujeito histórico. Desse modo, o professor utiliza a relação entre o cotidiano do aluno e o assunto abordado para possibilitar o “[...] aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial” (Barros, 2012, p. 2). Dessa maneira, a construção do saber histórico se dará de uma forma mais fácil, pois o aluno trará suas vivências para a sala de aula e dialogar com o conteúdo que está sendo estudado.

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional (Barros, 2012, p. 15).

Dessa maneira, o lugar torna-se o objeto de análise do aluno que ativamente participa da construção da sua identidade, firmando relações com o passado em questão. Durante esse percurso, os estudantes se veem participantes da história, sujeito histórico. Ademais, o ensino da História Local viabiliza o mecanismo para a construção de uma história mais plural, contribuindo para o resgate de experiências vividas de forma individuais ou coletivas na comunidade em que vivem os alunos.

Dispor da História Local como recurso didático metodológico auxilia o aluno na identificação e relação dos conteúdos estudados e sua vivência local, criando um sentimento de pertencimento por meio das histórias que são contadas pelos habitantes mais velhos do local em que o aluno mora. Desse modo, a história oral mantém viva as memórias e tradições de

determinado bairro. Assim, a História Local enquanto metodologia permite abordar conteúdos mais gerais e abrangentes no ensino de História, estabelecendo conexões pontuais com o local na relação de ensino-aprendizagem. No entanto, para além dessa concepção, o aluno se reconhece como parte do processo histórico. Assim, se valer dessa ferramenta de estudo viabiliza a construção da identidade local no aluno.

Essa participação direta dos sujeitos históricos na elaboração do conhecimento promove a valorização da memória como *um* campo facilitador do resgate da identidade daqueles segmentos silenciados pela historiografia oficial e dos próprios atores sociais no cotidiano, levando-os não só à sua nova inserção na sociedade, mas à consolidação das identidades individuais e coletivas e a consequente ação na sociedade, necessárias no presente (Melo, 2015, p. 74).

Todavia, devemos também analisar que, ao se falar de sua história e do local em que se vive, lidamos com memórias silenciadas, que muitas vezes são doloridas para quem o vive e conta. Então, trabalhar com História Local é também trabalhar com as sensibilidades. E, a partir disso, fazer releituras e ressignificações, analisando o objeto de estudo posto pelo aluno/professor/pesquisador. Contudo, analisar essa história pelo viés local apresenta a necessidade de fazer conexões como a história regional, nacional e global. Assim como aponta Melo (2015, p. 63), “[...] uma realidade local não contém, em si própria, a explicação do processo histórico que se esteja estudando, ela se torna frágil se não definir marcos relacionais com o contexto mais amplo da história”.

Percebendo o espaço historiográfico dos alunos, o ensino de História passa a dialogar com narrativas próximas à realidade em que os mesmos estão inseridos e, assim, as aulas passam a ter significações para aproximá-los das manifestações das áreas que estão inseridos. Desse modo, partindo da investigação do cotidiano, o conhecimento histórico passa a ser produzido em contexto com a História Geral. Com isso, diante dos cenários ofertados pela História Local percebemos que:

[...] os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de outras matérias construídas no passado; a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito (Barros, 2012, p. 4).

Sendo assim, a História Local não se dá de maneira separada da História Nacional, contudo, o ensino de História viabiliza que o aluno possa fazer reflexões a partir do meio em que vive. Partindo dessas ponderações, haverá um diálogo entre memória e história, tal debate será mediado pelo professor com base nas fontes obtidas na pesquisa.

Destarte, o ensino de história local ganha significado e importância no Ensino Fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir e de prenunciar a formação de um raciocínio histórico que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima (Melo, 2015, p. 110).

Assim, iremos dar uma nova cara ao ensino de História Tradicional focado em debates da História Nacional e enviesada pela divisão do material didático disponibilizado nas escolas. Ademais, a prática docente baseada na História Local se revela como um novo campo pedagógico no sentido de atrair o aluno e o fazer pertencente da história. E essa história cotidiana contribui de maneira significativa para alicerçar o conhecimento histórico. Assim, essa História Local irá desvendar a vida cotidiana dos locais de sociabilidades dos bairros e cidades e, com isso, um novo leque de possibilidades nos abrirá as portas, possibilitando conhecer as diferenças e similaridades que rompem com a lógica dos documentos oficiais.

Nosso desafio é vislumbrar o processo de uma história que, observando a dimensão nacional e universal – objeto de construção do mundo ocidental, recoloque na ordem do dia as bases para a elaboração das identidades regionais e locais (Melo, 2015, p. 28).

Partindo desse pressuposto, usar o universo do aluno configura um modelo ideal de aprendizagem, considerando que nesse momento o conteúdo torna-se significativo e, assim, possam argumentar com mais propriedade o assunto estudado, tendo em vista que a disciplina de História sempre foi tida pelos alunos com a disciplina decoreba que fala de acontecimentos, datas e personagens que estão aquém da realidade deles. Assim, adequar a seleção dos conteúdos da História Geral para dialogar com a história que é contada por esse aluno acaba por gerar um maior interesse pela disciplina.

Todavia, é importante ressaltar que a História Local não se desvincula da História Tradicional ao tempo em que essa História Local também não consegue dar conta de todas as especificidades locais. Até mesmo porque a história sempre será contada por alguém e esse alguém tem um lugar de fala e um objeto de análise diferente dos demais. A questão norteadora aqui é a desmitificar a história dos grandes homens e dos grandes feitos nacionais, tendo em

vista que há personagens locais bastante importantes até mesmo para a História Nacional e que por conta das escalas definidoras de valor, esse sujeito acaba ficando no esquecimento.

Contudo, vale ressaltar que a História Local se dispõe como um campo de possibilidades didático metodológico, por isso torna-se cada vez mais importante que haja pesquisas voltadas para a área de História Local e disseminação desses conteúdos nas escolas para que o ensino de História consiga abordar com mais facilidade o conhecimento acerca da nossa história como um todo. Assim, “[...] o trabalho com História Local precisa da mobilização de conceitos comuns também à geografia, como paisagem, região, território. Eles servem como guias para a delimitação dos objetos de estudo, conferindo inteligibilidade ao tema/espaco/recorte selecionado” (Costa, 2016, p. 134).

Segundo Melo (2015), esse ensino de História encontra barreiras metodológicas quando se fala em um passado uniformizado, pois essa perspectiva deixa de lado sujeitos históricos em detrimento de outros. Assim, segundo Fonseca *apud* Melo:

É interessante observar que há uma tentativa de legitimar pelo controle do ensino de História, a lógica política do Estado e da classe dominante, anulando a liberdade de formação e de pensamento da juventude, homogeneizando a imagem destes sujeitos sociais, em torno da imagem do homem que melhor serve aos interesses do Estado e da Nação (Fonseca *apud* Melo, 2015, p. 61).

Assim, o Ensino de História a priori sempre foi visto como mero reproduutor de conhecimento dado à causalidade dos acontecimentos históricos baseados nos interesses da elite lettrada. E a História como método científico nesse momento permeava o campo do “senso comum”, tendo em vista que a universidade não era a única a produzir conhecimento.

Ocorre comumente, em se tratando das obras produzidas na perspectiva da história local, o predomínio de escritos circunstanciais de natureza biográfica, memorialística e jornalística que, na maioria das vezes, só dizem respeito aos membros dos segmentos sociais mais abastados e, quase sempre das camadas dirigentes, que dispunham de tempo, recursos financeiros, fontes documentais, e para quem se apregoava uma importância social que, por si só, se justificava (Melo, 2015, p. 66).

Vale ressaltar também que até mesmo na formação de professores, esse ensino de História Local é reduzido, então essa lógica estatal idealista se mantém estruturada. E, ao levantar essa crítica, devemos nos ater também ao fato dos assuntos discutidos na universidade durante a graduação. Os textos abordados e as teorias discutidas não permeiam o universo do chão da sala de aula.

É interessante observarmos que em sua formação acadêmica, seja em história ou pedagogia, o professor que ministra aulas no Ensino Fundamental, obteve um conhecimento científico, diferente, portanto, do conhecimento escolar que aplicará em suas aulas (Melo, 2015, p. 101).

Ademais, quando esse profissional chega à escola encontra-se amarrado a um currículo e aos métodos de ensino já engendrados. Então, é um trabalho de formiguinha esse professor fazer sua própria pesquisa sobre História Local e levar seus alunos a refletirem sobre seu papel enquanto sujeito histórico. Por isso, torna-se importante o papel dos mestrados profissionais voltados para o ensino de História para que essa prática cotidiana possa ser vista com mais notoriedade e pesquisas sobre meio em que estamos inseridos passem a permear de forma mais abrangente os muros da universidade.

Assim, destacamos a importância de propostas mais significativas para o ensino de história, pois sabemos que a forma como o aluno se relaciona com a história que estuda na escola norteará o maior ou menor apreço por ela ao longo de sua vida, bem como, influenciará a imagem que tem da sociedade na qual é partícipe, portanto, torna-se fundamental assegurar um ensino expressivo (Melo, 2015, p. 105).

Contudo, trazer uma nova perspectiva para o ensino de História também diz muito sobre quais métodos deverão ser utilizados para conseguir alcançar tal objetivo. Pois, reproduzir a nível local o método da História Tradicional em estudar os personagens e acontecimentos em nada mudará a perspectiva do aluno sobre a disciplina de História.

Não é incomum nos municípios a apresentação de material didático sobre a história local – em geral apostilas, com um viés muitas vezes bairrista, no qual se menospreza o que *não é do local*, superestima-se a história oficial que destaca *cidadãos ilustres* e que aborda a cultura circunscrita à folclorização exacerbada expressa com datas comemorativas e, cuja concepção de local se expressa como um espaço desarticulado de quaisquer outros (Melo, 2015, p. 108).

Diante de tal afirmativa, iremos analisar e discutir nos próximos capítulos o uso de um livro didático, distribuído pela Prefeitura por meio da Secretaria de Educação nas escolas do Município, sobre Parnaíba. O livro reflete os moldes da História Tradicional nos meios da História Local. Com isso, podemos analisar que para se fazer uma História Local que chegue e faça o aluno se sentir sujeito histórico é preciso desconstruir a forma em que a pesquisa histórico é concebida.

Como aponta Davis (1992) existem sérias implicações quando se nega a participação popular na construção da história. Isso se caracteriza como atitude anticientífica, uma vez que a história é resultado de conflitos entre classes; a subtração da participação popular é entendida como sendo uma negação da atuação desses segmentos, classificando-os como objeto e não como sujeitos da história. Os efeitos de tal atitude podem ser caros à formação do aluno e à perspectiva de sua participação social e política no presente e no futuro (Davis apud Melo, 2015, p. 108-109).

Nesse sentido, ao debatermos a negação das classes menos abastadas nos materiais didáticos, faz se pensar que o aluno, enquanto sujeito histórico, anule sua participação na constrição da história e, dessa forma, o leva a pensar que somente as conquistas da elite são passíveis de ficarem no imaginário da sociedade. Assim, leva o aluno a desvalorizar a sua história, o seu passado e, com isso, concebe a disciplina de História como algo que não faça sentido em ser estudada, passando a ser somente mais uma disciplina para passar de ano.

Assim, a inserção de personagens locais na composição da História Local contribui para a construção de uma consciência histórica e coletiva acerca das problemáticas da sociedade civil, seja em âmbito social, econômico, cultural ou político. Com isso, haverá uma maior participação dos atores sociais em busca da resolutividade das situações problemas que se desenvolvem em primeiro curso nos bairros que tais sujeitos habitam e, a partir daí, ocupar a esfera municipal e estadual. Sendo assim, a consciência histórica constrói seres humanos críticos e participativos de sua comunidade. Desse modo, devemos adequar as questões da classe trabalhadora e as vivencias cotidianas na prática docente para que, assim, os alunos possam ajudar na construção de uma sociedade mais ativa na busca de seus direitos. Assim, “[...] devemos partir da proposta de repensar a sua produção e ensino mais coerente com uma prática comprometida com uma pedagogia social” (Melo, 2015, p. 109-110).

Com isso, resgatar o passado através das vivencias cotidianas traz consigo as diversas fontes existentes dentro da própria comunidade, sejam fotografias, músicas e, até mesmo, o patrimônio histórico, como por exemplo, o aluno ser habitante de uma área de preservação do IPHAN. Diante do exposto, as diversas abordagens da História Local dessa comunidade convergem para a construção de uma história que exalta tanto os sujeitos históricos da comunidade quanto aqueles que são vistos pela sociedade como heróis e, diante desse debate, o aluno irá estabelecer as conexões necessárias para compreender o seu papel na transformação social. Sendo assim,

Ensinar história requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra e superar a mera transmissão de informações, já que essa não tem por finalidade o desenvolvimento intelectual, mas, deforma a capacidade de pensamento histórico do aluno e a possibilidade de consolidar habilidades de análise (Melo, 2015, p. 110).

Contudo, o ensino de História está amparado sob “[...] a compreensão do que disciplina a legislação do ensino, os planos curriculares e os propósitos estabelecidos em parâmetros para o Ensino Fundamental de história” (Melo, 2015, p. 111). Com isso, os professores podem “[...] ponderar sobre eles com bastante atenção na perspectiva de apreender em que situações eles favorecem a implementação do ensino de História Local”.

Diante desta perspectiva, devemos ficar atentos em como o Estado fomenta as práticas discursivas em torno do que deve ser ensinado na disciplina de História e na Educação de forma geral. Assim, a partir desses currículos e documentos em que o profissional da educação deve se basear, devemos investigar os silenciamentos e visibilidades dos sujeitos que compõem a História. O Estado que se aproveita de seu poder para manutenção de poder e status de personalidades que o compõe. Todavia, ainda há uma longa discussão em torno das estruturas de poder até a chegada formativa da disciplina de História desde as Ciências Sociais os interesses em torno dela.

Então, a partir de 1996, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a normatização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1998, “[...] a história local é apontada, nesse documento, como um objeto de referência para o ensino de história” (Melo, 2015, p. 118) e hoje com a BNCC e com foco no Currículo do Piauí, que alinhou substancialmente a educação do estado à BNCC, promovendo uma base comum nacional com adaptações regionais, assim, temos alguns objetos do conhecimento que focam em destaques dessa História Local que será trabalhada mais adiante. Então,

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de História têm, como pressuposto, que o aluno pode aprender a realidade na sua diversidade e nas múltiplas dimensões culturais. Destacam os compromissos e as atitudes de indivíduos, de grupos e de povos na construção e na reconstrução das sociedades, propondo estudos das questões locais, regionais, nacionais e mundiais, das diferenças e semelhanças entre culturas, das mudanças e permanências no modo de viver e de pensar, de fazer e das heranças legadas por gerações (Brasil, 1998, p. 23).

Com isso, o aluno busca, na sua individualidade, o sentimento de pertencimento coletivo com base nas relações sociais existentes dentro da comunidade em que se habita, por meio desse entendimento o educando deve fazer apropriações e também distanciamentos das relações de

poder existente em seu meio. Contudo, devemos considerar que o meio social em que estamos inseridos também explicita relações de poder e, em maior ou menor grau, acaba interferindo na construção de uma identidade nacional.

Se considerarmos que a escola está inserida numa sociedade determinada, que têm, em seu seio, contradições explícitas, não há como ignorar os conflitos que daí surgem, nem a relação que se estabelece entre a educação e o mundo. Dessa forma, o conhecimento apresentado na composição dos currículos, enquanto componentes que dão corpo teórico e prático aos parâmetros para a formação do educando, é, ao mesmo tempo, formador e resultado de relações de poder (Melo, 2015, p. 121).

Com base nessa afirmação, podemos destacar que as relações de poder estão presentes desde a seletividade dos conteúdos nos documentos oficiais até mesmo na seletividade dos assuntos abordados em sala de aula. Com isso, surge a necessidade de estudos mais aprofundados e de profissionais cada vez mais capacitados para garantir um ensino multifacetado, como afirma Silva (1991, p. 72) *apud* Melo (2015, p. 123), “Um currículo isoladamente, por melhor que seja, não muda a sociedade”.

Assim sendo, ao presumirmos a construção do sujeito histórico e a memória em torno de seu desenvolvimento, temos que romper “[...] o ensino de história que privilegiava *grandes* personagens e atos heroicos, configurando uma parcialidade em que predominava o relato do vencedor, do colonizador, do homem branco” (Melo, 2015, p.131).

### **2.3 A Parnaíba de outrora**

A partir daqui iremos dialogar com os diversos olhares sobre a Parnaíba de outrora. Os diversos discursos de uma história pretensamente verdadeira sobre a cidade e seu auge econômico durante a segunda metade do século XX. De tal modo, devemos tecer uma crítica acerca dessa Parnaíba ideal que está cerceada de ideologias e vaidades que buscar individualizar a cidade.

Destarte, da mesma forma que a história nacional pretensamente intenta ser homogeneizante, no sentido de não apresentar diversidades e desigualdades em seu processo histórico constitutivo e, absoluto, quando não admite diferenças e contradições, a história local pode, erroneamente, ficar circunscrita ao localismo, se for tratada apenas em seu aspecto físico e individualizador, desconsiderando outras esferas relacionais (Melo, 2015, p. 35).

Tal diálogo irá mediar a discussão em como o IHGGP e a APL contribuem para legitimar a história dessa Parnaíba pretérita, mas que mantém sua idealização de ‘cidade maravilhosa’ até os dias atuais. Com isso, iremos nos basear em alguns fatos da História Local que são abordados pelo jornal *O Bembém* e que legitimam o discurso da Parnaíba maravilhosa, sendo eles: a adesão de Parnaíba (liderada por Simplício Dias) à independência do Brasil e o Dia do Piauí se referir a essa data na cidade; o fato da cidade ter sido cogitada a ser capital do Piauí (e não conseguir); e a *Belle Époque parnaibana* e sua narrativa poderosa de desenvolvimento e modernidade. Diante dessa afirmação, as esferas de poder local e os intelectuais buscam, veementemente, manter essa ideia para os cidadãos parnaibanos.

A dinâmica das sociedades demanda a consideração em observar os vários níveis e dimensões históricas, evitando a fragmentação dos espaços ou a imposição de uma versão interpretativa da história que se defina como absoluta, seja ela local, regional, nacional ou internacional. Nessa perspectiva, e destacando o estudo da história local, se torna importante a sua interface com a micro-história (Melo, 2015, p. 35-36).

Contudo, antes de adentrarmos às narrativas sobre a cidade de Parnaíba e as discussões em torno dos discursos sobre sua História Local, precisamos ainda refletir sobre as práticas da História em torno do ensino de História Local que corroboram para a manutenção da História Tradicional.

Assim como na Europa do século XIX, a existência da disciplina nos currículos da escola brasileira esteve associada à construção de uma identidade nacional. Não exatamente de identidades, mas uma determinada identidade. Predominou, na escola brasileira, uma História escolar cuja concepção era legitimadora de um discurso que dava ênfase à construção de uma sociedade harmoniosa, em que o Estado e as elites se constituíam como os sujeitos da História. O conteúdo, portanto, enfatizava os valores cívicos, o conhecimento sobre brasileiros ilustres. Por sua vez, as diferenças sociais e étnico-culturais, tão marcantes na sociedade brasileira, eram ignoradas (Andrade; Fagundes, 2017, p. 35).

A partir dessa ótica, esta pesquisa fez o levantamento de algumas obras, que contribuíram para a construção de práticas discursivas que fomentaram uma realidade característica a respeito do passado parnaibano, voltada para a valorização de uma Parnaíba pretérita. Uma prática discursiva angustiada e nostálgica que nega o presente e o futuro em nome de uma Parnaíba pretensamente verdadeira que só poderia ser encontrada no passado (Cavalcante Júnior, 2015).

Tal perspectiva impediu que ao longo do tempo houvesse a emergência de novas narrativas que correspondessem aos novos horizontes de expectativa criados pelos parnaibanos nos últimos anos. Sendo assim, selecionamos algumas obras que remontam o período dessa história tradicional e oficial, sendo elas: *Parnaíba: o espaço e o tempo*, de Maria Elita Santos de Araújo<sup>4</sup>; *Parnaíba minha terra*, de Maria da Penha Fonte e Silva<sup>5</sup>; *Estórias de uma cidade muito amada*, de Carlos Araken<sup>6</sup>; *Tomei um ita no norte: memórias*, de Renato Castelo Branco<sup>7</sup>; *Parnaíba tem memória*, de Rubens Freitas<sup>8</sup>; *Parnaíba: presente do passado*, de Antônio Rodrigues Ribeiro<sup>9</sup>; *O crime da praça da graça*, de Alcenor Candeira Filho<sup>10</sup>; e *Vinte Contos para Simplicio Dias*, de Antônio de Pádua Marques Silva<sup>11</sup>.

As obras citadas acima foram levantadas nas bibliotecas da cidade de Parnaíba e nas bancas de jornais da cidade e que remontam ao período do auge econômico da cidade. Contudo, um fato bastante importante que deve ser ressaltado é o fato de que as obras são escritas por homens, mesmo tendo mulheres dentro do mesmo ciclo social. Contudo,

Dificilmente encontramos, entre esses literatos, historiadores de formação. Normalmente são homens e mulheres nascidos em Parnaíba antes dos anos cinquenta, com algum tipo de inserção nas classes mais abastadas da sociedade, atuando em áreas distintas como direito e literatura (Cavalcante Júnior, 2015, p. 116).

Esses historiadores não profissionais se tornam protagonistas de uma história memorialística, pensando a cidade de Parnaíba a partir da ideia de uma *escriturística da saudade*<sup>12</sup>, exaltando uma escrita nostálgica, destacando uma história monumental, colocando sempre os grandes personagens da história no pedestal, e essa história é sempre lembrada com simpatia.

Por isso a consciência de ser parnaibano passou a ser criada a partir da segunda metade do século passado dentro de um regime de verdade segundo o qual todos os parnaibanos devem se perceber como herdeiros de um passado

---

4 Professora, cronista e poeta. Ocupou a cadeira nº 14 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

5 Professora, cronista e historiadora. Ocupou a cadeira nº 04 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

6 Médico e cronista parnaibano. Membro do Instituto Histórico e Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP) e da Academia Parnaibana de Letras (APAL), cadeira nº 23.

7 Ocupou a cadeira nº 15 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

8 FREITAS, Rubens. Parnaíba tem memória. Parnaíba, PI; Impressão: Gráfica e editora Sieart, 2007.

9 RIBEIRO, Antônio Rodrigues. Parnaíba, presente do passado. Gráfica Ferraz, 2003.

10 Membro da União dos Escritores do Brasil – UBE e do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba – IHGGP e ocupa da Cadeira Nº 06 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

11 Escritor e jornalista profissional. Membro do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba – IHGGP e ocupa a cadeira de Nº 24 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

12 A escriturística de uma saudade parnaibana é um conceito desenvolvido por Idelmar Gomes Cavalcante Junior.

iluminado, povoado por uma elite esclarecida e próspera (Cavalcante Júnior, 2015, p. 123).

Desse modo, nós não buscamos “dar voz” aos marginalizados da história, mas temos como intenção uma nova interpretação por meio de outro viés historiográfico; a história contada pela visão do trabalhador, do morador local e tantos outros personagens que ficam fora dessa história tradicional. Portanto, torna-se importante a construção do debate entre História e Memória e como esta contribui para a história que é vista e contada para a sociedade. Desse modo, “a História tem sua própria historicidade, pois muda de acordo com as diferentes formas do homem se relacionar com o espaço, o tempo e consigo em sua vivencia em sociedade” (Andrade; Fagundes, 2017, p. 26).

Assim, aos analisarmos as práticas narrativas em torno da Parnaíba ideal, temos como fonte norteadora o *Almanaque da Parnaíba*, anuário que começou a circular em 1924 e teve sucessivos editores até 1982, seguido de mais uma edição em 1985 até passar a ser domínio da APAL, em 1994. O *Almanaque da Parnaíba* reunia as boas novas sobre a cidade de Parnaíba e as principais personalidades da elite local, além de retratar as grandes festas, os comerciários e várias outras notícias atrativas para a manutenção de uma cidade perfeita.

Após a APAL assumir a produção do *Almanaque da Parnaíba*, tivemos sucessivas edições entre 1994 a 1999, depois tivemos mais uma edição em 2004, 2006. Dando mais uma pausa, o Almanaque voltou a ser editado em 2013, 2017, 2018, voltando a ser publicado entre 2020 a 2024. Diante disso, devemos observar que o anuário ganha uma nova roupagem dentro dos moldes tradicionais de sua publicação, pois agora é produzido em formato de livro ao tempo em que remota as edições anteriores, o almanaque também abre oportunidade para novos trabalhos desenvolvidos pelos membros da Academia. Assim, esse almanaque tem 100 anos de existência, porém, se depara com desafios, como a escassez de recursos financeiros e a desvalorização dos tipos de aço. No entanto, seus editores procuram manter a obra funcionando, mesmo nos tempos atuais.

No final do século XVIII e meados do século XIX, Parnaíba era uma cidade economicamente desenvolvida por meio da produção do charque e, por causa desse desenvolvimento iniciado por Simplício Dias da Silva, instalou-se uma alfândega para comercialização de produtos de origem animal (Silva, 1987). Em 1830, com o declínio do charque, passou-se a exportar produtos de origem vegetal que possibilitou contato com exterior, momento este que integrou a cidade de Parnaíba à economia internacional.

Por conseguinte, Parnaíba tornou-se uma cidade próspera por meio do comércio baseado na navegação fluvial e marítima. Desse período pode-se notar mudanças em todo o perímetro urbano denotando um desenvolvimento urbano e social. Como nos mostra Silva (2013):

[...] Consta desse período, dentre outras medidas: o alargamento de ruas e abertura de outras; uma maior cobertura de pavimentação poliédrica nas principais avenidas; a construção de praças e jardins; a ampliação da rede de iluminação pública; o embelezamento das fachadas dos prédios residenciais com adoção de novos estilos arquitetônicos; a expansão do perímetro urbano; e o consequente povoamento de novas áreas [...] (Silva, 2013, p. 79).

Em consequência desse desenvolvimento comercial e industrial que vivenciou Parnaíba, houve um importante divulgador de suas transformações que anuncia as novas formas de sociabilidades da cidade que se modernizava, o *Almanaque da Parnaíba*, fundado por Benedito dos Santos Lima<sup>13</sup>, se encarregava de propagar as mudanças urbanas pela qual a estrutura citadina estava vivenciando.

[...] Parnaíba ganhou, o que viria a ser, seu mais importante arauto dos valores da vida moderna, a Almanack da Parnahyba, Este fundado e editado por Benedito dos Santos Lima, em 1924 além de registrar os novos modos e modas da elite local, as transformações urbanas, os principais produtos consumidos e os fatos comezinhos do cotidiano, foi também um veículo modernizador que procurou instituir um padrão de gosto e consumo a partir do culto a civilidade, ao progresso e aos bons costumes (Silva, 2013, p. 81).

Nesse sentido, o contato com a Europa fez com que a cidade vivesse um período de modernização conhecida como Belle Époque que, desde o final do século XIX, já vinha influenciando as cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre e Belém (Cavalcante Junior, 2013). Sendo assim, o referido processo de modernização da cidade resultará na urbanização como forma de se obter uma cidade ideal para o período em que se passa.

Assim, encontramos no *Almanaque da Parnaíba* uma forma cristalizada que trouxe ao cidadão parnaibano uma nova forma de ver a cidade, mostrando como Parnaíba estava se transformando em uma cidade moderna, com o alargamento de ruas, com o embelezamento da cidade, além de imagens propagandistas que servia sempre ao interesse da elite.

---

13 Nascido em São Raimundo, município de São Bernardo, Estado do Maranhão, chegou à cidade de Parnaíba em 1910. Era conhecido pelo apelido de Bembém. Jornalista, historiador e contista. Editor do *Almanaque da Parnaíba* durante 18 anos. Patrono da Cadeira Nº 03 da Academia Parnaibana de Letras (APAL).

A cidade de Parnaíba, presente nas páginas do Almanaque, produz uma ideia de síntese das qualidades do desenvolvimento urbano do município. As imagens são reflexo de uma cidade ao mesmo tempo invisível, na medida em que ela é desejada pelas elites e pelo poder público local, e visível, por destacar aspectos materiais das transformações que ela vivencia (Lima, 2013, p. 31).

Essa perspectiva elitista do passado é um traço histórico importante que acompanha os intelectuais parnaibanos desde a virada da década de 1920 para os anos trinta, quando em torno do periódico *Almanaque da Parnaíba*, Benedito dos Santos Lima articulou a emergência de um campo intelectual na cidade de Parnaíba.

Assim, percebemos a passagem do tempo na visão desses literatos, ou seja, a primazia do passado estabelece os limites no campo da expectativa que sempre estão ancoradas na experiência do passado. Em vista disso, o *Almanaque da Parnaíba*, nas últimas décadas de circulação, teve a intenção de mostrar apenas o passado majestoso de Parnaíba, tendo como foco principal sempre os locais que ocorriam as sociabilidades da elite parnaibana.

Os literatos, portanto, demonstram toda a sua insatisfação com o tempo, são reativos a ele e aos seus efeitos. Desejam impedir que o fluxo temporal afaste da memória e do cotidiano dos parnaibanos, as glórias do passado e por isso seus textos propõem a atualização permanente das memórias desse passado glorioso, criando uma espécie de tempo perpétuo [...] (Cavalcante Júnior, 2015, p. 117).

A obra de Carlos Araken, médico, cardiologista, começa falando de sua infância, relatando o período em que viveu em Parnaíba, até sua vida de estudante em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Mas, além disso, a obra traz passagens de fatos, lugares e pessoas que segundo ele, são as mais importantes de serem relembradas. “Não primarei pela ordem mas darei a tudo um estilo próprio, muito meu [...] é claro que, só trarei de volta lembranças boas que valham apena ser revividas.” (Araken, 1988, p. 10). Assim, para o autor, as memórias que valem a pena ser revividas são as que contornam a famosa Praça da Graça, os ilustres nomes da sociedade parnaibana e, contudo, exaltar o período de modernização e progresso da cidade.

A obra *Parnaíba tem memória*, de Rubens Freitas, traz à tona ainda aquilo que já foi dito por Carlos Araken, mas com uma única diferença, Rubens Freitas prioriza os grandes nomes das famílias, dos governantes e políticos do estado e da cidade de Parnaíba, fazendo com que a história se torne apologética. O autor traz o nome dos personagens que compunha a câmara municipal após a ditadura Vargas em 1948, tendo como presidente o Dr. Cândido Athayde. Ainda nesse tópico, o autor ressalta o pioneirismo da cidade de Parnaíba em tudo, nas

indústrias de exportação de charque, importação de bicicletas vindas da Europa, os primeiros automóveis do Estado rodavam em Parnaíba, o primeiro barco a vapor navegou em águas piauienses, dentre muitas outras conquistas.

Na obra *Parnaíba minha terra*, de Maria da Penha Fonte e Silva, a autora faz a contextualização histórica de como se deu o processo de formação de Parnaíba, assim como explica o porquê de a cidade ter ganhado esse nome, analisando também as características geográficas do local. Contudo, assim como os literatos já citados neste trabalho, Silva também relata todas as transformações que ocorreram para que Parnaíba pudesse ser reconhecida com uma cidade moderna.

Antônio Ribeiro, em sua obra, *Parnaíba, presente do passado*, nos remonta aos dias iniciais das viagens ao Atlântico, que cabem a chegada à América e no Brasil. Sendo assim, o autor retrata em sua obra as expedições que deram início a exploração no Brasil, além de falar sobre o período das Capitanias Hereditárias, os Governos Gerais, até chegar no período em que se deu a colonização no Piauí, com a fundação de Oeiras e a chegada dos desbravadores à Vila de São João da Parnaíba. O autor ainda destaca a imponência da Casa Grande da Parnaíba, moradia de Domingos Dias da Silva e sua família, destacando-a como um dos monumentos mais importantes para a História. Destaca também a fala da Catedral de Nossa Senhora das Graças, construída com os mesmos artifícios da Casa Grande, porém, com detalhes do Barroco e rococó.

Por conseguinte, na obra *Parnaíba: o espaço e o tempo*, de Elita Araújo, o espaço e o tempo são usados para redescobrir a história e o cotidiano da cidade. Assim, segundo a autora, desde o século XVIII, Parnaíba surgiu no cenário histórico e vive uma luta renhida; em prol de seu desenvolvimento, seu progresso, direcionados a todos os setores competentes da sociedade. (Araújo, 2002, p. 27). Araújo revisita a história de Parnaíba com grande saudosismo e nostalgia, trazendo flashes sobre momentos históricos da cidade como no início do comércio das charqueadas de Domingos Dias da Silva, além de relacionar a construção de áreas, que hoje fazem conjunto histórico e paisagístico tombado em Parnaíba, com a sua preocupação em preservar esse ambiente, mostrando o período em que se deu as transformações que mudaram o cenário econômico e social da cidade. E segundo a autora, a diferença é notável em relação à Parnaíba de ontem e a de hoje. “Lamenta-se. Há quem diga que “Parnaíba é a terra do ‘Já teve’” (Araújo, 2002, p. 32).

Renato Castelo Branco, em sua obra, *Tomei um Ita no norte: memórias*, traz em seu primeiro capítulo o período de sua infância vivida em Parnaíba, nascido em 1914. Assim, o autor caracteriza Parnaíba: “A cidade, propriamente, tinha em minha infância uns quinze mil

habitantes – era o centro, com jardins arborizados, ruas calçadas, luz elétrica, igrejas altas e bonitas e um palacete moderno e imponente erguendo-se, de quando em quando, entre o casario baixo e colonial” (Branco, 1981, p. 19). Ademais, assim como Elita Araújo, Renato Castelo Branco retrata em sua obra o descaso e falta de preservação com as construções arquitetônicas que marcaram o século XX em Parnaíba. Ademais, temos nessa obra uma característica marcante que é a exaltação dos nomes das famílias, além de falar de locais imponentes que marcaram o auge econômico do século XX, fazendo com que o parnaibano se reconheça como herdeiro de um passado de glória que lhe traz a memória um sentimento de pertencimento a pretensa ideia de uma Parnaíba do já teve.

Na obra de Alcenor Candeira Filho, temos o relato de suas memórias de infância em torno do assassinato de seu pai. Todavia, as memórias se misturam a história da cidade de Parnaíba, pois, inicialmente, Candeira Filho reflete sobre o logradouro mais importante da cidade, segundo ele. “Não existe em Parnaíba logradouro mais importante do que a Praça da Graça, cuja história praticamente se confunde com a da própria cidade” (Candeira Filho, 2008, p. 21). Retoma também as memórias de fundação da Vila de São João da Parnaíba. Relembra o dia em que tomou posse na APAL e, ao final do livro, traz algumas iconografias de personalidades da elite local.

Já na obra de Pádua Marques, *Vinte contos para Simplício Dias*, o autor traz em tom de humor e ficção baseada na história tradicional e positivista em torno da figura de Simplício Dias. Assim, “Simplício Dias da Silva estava, como se dizia entre o cais do Porto e os confins dos Tucuns, com o pé na cova da Igreja da Graça [...] a língua pesava dentro da boca desdentada, e os olhos cinzentos e frios [...]” (Marques, 2020, p. 57). E, ao final do livro, encontramos também a passagem da espera de Simplício Dias por Napoleão Bonaparte na Batalha da Pedra do Sal e após dez dias nenhum soldado apareceu, então, “Napoleão deve ter desistido com medo. Só podia ser!” Então, para o autor a vida literária parnaibana estava necessitando de uma sacudida bem forte, mexendo nos baús da história política, social e econômica.

Assim sendo, os literatos utilizados neste trabalho atuam no regime antigo de historicidade, pois encontram-se ligados ao passado da cidade, na qual não conseguem vislumbrar um futuro notável como ao período em que se encontram. Nesse momento, o passado não lança uma luz ao futuro pela ideia de viver um tempo estável. “O horizonte de expectativas é muito restrito neste regime, pois os acontecimentos tomam formas – ao menos em sua aparência – pouco ou nada diferentes das mesmas formas antigas” (Melo, 2016, p. 242).

Décadas mais tarde, surgiu um jornal intitulado *O Bembém*, nome esse ligado a figura de Benedito dos Santos Lima, apelido carinhoso que Benedito recebera de seus amigos. Tal

jornal foi idealizado por Benjamim Santos. Natural de Parnaíba, Benjamin Santos passou grande parte de sua juventude fora de sua cidade natal e quando retornou, iniciou uma década de intensa atividade artístico-intelectual, atuando como dramaturgo, secretário municipal de cultura e editor-jornalista de *O Bembém*, um jornal criado em 2008 para tratar de sua cidade querida. E foi tratando de Parnaíba que o jornal passou a discutir assuntos relacionados à cultura, à história, ao patrimônio, à arte e à memória, procurando renovar os enfoques que eram dados até então pelos meios intelectuais tradicionais da cidade.

Benjamim Santos, como filho de Benedito dos Santos Lima, cresceu em um meio frequentado pela intelectualidade local. Constituída basicamente por homens da classe média parnaibana, os sujeitos que faziam parte deste grupo restrito atuavam na cidade como professores, funcionários públicos, empregados de companhias de exportação, estudantes e profissionais autônomos (Cavalcante Júnior, 2017, p. 100).

Ao analisarmos o jornal *O Bembém*, pode-se perceber que ele se relaciona de uma forma contraditória com o tempo. Se por um lado a publicação foi criada para ser uma espécie de atualização do *Almanaque da Parnaíba*, por outro o jornal também começou a abrir-se para novas práticas discursivas entre os quais podemos encontrar algumas adotadas por historiadores com formação acadêmica e pós-graduados em programas de mestrado e doutorado. Assim “a imprensa exerceu um papel de destaque nesse contexto de efervescência cultural em Parnaíba e pensar o papel desses jornais para a cidade estimula reflexões sobre a relevância da história parnaibana para seu público de leitores e leitoras (Fialho; Ribeiro, 2021).

Todavia, essa escrita de cunho inovador para o jornal ainda permanece como exceção e não regra, pois ainda encontramos em várias edições de *O Bembém* matérias voltadas para o passado glorioso de Parnaíba. Contudo, o jornal ganhou uma nova guinada a partir da edição de número 34, de 21 de Outubro de 2010, quando o professor Idelmar Cavalcante<sup>14</sup> deu início a uma coluna chamada “Saliências”<sup>15</sup>, no qual o autor não se prende a Parnaíba, nem do passado e nem da atualidade, pois, ao analisarmos o seu texto, podemos classificar como uma crônica narrativa, na medida em que encontramos uma trama com personagens em um tempo e espaço determinados. Assim, temos a literatura como benefício para história, e, desse modo, podemos “[...] apreender as possibilidades históricas não-realizadas ou que poderão vir a ser realizadas” (Cavalcante Junior, 2010, p. 52). Esses textos, elaborados de forma bastante subjetiva, nos

---

14 Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí – Teresina; Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí - Teresina e; Doutor pela Universidade Federal do Ceará – Fortaleza.

15 Edição do Jornal *O Bembém* Nº 34, de 21 de Outubro de 2010.

permitem construir um rico painel de sensibilidades que no futuro poderão servir como fonte para se perceber os modos de sentir de uma época.

Diante de tal perspectiva, encontramos também no jornal matérias escritas por Frederico Osanan<sup>16</sup> ser atuante nos temas como cultura, comportamento juvenil e cinema, o mesmo analisa e admira a obra de Diego Mendes Souza. Com isso, o jornal<sup>17</sup> ganha mais um toque de inovação, que é a análise de obras por alguém que estuda e está sempre procurando entender e contribuir com os escritores.

Nesse percurso, temos também a chegada do professor historiador Me. Josenias dos Santos Silva<sup>18</sup> que leva para o jornal<sup>19</sup> a matéria intitulada “O moderno em Parnaíba”, na qual o autor busca entender o sentido da modernidade em Parnaíba no século XX. Nessa matéria, diferente da escrita dos memorialistas que trazem uma escrita nostálgica, o professor e historiador Josenias fala do passado de Parnaíba, mas não com saudosismo e nostalgia, pois “[...] se quisermos flagrar o passado de uma sociedade devemos observar os conjuntos de referências que fazem de si, imagens que muitas vezes revelam menos do que se é do que daquilo que deseja ser, que falam menos do presente do que do futuro”.

[...] o tempo parece desacelerar-se na cidade. Parece perder o ímpeto que existia nos anos vinte, trinta e quarenta. O presente vivenciado na segunda metade do século XX se esvazia; o futuro perde a capacidade de inspirar novas expectativas e o tempo, antes motivo de euforia, transforma-se num estranho labirinto que não oferece mais um destino digno de confiança, pelo contrário, com o passar desse tempo a cidade se esvazia cada vez mais, tornando-se, numa expressão já consagrada entre a população parnaibana, a “cidade que já teve” (Cavalcante Júnior, 2015, p. 117).

Na última edição de 2013, Nº 72, de 21 de dezembro, temos mais um professor historiador para o jornal *O Bembém*, Leandro de Castro<sup>20</sup>, com a matéria “*O Bembém* e o espaço para a nova historiografia de Parnaíba”. Com isso, o autor busca evidenciar a necessidade de a nova historiografia chegar aos cidadãos, e *O Bembém* acaba se tornando uma ferramenta chave para isso. Assim, “[...] A produção historiográfica da cidade precisa, portanto, de mais espaços

---

16 Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí (2003). É especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2005). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2007). Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (2012).

17 Edição do Jornal *O Bembém* Nº49, 21 de Janeiro de 2012.

18 Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Piauiense - FAP (2009). Possui mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí -- UFPI (2012).

19 Edição do Jornal *O Bembém* Nº 67, 21 de julho de 2013.

20 Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí – Parnaíba; Mestre pela Universidade Federal do Piauí – Teresina e; Doutorando pela Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro.

de divulgação e discussão tais como o aberto pelo periódico *O Bembém*. [...]”. Com isso, percebemos como o jornal pode ser uma porta aberta para quem quiser conhecer a nova historiografia, pois além de contar com historiadores de formação, é um periódico que pode chegar facilmente ao povo.

Temos também a participação do professor historiador Francisco Nascimento<sup>21</sup> na edição de Nº 98, 21 de fevereiro de 2016, em uma matéria “Um Centro que é Histórico” com um depoimento. Segundo ele, “O Centro Histórico da cidade de Parnaíba é um lugar que congrega diversos olhares.”, pois, ao analisarmos essa frase, percebemos o olhar de quem ver pela classe trabalhadora e escava, e aquele que enxergam pelo olhar da elite. Mas, contudo, é o lugar que guarda uma memória.

Assim, o esforço destas memórias parece ser análogo à ingrata tentativa de sustentar a estrutura de um edifício comprometido, que a qualquer momento pode vir abaixo. Neste caso, um tempo-demolidor estaria executando dois movimentos complementares: enquanto afasta os parnaibanos de seu passado de riqueza, desagregando também toda a infraestrutura e serviços que a cidade chegou a possuir enquanto importante centro capitalista que foi; conduz também a um futuro para o qual eles teriam poucas expectativas otimistas (Cavalcante Júnior, 2015, p. 118).

Assim sendo, a perspectiva temporal que elucida esta pesquisa está voltada em analisar as práticas discursivas em torno de uma Parnaíba ideal que sobrevive no imaginário da elite conservadora e tradicional e as novas narrativas historiográficas que surgem à medida que novas pesquisas surgem no âmbito da academia. Com isso, podemos perceber, em grande medida, os literatos se mantêm apegados à memória tradicional de Parnaíba e buscam sempre retomar ao seu passado glorioso, contudo, a partir do momento em que há a institucionalização do curso de História da UESPI de Parnaíba e as pós-graduações em nível de mestrado e doutorado, as pesquisas acadêmicas dão um novo olhar historiográfico à cidade de Parnaíba e às histórias que por ela são contadas. A partir desse momento, a memória dos escravos, dos sapateiros, das lavadeiras de roupa e demais personagens históricos que ficam a margem ou nas entrelinhas da história passam a ser visto e valorizados com as pesquisas de historiadores profissionais, tais como: “Por dentro da História: Mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba” (1930-1950), tese escrita pela Dra Mary Angélica Costa Tourinho; “Memórias do Cais: Parnaíba, a cidade o rio e a prostituição” (1940-1960), dissertação escrita pelo Dr.

---

21 Graduado pela Universidade Estadual do Piauí- Parnaíba; Mestre pela Universidade Federal do Piauí – Teresina e; Doutor pela Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, parceria com a Universidade Federal do Piauí.

Erasmo Carlos Amorim Morais; “Parnaíba e o Avesso da Belle Époque: cotidiano e pobreza” (1930-1950) dissertação escrita pelo Me. Josenias dos Santos Silva, dentre muitos outros trabalhos que foram produzidos pela universidade.

## CAPÍTULO 2

### POR ESSES BAIRROS EXISTE HISTÓRIA: SE MEMÓRIAS DO BAIRRO FOSSEM NOSSAS

#### **3.1 Contando, recontando e construindo memórias**

O presente capítulo trará uma abordagem acerca da construção dos bairros em Parnaíba e como essa construção contribui para a formação da História Local da cidade. A partir da análise das fontes, buscaremos fazer com que os alunos se sintam pertencentes e conhecedores de sua história e da história de sua família. Pois, ao se estudar História como disciplina, muitas vezes não se considera o fato da História Local estar diretamente ligada à história pessoal dos sujeitos ao tempo em que esta também se relaciona com a História Nacional.

Assim, buscaremos, por meio da análise de manchetes dos jornais, instigar o aluno a conhecer melhor a história constituinte do seu bairro e como este contribui para a manutenção de uma História Local em que a elite é detentora de poder. De antemão, iremos começar o entendimento pela história do bairro da escola e, posteriormente, pela história do bairro em que o aluno habita.

Para confrontar tal perspectiva devemos ter em mente que os materiais didáticos utilizados em grande medida pelos professores são os livros didáticos distribuídos pelas secretarias de educação de cada município e estado. Contudo, tais materiais nem sempre contemplam aspectos relevantes sobre a História Local de determinada cidade, com isso, muitas vezes, a História Local vai passando despercebida e até mesmo deixada de lado por falta de recursos didáticos.

O livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores. É importante destacar o livro didático como objeto da indústria cultural impõe uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor [...] (Bittencourt, 2003, p. 71).

Nesse caso, nós utilizaremos um jornal de circulação local com foco em uma abordagem tradicionalista da história da cidade que com o tempo foi se abrindo para novas perspectivas e escritores. Assim, ao usarmos tais recursos, romperemos também com a barreira da aula

tradicional em que o professor é detentor absoluto do conhecimento na qual o aluno apenas assiste e “aprende” o que estaria sendo ensinado.

Diante da problemática do ensino de História com o livro didático, nós iremos nos ater às histórias de vida por meio da oralidade e das fontes históricas que temos em mão, com destaque ao jornal *O Bembém*, que a priori surgiu com um caráter elitista, mas que, ao decorrer de nossas análises, percebemos que se abriu para as novas formas de se escrever a História.

Com isso, a utilização de “[...] variados materiais podem ser também facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de linguagens específicas” (Fernandes, 2017, p. 295). Assim, nós utilizaremos reportagens presentes no jornal *O Bembém* e, a partir disso, iremos promover debates sobre as mudanças no espaço-tempo em questão e atualidade. Desse modo,

Como material pedagógico, textos, fotos, mapas ou objetos passam a ter funções diferentes da sua finalidade original, mas é importante que suas metamorfoses sejam conhecidas e trabalhadas nas situações de ensino, para que não fiquem esvaziados de seus percursos e significados sociais (Fernandes, 2017, p. 296).

Nesse sentido, toda fonte terá significados e inquietações diferentes, dependendo do olhar em que lhe for analisado. Assim, uma imagem traz simultaneamente várias perspectivas, mostrando o porquê de ter sido tirada de um determinado ângulo e o que queria esconder. Diante disso, o olhar do historiador deve estar atento aos destaques e silenciamentos.

Sendo assim, a proposta que visa contemplar este trabalho está em dialogar com as vivências dos alunos e a História Local de Parnaíba, buscando confrontar os discursos que circundam ambos os lados e observar em que medida se aproxima ou se afastam. Desse modo, inicialmente iremos refletir sobre o papel dos bairros com a história da cidade para que possamos identificar os processos históricos de formação da cidade. A partir de pesquisas e levantamento de fontes com a turma, iremos elaborar o projeto de uma sala temática, com resultados da referida pesquisa.

Diante do exposto, iremos, a partir de agora, dialogar com algumas manchetes e reportagens do jornal *O Bembém*, que servirão de norte para os professores de História da Educação Básica a fim de construir uma nova perspectiva sobre a História Local e reconstruir, por meio do olhar do aluno pesquisador, a nova história de Parnaíba. Assim:

[...] cultivar procedimentos de pesquisa; explorar métodos de coleta de dados; desenvolver atitudes questionadoras para aprender a interrogar obras, seus

usos e suas mensagens; indagar suas relações com indivíduos, grupos, locais e sociedades; interpretar discursos; analisar representações; entre outras possibilidades (Fernandes, 2017, p. 296).

Desse modo, iremos abrir as discussões com uma reportagem sobre os bairros de Parnaíba, seguidamente a essa matéria, temos sua continuação nas edições seguintes do jornal. Essa é uma sequência de publicações feitas por Sólima Genuína<sup>22</sup> e o olhar da escritora sobre cada bairro. A partir dessa matéria, as edições que se seguem do jornal abordam cada bairro com suas particularidades. Com isso, iremos analisar como a autora aborda cada bairro e como isso se reflete na História Local de cada bairro e os tributos a História Local da cidade.

Com isso, as matérias começam com o bairro São José. O que se sabe sobre o bairro São José? Algumas pesquisas historiográficas, que saem de dentro da academia, dão ênfase aos tucuns e sua contribuição para a construção da História Local de Parnaíba. Tal região é denominada como uma área pobre da cidade, que abrigou diversas abordagens às margens do rio Igaraçu no período do auge econômico da cidade. Diante de tais afirmações, o professor mediador irá instigar os alunos à pesquisar sobre a história desse bairro, confrontando o que já se sabe com a memória dos moradores locais e as pesquisas desenvolvidas pela historiografia mais recente.

Dando seguimento a análise das manchetes de jornais, o professor irá mediar um debate sobre o bairro Nova Parnaíba por meio do que pode ser percebido na matéria. O que é um bairro planejado? O que faz do bairro Nova Parnaíba um bairro planejado? Quais características encontradas nesse bairro não estão presentes nos outros? O que está presente na imagem refletida sobre o bairro? Em qual parte do bairro está localizado tal construção? E por que essa imagem foi utilizada para representar tal bairro? Estas são alguns dos muitos questionamentos que podem ser abordados por meio da matéria do jornal sobre o bairro Nova Parnaíba.

Seguindo as manchetes do jornal, vamos para o bairro de Fátima e iniciamos a discussão com a seguinte questão: Para o parnaibano, o que seria um relicário de fé? A abordagem jornalística sempre busca silenciar ou dá ênfase em algo. Diante de tal perspectiva, o professor mediador poderá indagar os alunos sobre quais as principais características do bairro de Fátima conhecido pelos alunos e quais informações estão sendo abordadas na fonte histórica. Sendo assim, por meio da mediação entre o que se tem sobre o bairro e o que será de fato pesquisado pelos alunos, serão selecionados os principais pontos para a construção da imagem do bairro e posteriormente uma nova abordagem no desenvolvimento do jornal.

---

22 Filha de Benedicto dos Santos Lima, criador do *Almanaque da Parnaíba*. Escrita e jornalista pertencente ao Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba – IHGGP.

Uma foto, por exemplo, registra um instante, recorta uma paisagem, constrói um olhar para o mundo. Quando a produziu, o autor teve uma intenção, mas quem a observa sobre o papel ou na tela de um computador pode ir além das expectativas projetadas para ela inicialmente. O novo observador pode captar ou sobrepor, ao registro fotográfico, outros sentimentos e interpretações (Fernandes, 2017, p. 297).

Com isso, o olhar se sobrepõe ao que está sendo exibido e a análise nasce em meio a crítica do que se vê ou não. Sendo assim, o aluno pesquisador, com as devidas instruções dadas pelo professor mediador, diagnosticará os silenciamentos e compreenderá o que estar sendo mostrado com determinado ângulo ou recorte.

Para finalizar as reportagens sobre os bairros, encontramos a reportagem sobre o bairro Mendonça Clark, que nasce praticamente no centro da cidade de Parnaíba no antigo mercado da “Quarenta” e, com o passar dos anos, ganhou uma edificação pública para o mercado de uso da população. Esse é mais um bairro que recebe um olhar marginalizado. Contudo, o jornal não abrange em sua totalidade os bairros da cidade ao tempo que seleciona a forma como tais bairros são mostrados para seu público leitor.

Tendo em vista tal perspectiva discursiva, o professor/mediador irá confrontar as informações sobre os bairros que perfazem o jornal com as informações que os alunos sabem para que, ao final na reunião de todas as informações, possamos perceber as diversas abordagens que aparecem sobre os bairros que compõem a cidade.

Dessa maneira, a proposição de análise das reportagens de *O Bembém*, em diálogo com o livro didático *Parnaíba: cidade da gente*, poderá ser aplicada em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II com o intuito de debater as questões acerca da história tradicional parnaibana e como o professor mediador poderá contribuir para a mudança do olhar desses agentes históricos.

Contudo, para que essas discussões possam acontecer, devemos também ter a percepção de como essas matérias se constituem ao longo do tempo em relação à apresentação dos bairros pelos seus moradores e, até mesmo, como aparecem em outros jornais. Como já conseguimos perceber, nem todos os bairros são contemplados em nossa fonte de análise.

Devemos nos ater às questões presentes nos bairros que são discutidas no jornal e, assim, analisar as permanências e transformações presentes nesses bairros, tendo em vista as manutenções de poder na esfera local e, até mesmo regional, dialogando com as questões estruturais e desenvolvimentistas que se agregam aos bairros da cidade.

Diante dessas questões, podemos incitar nos alunos questões que norteiam a sua realidade social, que se mantêm desde seus antepassados até o momento da discussão em sala de aula. Pois, ao nos referirmos a determinados bairros que por hora são marginalizados, podemos analisar como essa questão vem se desenvolvendo ao longo dos anos.

Sendo assim, o diálogo entre a realidade social do sujeito histórico e a fricção com as fontes que fazem parte desse cenário e contam essa história será refletida por meio das atividades propostas pelo professor em sala de aula. Tendo em vista que as histórias vivenciadas e retratada por esses personagens por vezes é diferente da história que se faz presente em documentos oficiais.

Assim, ao levantarmos questões como essas, buscamos propagar na mente desses alunos que, ao se elegerem como tema privilegiado da história, a compreensão da sua história pela História Local é de fato mais artística e rompe com os padrões criados pela sociedade, na qual o foco do que se é repassado e ensinado está nos grandes heróis e nas personalidades da elite.

Posto isso, o professor da disciplina de História tem um desafio que é o de fazer esse aluno ter contato com o conhecimento que é tido como circunstancial ou abstrato, mas que é apreendido no dia a dia, nas vivências do aluno e transformar em uma aprendizagem significativa. Desse modo, partindo da realidade vivenciada em sala de aula, na qual não faz sentido ao aluno alguns conteúdos da disciplina, correlacionar o ensino de História e a História Local interfere diretamente na qualidade do conteúdo que será absorvido. Com base nisso, segundo Freire “[...] à medida em que um método ativo ajude o homem a se conscientizar em torno de sua problemática, em torno de sua condição de pessoa, por isso de sujeito” (Freire, 1967, p. 119).

Contudo, essa prática de sala de aula não propõe transformar um aluno do Ensino Fundamental maior, com ênfase nos alunos de 9º ano, em historiadores profissionais, porém, essas atividades visam desenvolver nos alunos uma análise crítica do meio social em que vivem, compreendendo que os conflitos, a economia e os modos de vida são concepções de seu tempo e que as formas de sociabilidades tidas anteriormente são diferentes de hoje, mesmo com algumas permanências e assim se utilizarem de “[...] suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem” (Bittencourt, 2008, p. 295).

Assim sendo, as atividades propostas à seguir visam contribuir para que o professor consiga desenvolver sua função de mediador do conhecimento além de promover aulas mais dinâmicas e atrativas para que o senso crítico dos alunos seja desenvolvido da forma mais natural e contemplativa das habilidades exigidas nos documentos oficiais que regem a educação brasileira, em específico a do Piauí em Parnaíba.

### **3.2 Apresentação das atividades**

#### **Objetivos gerais das atividades:**

- Refletir sobre o papel dos bairros em que as escolas estão situadas e suas relações com a história da cidade;
- Identificar processos históricos de formação do bairro, a partir de pesquisas e levantamento de fontes com a turma;
- Organizar e analisar o material levantado durante a pesquisa;
- Elaborar uma sala temática para culminância da atividade.

#### **Habilidades a serem desenvolvidas (de acordo com a BNCC – Currículo Piauí):**

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil, relacionando com os acontecimentos no Piauí e sua modernização.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e o processo de modernização do Piauí.

#### **Duração da atividade: 4 meses**

1º MÊS: Atividade 1

2º MÊS: Atividade 2

3º MÊS: Atividade 3

4º MÊS: Atividade 4

#### **Conhecimentos prévios (conforme a BNCC):**

- Unidade Temática: O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.
- Objetos de conhecimento: Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo.

## Atividade 1: As matérias de jornal e o registro das vivências históricas

### A) Introdução

Nesta atividade iremos fazer a análise de matérias do jornal *O Bembém* acerca dos bairros, com o intuito de valorizar os registros referentes às vivências históricas e valorizar os registros fotográficos como patrimônio histórico, pessoal e coletivo, além de apreender as experiências históricas de indivíduos e grupos sociais. Desse modo, a realização dessa atividade se realizará em duas etapas, ao final das quais se pretende associar a análise das matérias de jornais e as fotografias presentes nelas juntamente ao conhecimento da escrita e das narrativas sobre a história dos bairros da cidade de Parnaíba-PI

### B) Materiais

1. Letras de músicas impressas
2. Caixa de som
3. Pincel e quadro
4. Livro didático *Parnaíba cidade da gente*
5. Sete manchetes do jornal *O Bembém*
6. Ficha de informação
7. Ficha de identificação
8. Ficha de análise de fonte
9. Ficha de registro
10. Ficha de informações sobre as manchetes do jornal
11. Folhas de papel, fita adesiva, caneta hidrocor e tesoura.

### C) Orientações para as atividades

#### Atividade 01

1. Individualmente, os alunos serão convidados a destacar com caneta hidrocor, nas letras das músicas que serão entregues em sala, o que mais chama sua atenção sobre as características de seu bairro presente na música.
2. Em seguida, os alunos irão preencher, individualmente, uma ficha de identificação referente às questões sobre a localização de seu bairro e a escola, fazendo uma reflexão sobre o bairro em que sua escola está inserida
3. Logo depois, o professor fará a leitura dos trechos e poderá utilizar o recurso musical e levar uma caixinha de som para que os alunos ouçam a música completa.

4. Após essa análise, o professor e os alunos também utilizaram o livro didático para analisar como seus bairros aparecem nas páginas do livro e como podemos realizar as informações que sabemos sobre o bairro e o que consta no livro.
5. Ao final desta etapa, haverá um debate sobre a perspectiva dos alunos sobre seus bairros, e como isso pode influenciar diretamente sua vida. As principais respostas serão anotadas no quadro para que seja feita uma análise mais detalhada das respostas dos alunos e, assim, dar continuidade na próxima etapa da atividade.

#### D) Anexos da atividade 01

##### **O MEU BAIRRO (Fernando Tordo)**

Há dias passei no meu bairro e veio-me à ideia  
 Tocar às portas todas para saber quem lá mora  
 Depois pensando bem achei que tinha enlouquecido  
 Já ninguém procura ninguém prefere ser esquecido  
 Um bairro cola-se à memória como a lapa à rocha  
 Só não se lembra do passado quem está falecido  
 Ou tem qualquer doença antiga agora descoberta  
 Um bairro tem forma de amigo com a porta aberta  
 (...)

Um bairro é um estalo na cara do tempo perdido  
 Um safanão dos grandes como quem diz "acorda!"  
 Lá vou eu avenida abaixo a caminho da escola  
 Mentira, é tudo mentira... Ia jogar à bola  
 (...)

Passou o tempo mãe, só tu ficaste no meu bairro  
 Como hoje entendo que só tu quisesses ter ficado  
 É para ti esta cantiga de amor e raiva  
 Para o número sete, primeiro esquerdo da Acácio Paiva.

**Fernando Tordo** é um cantor e compositor português.

Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/fernando-tordo/1811881/letra/>.

**MEU LUGAR (Arlindo Cruz e Mauro Diniz)**

(...)

O meu lugar

É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor

E cerveja pra comemorar

(...)

Ah lugar

A saudade me faz relembrar

Os amores que eu tive por lá

É difícil esquecer

Doce lugar

Que é eterno no meu coração

Que aos poetas traz inspiração

Pra cantar e escrever

Ai meu lugar

Quem não viu Tia Eulália dançar

Vó Maria o terreiro benzer

E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar

Tem mil coisas pra gente dizer

O difícil é saber terminar

(...)

**Arlindo Cruz, Mauro Diniz** são cantores e compositores brasileiros

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/1249031/>.

**PEDRA DO SAL (Teófilo Lima)**

Ouvi dizer de uma bela ilha  
De um pedaço pedra do sal  
Com tesouros escondidos e um farol  
Pedaços de uma maravilha líquida  
Se debatendo contra a pedra e o Sol  
Fazendo desse casamento o sal  
E assim fez e assim nasceu o pedral  
A pedra e o Sol  
A pedra, o mar e o Sol  
Assim se fez pedral  
A pedra e o Sol  
(...)  
(...)

Um dia ouvi dizer de uma bela ilha  
Com Parnaíba sempre a lhe abraçar  
Lhe contornando, lhe beijando até o mar  
Um dia eu fui naquela bela ilha  
E vi que é mais bonito que no jornal  
Vi que todo mundo, todo dia tem a pedra do sal  
Vi que todo mundo, Parnaíba tem a pedra do sal  
E você vai um dia na pedra do sal  
Vi que todo mundo, todo dia tem a pedra do sal  
A pedra e o Sol  
A pedra, o mar e Sol

**Teófilo Lima** cantor e compositor brasileiro.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/teofilo-lima/223595/>.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Em que bairro está situada sua escola?

Qual a importância da escola para o bairro?

Você mora no mesmo bairro da escola?

Quais os principais bairros que a escola atende?

O que você sabe sobre a história da escola e seu bairro?

## Atividade 02: A História viva dos bairros

A partir dessa etapa, o professor irá selecionar as matérias do jornal que mais chamaram atenção no quesito de manutenção da história de Parnaíba, pelo viés historiográfico tradicionalista, e as novas pesquisas a respeito da História Local que aparecem nos jornais e apresentar aos alunos com o intuito de confrontar as informações obtidas por eles na etapa anterior e como a fonte histórica apresenta tais questões.

Ao final da discussão sobre o bairro em que a escola está localizada, nós iremos adentrar ao diálogo com a formação dos bairros em que os alunos residem, no qual o jornal traz diversas matérias englobando a formação dos principais bairros da cidade e aqueles que foram formados inicialmente na cidade de Parnaíba. Contudo, o professor mediador deverá ter em mente que a abrangência dos bairros não vai conseguir alcançar a todos os alunos, então, a partir daí será levantada uma discussão sobre o motivo de alguns bairros não entrarem nas reportagens do jornal e qual a interferência de tal problemática na abordagem da História Local.

Nessa atividade, analisaremos sete matérias do jornal que remetem à época de sua formação como informações atualizadas de como esses bairros se encontram hoje. Com isso, buscamos associar a análise das fotografias das matérias ao conhecimento e à escrita de narrativas sobre a História dos bairros que completam a formação da cidade de Parnaíba-PI.

### Organização da atividade

- 1) Neste momento, iremos problematizar a localização da escola por meio de reportagens presentes em *O Bembém*. Para isso, iremos levar para a sala de aula as edições do jornal local com reportagens sobre os bairros para que os alunos possam perceber, por meio de seus conhecimentos prévios, o que se fala sobre o bairro de sua escola e o que está presente nas páginas dos jornais.
- 2) Após a análise, os alunos serão divididos em grupo para preencher uma tabela com as informações encontradas nos jornais a respeito da escola ou do bairro em que a escola está situada.
- 3) Os grupos irão apresentar suas fichas preenchidas, seguido de debate mediado pelo professor com intuito de contrapor as informações obtidas nos jornais e os conhecimentos prévios que os alunos têm do bairro em que sua escola está inserida.
- 4) Após a realização dessa atividade em sala de aula, individualmente, os alunos devem produzir ou recolher de seu acervo pessoal uma foto que possa compor uma linha do tempo da história do seu bairro. Cada foto deve ter um pequeno texto redigido pelo

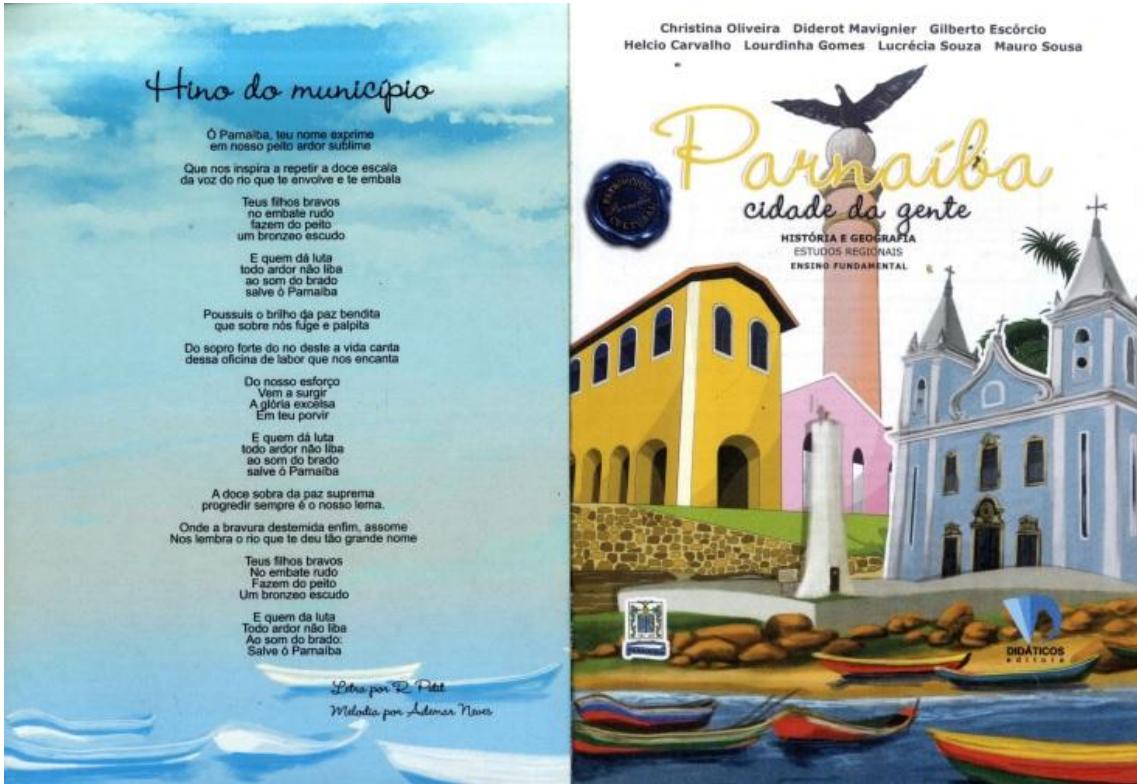
próprio aluno com o intuito de reproduzir uma matéria de jornal. Assim, o aluno irá expressar seu trabalho através da seguinte pergunta: Que outras histórias dos bairros de Parnaíba essas novas fotos nos permitem contar?

- 5) Ao final desta atividade, os alunos criará uma exposição em sua sala para que os demais alunos da escola possam se reconhecer nas histórias dos bairros que estão sendo contadas nas manchetes do jornal *O Bembém* e as novas histórias produzidas pelos alunos.

#### E) Anexos da atividade 02

| Ficha de análise de fonte  |   |
|--|---|
| Qual o título da matéria do jornal?  | <hr/>  |
| Qual a data de sua publicação?   | <hr/>   |
| Onde ele foi publicado?  | <hr/>   |
| De quem é a autoria da matéria?  | <hr/>   |
| Quais as informações que o grupo considera como mais importantes na matéria? | <hr/> <hr/>   |
| Como a matéria do jornal apresenta o bairro onde está situada sua escola?    | <hr/> <hr/>   |
| Quais informações sobre o bairro o grupo gostaria de acrescentar na matéria? | <hr/> <hr/>   |

Figura 1 – Livro *Parnaíba cidade da gente*



Fonte: Acervo de Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 2 – Matéria *Parnaíba e seus bairros*

**Parnaíba e seus bairros**  
(uma introdução)

*Sólima Genuína*

A Parnaíba, como área urbanizada, tem o seu estilo particular de costumes, mostrando ao longo dos tempos seus estágios de crescimento, quer social quer econômico. A partir desses estágios vemos o seu desenvolvimento como uma verdadeira urbe. Daí parte-se para uma análise comprometedora do progresso de cada parte para chegarmos ao todo. De cada bairro para a cidade em si.

De acordo com a classificação do IBGE, a Parnaíba se estabelece como uma cidade de médio porte. Em sua estrutura física de 435.570 km<sup>2</sup>, repartida em zona urbana e rural, abriga uma população de 145.705 habitantes (Censo 2010), distribuídos em 32 bairros, conforme Planta do Guia Turístico 2012. Caminhar pelos bairros da cidade nos impressiona a maneira de ser de seus moradores, caracterizando a sutileza específica de cada um e evidenciando sua maneira de ser.

É notório o ditado popular: "Não se ama aquilo que não se conhece". É muito agradável percorrer a Parnaíba através de seus bairros, para melhor conhecê-la. Fica evidente aquela alegria popular em interagir com pessoas outras; o anseio de ser agradável e falar ou mostrar aquilo que seu bairro possui é o diferencial de outros. Na comunicação própria de seus moradores no dia-a-dia, percebe-se a simplicidade de vida ou os ideais que estão arraigados na consciência coletiva.

Diante desta averiguação, surgiu-me a ideia de pesquisar os bairros da cidade e ao andar em alguns e constatar que me eram totalmente desconhecidos. Notei que me sentia como se estivesse presente em outra cidade, que não a Parnaíba. Passei a frequentar locais e conversar com seus moradores, a fim de mostrar, neste jornal, como é múltipla a diversidade de hábitos nos vários recantos da cidade, apenas, com o propósito de criar uma aura de afinidade e afinidade.

Assim, visitei o bairro do Carmo, aberto ao belo rio Igarapé. Difícil imaginar aquela gente sem o correr manso do rio. Com seus 2.300 habitantes, representam 15,79% dos parnaíbanos. É mais frequentado na avenida Iberirinha, nos seus bares e restaurantes. Afora isso, esconde em suas ruas estreitas e em sua estrutura física, a história dos primórdios da indústria parnaibana.

O Cantagalo é singelo e símbolo do esquecimento da sociedade parnaibana. Por lá não se apresenta o dinamismo das autoridades. Poucos são os que o visitam. Sua população representa apenas 0,247% de nossa gente. Apesar do abandono é cativante chegar-se, por exemplo, ao trapiche com seu silencioso linguajar que vem do rio.

Já o bairro São José apresenta-se com uma estrutura mais moderna nas proximidades do centro urbano. Mas, à medida que se adentra pelo bairro, a fisionomia muda e, chegando-se em seu extremo, exibe um aspecto rural. São José representa 38,27% da população parnaibana.

Contudo, o desasco maior das autoridades observa-se na Ilha Grande de Santa Isabel. Será tão difícil voltar o olhar para esta ilha, cujos moradores são 3,45% dos parnaíbanos e guarda em seu interior, tão belos recantos? Basta lembrar que é a maior ilha do Delta do rio Parnaíba e fica tão pertinho de nós com sua ponte carente de recuperação.

Assim, como constatamos nos bairros acima mencionados, a vida flui em cada recanto da cidade, com suas várias peculiaridades, seus anseios, vigor, suas belezas que precisam ser valorizadas. Pois em cada bairro moram o ideal e os bons propósitos a serem descobertos.

A Parnaíba é então, sua população, sua gente. Somos nós que fazemos a cidade. Portanto, ela é coletividade alva é a força geradora de progresso, de bem-estar. Mas, para caminharmos bem, torna-se necessário uma boa administração. Aquela que interage com a população e que retrata o amor à comunidade com ações positivas. Para vermos o tão desejado progresso da cidade é importante pensarmos em cada uma de suas divisões urbanas. Se a administração apresentar-se preocupada com o bem-estar social, então teremos uma Parnaíba rumo ao verdadeiro desenvolvimento. Será maravilhoso se passarmos a visitar os bairros, não só para conhecermos suas realidades, mas, sobretudo para criarmos um laço afetivo, estendendo-se a toda a Parnaíba. É a hora do dinamismo, da integração. Avante, Parnaíbanos!

Fonte: Sólima, 2012 In: *O Bembém*. ed. 55. n. 55. p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 3 – Matéria *Os Tucuns, hoje São José*

4 *Uma semente lançada em boa terra produz. Um princípio lançado num bom espírito produz.*  
Blaise Pascal

**Os Tucuns, hoje São José**

Nesta edição, Sólima Genuina continua seu passeio de observação pelos bairros da Parnaíba. Nesta série, em que já visitou o Carmo e o Cantagalo, faz-se um retrato de pedágio da Parnaíba de hoje pedágios que formarão, no final, um grande painel da cidade. Agora é a vez de São José, nome que lhe coube quando excluíram seu nome de origem, o antigo e delicioso Tucuns, aliás: Os Tucuns. É o velho reduto ribeirinho virou São José. Dos bairros mais antigos e tradicionais, é o mais isolado da PHB. Com exceção das suas primeiras vias, à Álvaro Mendes e a Padre Castelo Branco, onde o trânsito é mais intenso, São José é um bairro de características muito específicas e que o distinguem de todos os outros. Nela não há pontos turísticos, como no Carmo, cheio de bares e restaurantes na Beira-Rio; nem possui, por dentro, vias de passagem como a Nova Parnaíba. São detalhes que fazem de São José um bairro isolado, quase fechado em si mesmo. Por lá não passa nenhuma linha de ônibus e, no miolo do bairro, não se vê um hotel, uma pousada, uma pensão. Além dos moradores, só vai a São José quem tem negócios por lá, trabalha lá, ou frequenta a igreja, o centro espiritual, os templos evangélicos ou o Cornélio, famoso restaurante de caranguejadas. Prá completar, nemhumas das ruas internas tem placa indicando seu nome e, em tempo de cheia, as ruas ficam tomadas de água, como em 2009, quando quem morasse lá pra baixo tinha de vir de canoa pela Vera Cruz, ou pela Pacifico. Mas seus moradores são muito apegados ao bairro. A maioria é formada por famílias que nasceram ali e ali vivem. É tradição pura, como, no dia 2 de Fevereiro, em que pelas portas ou muro de casa acendem-se velas em devocão a Nossa Senhora das Candeias. Em tempo de Arraial ou de Carnaval, todos se unem em torcida por seus Bole e sua Escola de Samba. É uma gente que vem da antiga, do tempo em que o lugar começou a ser povoad, reduto de barqueiros, reimeiros, vareiros, calafates e muitos e muitos porcos-d'água.



Fonte: Sólima, 2012 In: *O Bembém*. ed. 53. n. 53. p. 04. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 4 – Matéria *Nova Parnaíba*

8 *Em face da paixão amorosa, o raciocínio estético consegue impor-se tão pouco quanto o raciocínio moral.*  
Thomas Mann

**Nova Parnaíba**

Bairros da Parnaíba-7

Textos e fotos  
Sólima Genuina

**um bairro planejado**

Grupo Escolar Luiz Gathani, a mais antiga escola do bairro



Fonte: Sólima, 2012 In: *O Bembém*. ed. 57. n. 57. p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 5 – Matéria *Bairro de Fátima um relicário de fé*

8

Hobsbawm foi notável pela coerência, sempre. Foi um crítico do comunismo e nunca deixou de ser comunista. É uma morte lamentável. Luis Fernando Veríssimo, escritor (In Estado de São Paulo)

• *Sam&ém 58*  
PHE, outubro, 2012

## Bairros da Parnaíba-8

# Bairro de Fátima

## *um relicário de fé*

Texto e fotos  
Sônia Genuina



Fonte: Sólima, 2012 In: *O Bembém*, ed. 58 n. 58, p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 6 – Matéria Mendonça Clark

8

*Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade.*  
Michel de Montaigne

Bairros da Parnaíba-11

# Mendonça Clark

Um bairro é uma célula viva do organismo social da qual se constitui a cidade. Daí a importância que deve ser dada a cada um - e tem da saúde geral. Apresentamos Igreja e Mendonça Clark com seus valores, mando e desmandos. Vamos localizá-los por seus limites: Rio Igaraçu, o Piau Conde D'Eu, a Rua Coronel Coimbra e a Rua da Rocinha. Portanto, é um bairro que beira o centro da Parati e, como este, tem sua história inserida nos primórdios de nosso crescimento demográfico.

nosso nascimento demográfico. José de Mendonça Clark, que lhe deu nome, participou do Senado Federal pelo Piauí, de 1955 a 1968. Nascido no Rio de Janeiro, era esposo da Casa Inglesa e membro da família Clark, que impulsionou o comércio paranaense na primeira metade da século passado. Morreu em 1987, no cemitério da Quinta, o nome deste Senador da República.

Quintana, o nome desse bairro em Represa. O bairro conta com uma população de 2.573 habitantes (IBGE - 2010). Sua formação compreende avenidas largas e travessas. A principal rua de acesso é a Lula Correa, que permite o bairro de chegar para este, formando avenida circular em busca da certa da cidade. Esta não é a única via que convida ao percurso por conta de sua vista que carrega em si, principalmente a Santa Casa de Montesclima. Hoje a via conta-se fechada e é acessada por Estação do Tremembé, que, com certeza, é a maior atração turística daquela região. A estrada é linda. Fazendo o percurso de Lula Correa para trás, saímos de Ibirapuera. No cruzamento com Rua Lula Correa com a Conde D'E., foi instalado o Mercado Municipal, dividido em dois pavilhões, e, de cima e de baixo, que engloba dezenas de cestas, vende artesanato e, onde há instalado um caixa-extremista do Banco do Brasil. Nas imediações, tem uma parada de ônibus que fazem a sua volta para a cidade praiana de Luricetinho.

Logo após o Mercado foi construído o conjunto residencial João Paulo II, com um total de 200 moradias em blocos ordenados por lettras que vão de

de dar qualquer informação. Na Rua 7 de Janeiro (que hoje se chama João Goulart, num Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, em que assistentes sociais, psicólogos e educador social trabalham com projetos na prevenção da violência e das drogas).

Na área educacional, o bairro é servido por três escolas municipais: a Godofredo de Miranda, na Rua General Taunay, e a Fundamental

As diversas ruas do bairro são mais residenciais com alguns pequenos bares, mercados, oficinas mecânicas e casas com venda de espetinhos, tornando a ruá mais movimentada, com algumas famílias curtindo a ventilação nas varandas. Na de Janeiro, encontram-se uma fábrica de gelo, a Fábrica Pesqueiro Municipal e o Almoxarifado da Eletrbras. Dentro de uns degraus a artista Quarenta e esconderia o PNF, empresa de produtos de extração vegetal pertencente aos descendentes de Roland Jacob.

Iguamente rumo ao bairro São José. Na formação  
central do bairro nasce a Rua Marques do Rioval  
que desempenha um centro de cidade, bem como a Praça  
Fernando que inicia na avenida Fausto Costa. No  
quadradão central entram: o Dr. Bernardo José de Lima, bem como o Dr. Doutor N. Lamas e  
a Alberto A. Castro juntando Projetadas 74 e 75  
consecutivamente.

... torna-se importante registrar o Histórico da Rua 7 de Janeiro, nomeada como João Goulart, mas que, o povo não assimilou. Cada Passos nara no Rio. Cada dia sua história u acordou em 1960, quando o Coronel Condor de Carvalho e Sá, Governador do Piauí, cogitou depar o Conselho Municipal de Pimenta, ceste dia provocou uma reação de estudantes pimentenses feito, a vento, Constantino de Melo e Corrêa. Adda sua voz, em Teresina, essas Substituições conseguiram retercer a cidade com o apoio da pernambucana, do Conselho Municipal, ocorrendo manifestação festiva no dia 7 de janeiro daquele ano, que, infelizmente, não chegou a ser realizada.

A cultura do bairro baseia-se na participação de grupos na competição do Anual de São João da Paróquia, com o Brix Mirim, da Rússia (que está desativado desde 2011) e o Flan do Rio, o batizado de adultos da Arlinda, que é o Ano, e da artista e torcedora Lúcia. Na Série carnavalística, o bairro tem a Escola de Samba Irmãos da Ponte que, no corrente ano, completa 10 anos e, para comemorar, se associou, com o presidente Paulo Ferreira, escolhendo homenagear a cidade com a samba-irmã Ponteima uma cidade, uma história.

É com este esforço que a Campanha 2013. Este é o bairro Mendonça Clark, com gente simples, cordial, mas, com um Conjunto residencial onde há pessoas que beira a miséria, onde muitas são levadas ao consumo de drogas. Há uma pessoa que não morço num a 1000 m

Fonte: Sólima, 2013 In: *O Bembém*. ed. 62. n. 62. p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 7 – Matéria *Reis Veloso um bairro em formação*

8 *Quando se fala, transmitem-se os sentimentos, e quando se escreve, as ideias.*  
Jean-Jacques Rousseau

Bairros da Parnaíba-13

## Reis Veloso um bairro em formação

*Sólima Genuína*

O tipo de uma localidade em expansão e muito heterogêneo em Parnaíba é o bairro Reis Veloso. Situado entre as Avenidas São Sebastião e Pinheiro Machado, Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco (BR 343) e Francisco Borges dos Santos abriga uma população de 2.526 habitantes (IBGE/2010).

O patrono do bairro, o parnabano João Paulo dos Reis Veloso, formou-se em Economia no Rio de Janeiro, onde ainda reside, exerceu o cargo de Ministro do Planejamento nos anos de 1969 a 1979. Atualmente, é Presidente do Fórum Nacional, além de atuar no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.

Apesar desse bairro ter sido criado em 1976, ainda não se encontra com total ocupação do terreno, apresentando áreas sem residências onde impera um matô nativo. É um bairro carente de praças, contribuindo para uma ausente socialidade ou uma melhor interação entre seus moradores, pois suas ruas são desertas e com pouca movimentação de veículos. A beleza do bairro encontra-se em seus amplos casarões, com jardinagem florida e até uma verdura de museu vivo. Nesta parte, que podemos considerar nobre, as ruas são calçadas de pedras, ao contrário daquelas arenosas que se situam na segunda metade do bairro, já para os lados da Avenida

extensão no sentido da Pinheiro Machado para a Francisco Borges de Melo. A quase totalidade das ruas recebe nomes de personalidades do passado,

Sebastião está em plena construção o Shopping Parnaíba, que promete influir no progresso da região.

Novena de Santo Expedito, 2013.

após esta Escola há uma Casa do Estudante, um Programa da UFPI, onde residem 33 estudantes de outras cidades, como informou o universitário Adriano Pinto, natural de Teresina. Encontra-se na Rua José Medeiros de Albuquerque uma Clínica Escola Integrada da Faculdade Piauiense, com cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Nutrição e Psicologia.

Como religiosidade, Reis Veloso tem a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com sua Catedral da Bênção. Na Rua Ramiro Santos temos a sede da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, que abrange a Igreja, a Secretaria Paroquial, Sala João Paulo II, salão para reuniões de grupos e a residência do sacerdote. No Jardim dos Pássaros vemos a Capela de Santo Expedito. Encontra-se também a Grande Loja Maçônica Unida do Piauí, apresentando em seu frontispício, o lema "Deus et Labor".

Ho um Cemitério localizado já quase no entroncamento das avenidas Leonardo e Francisco Borges, em aparente abandono, cercado por um matagal em terreno totalmente arenoso, tornando-se de difícil acesso. É desprovido de porta e o muro que o cerca tem a abertura para a entrada, mas os túmulos não apresentam destruição de vândalos e são completados por árvores que lhes emprestam a sensação de paz.



Fonte: Sólima, 2013 In: *O Bembém*. ed. 64. n. 64. p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

Figura 8 – Matéria *João XXIII uma dualidade arquitetônica*

8 *Só tem o direito de criticar aquele que pretende ajudar.*  
Abraham Lincoln

Bairros da Parnaíba-18

## João XXIII uma dualidade arquitetônica

*Reportagem e fotos  
Sólima Genuína*

O Bairro João XXIII é um dos organismos do grande corpo geográfico que é a Parnaíba. Mostra a particularidade em suas ruas, nos conjuntos residenciais, no seu comércio, enfim, no total de suas manifestações. Está situado na região leste da cidade, por entre os bairros Reis Veloso, Flóridópolis, e Planalto, no entorno das Avenidas São Sebastião, Francisco Borges dos Santos, Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco (BR 343), seguindo-se em zona rural até a Lagoa do Portinho. Apresenta uma população de 7.180 habitantes (Censo IBGE 2010).

O transporte coletivo que vem do centro parnabano circula, com paradas sinalizadas, por entre ruas e conjuntos residenciais, proporcionando a interatividade da população com a cidade. Suas ruas, com exceção da São João Batista, levam nomes de pessoas e partem das avenidas que fazem o seu entorno.

apresenta as mesmas características nas residências.

No João XXIII constatam-se duas realidades bastante diferenciadas, já que os conjuntos acima relacionados são formados por quadras numeradas e formalmente alinhadas e calçadas, a parte inicial do bairro, aquela por onde se entra vindo do centro urbano da cidade, apresenta-se mais natural, é como se ali houvesse mais desconfração sem o rigor do cartinho, característica do conjunto residencial. As ruas cortam uma às outras em transversais que partem das avenidas do entorno do bairro, algumas começando calçadas e à medida que sobem tornam-se arenosas, terminando em área de vegetação nativa. Francisca Lima disse que o bairro é calmo, mas "precisam ser colocadas placas com o nome das ruas, pois, os moradores desconhecem seus nomes".

Em todo o bairro encontram-se algumas oficinas mecânicas, mercearias, padarias, gráficas, salão de beleza, sorveteria e muitos bares. É na primeira parte do bairro que se estrutura os organismos de apoio à população. Na Rua São João Batista fica a Unidade Básica de Saúde, onde médicos se alternam pela manhã e tarde no atendimento à saúde. Na Rua Eliseu R. de Oliveira, encontra-se o Centro de Referência de Assistência Social, onde a coordenadora Kátia Miriam explicou: "Aqui tratamos os direitos das famílias, orientando-as em assuntos como problemas de crianças com dificuldade de frequência escolar".

Na Rua São João Batista fica o Ginásio Poliesportivo, onde a garotada pratica seu esporte. Logo ao lado vê-se uma praça e, um pouco adiante, a Capela de São João Batista, que a responsável Lourdes Assunção, disse pertencer à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus. "o padre celebra missa em dois domingos da

Em uma ruela perto da Escola Mário Reis vê-se a Associação da Polícia Rodoviária Federal do Piauí que, a atendente Siecivânia explicou tratar-se de uma Colônia de Férias dos Policiais.

Há uma diversidade de igreja Evangélica espalhada por todo o




Fonte: Sólima, 2014 In: *O Bembém*. ed. 76. n. 76. p. 08. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva.

| <b>Ficha de registro</b>   |   |
|--|---|
| <b>Análise das matérias do jornal</b>  |   |
| Qual o nome do bairro?   |  |
| <hr/> <hr/>  |   |
| Você reside neste bairro?  |   |
| <hr/> <hr/>  |   |
| Há quanto tempo?   |   |
| <hr/> <hr/>  |   |
| O que mais chamou sua atenção na reportagem do jornal?                         |   |
| <hr/> <hr/> <hr/>  |   |
| O que a matéria do jornal retrata corresponde ao que você sabe sobre o bairro? |   |
| <hr/> <hr/>  |   |
| O que faltou na matéria a respeito do bairro em questão?                       |   |
| <hr/> <hr/> <hr/>  |   |
| Qual seria sua contribuição para o jornal a respeito deste bairro?             |   |
| <hr/> <hr/> <hr/>  |   |

### Atividade 03: Tempos e espaços: a leitura de mapas

#### A) Introdução

Durante muito tempo a humanidade buscou representar, por meio de desenhos e ilustrações, o ambiente que viviam. Assim, a arte cartográfica é desenvolvida por interesses diversos e representa as múltiplas relações existentes. Desse modo, a elaboração de mapas tem o objetivo de fazer o reconhecimento de uma área para explorar as permanências e mudanças ao longo do tempo. Diante dessas afirmações, nesta atividade, analisaremos mapas do Brasil até chegar na cidade de Parnaíba, buscando desenvolver a habilidade de leitura de mapas, além da valorização do patrimônio histórico de Parnaíba.

#### A) Materiais

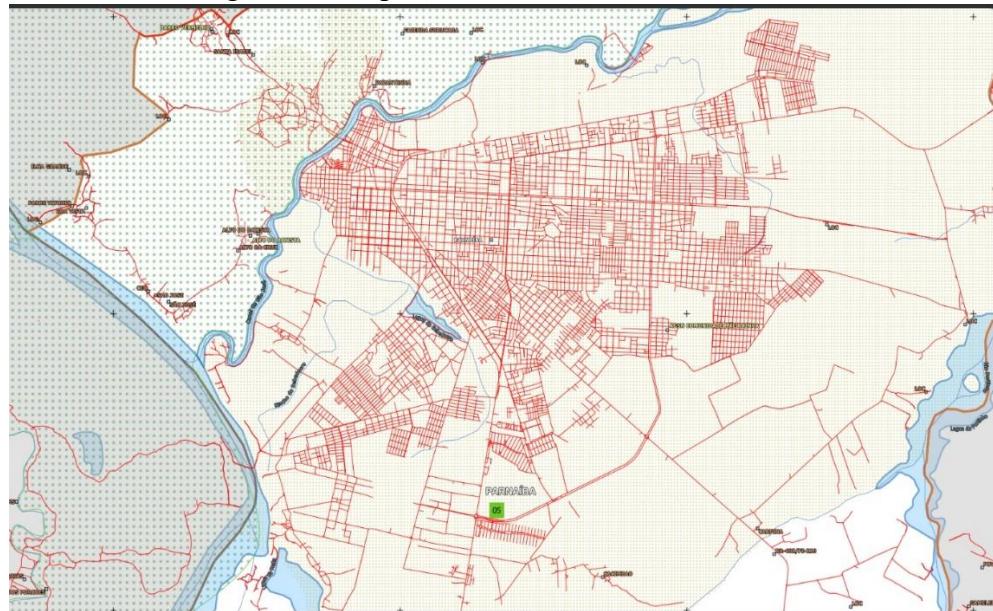
- 1) Papel A4
- 2) Lápis de cor
- 3) Mapa de Parnaíba
- 4) Mapa do Piauí
- 5) Mapa do Brasil
- 6) Livro didático *Parnaíba cidade da gente*

#### B) Orientações para a atividade

- 1) Inicialmente, os alunos usarão o livro didático para identificar as informações sobre sua cidade, estado e se há alguma coisa relacionado ao país também e, assim, relacionar com os mapas que serão apresentados.
- 2) Individualmente, os alunos serão convidados a fazer um desenho de sua rua, colocando elementos que são referências para sua localização considerando padaria, farmácias, casa de familiares, sua casa, a escola e os demais elementos que ele achar importante.
- 3) Em seguida, o aluno irá escrever um pequeno texto de cinco linhas, perfazendo o caminho de sua casa até a escola sinalizando os marcos anteriormente.
- 4) Posteriormente, o aluno receberá o mapa do município afim de que localize o bairro onde mora, pintando-o.
- 5) Após selecionar o seu bairro, o aluno irá localizar os bairros vizinhos onde mais circula: ir ao médico, na farmácia, no supermercado, para a praça, dentre outros.
- 6) Ao final, o professor promoverá um debate sobre a existência de núcleos residenciais e comerciais em determinados bairros e os alunos serão convidados a fazerem legendas nos bairros, indicando as distinções presentes em cada um.

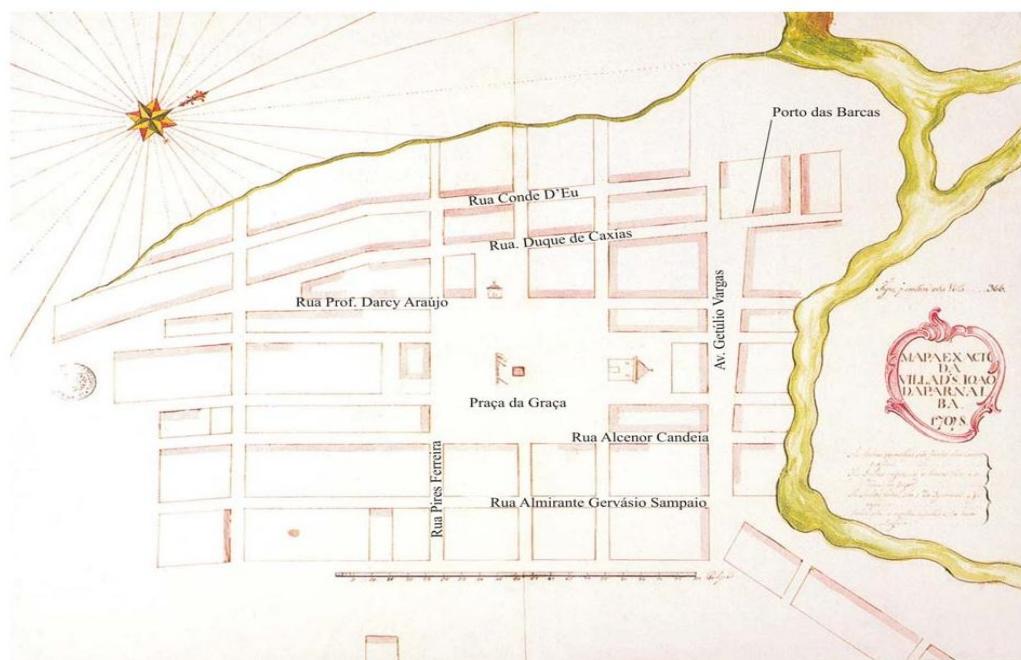
### C) Anexos da atividade

Figura 9 – Mapa atual da cidade de Parnaíba-PI



Fonte: IBGE, 2025.

Figura 10 – Mapa histórico da cidade de Parnaíba-PI



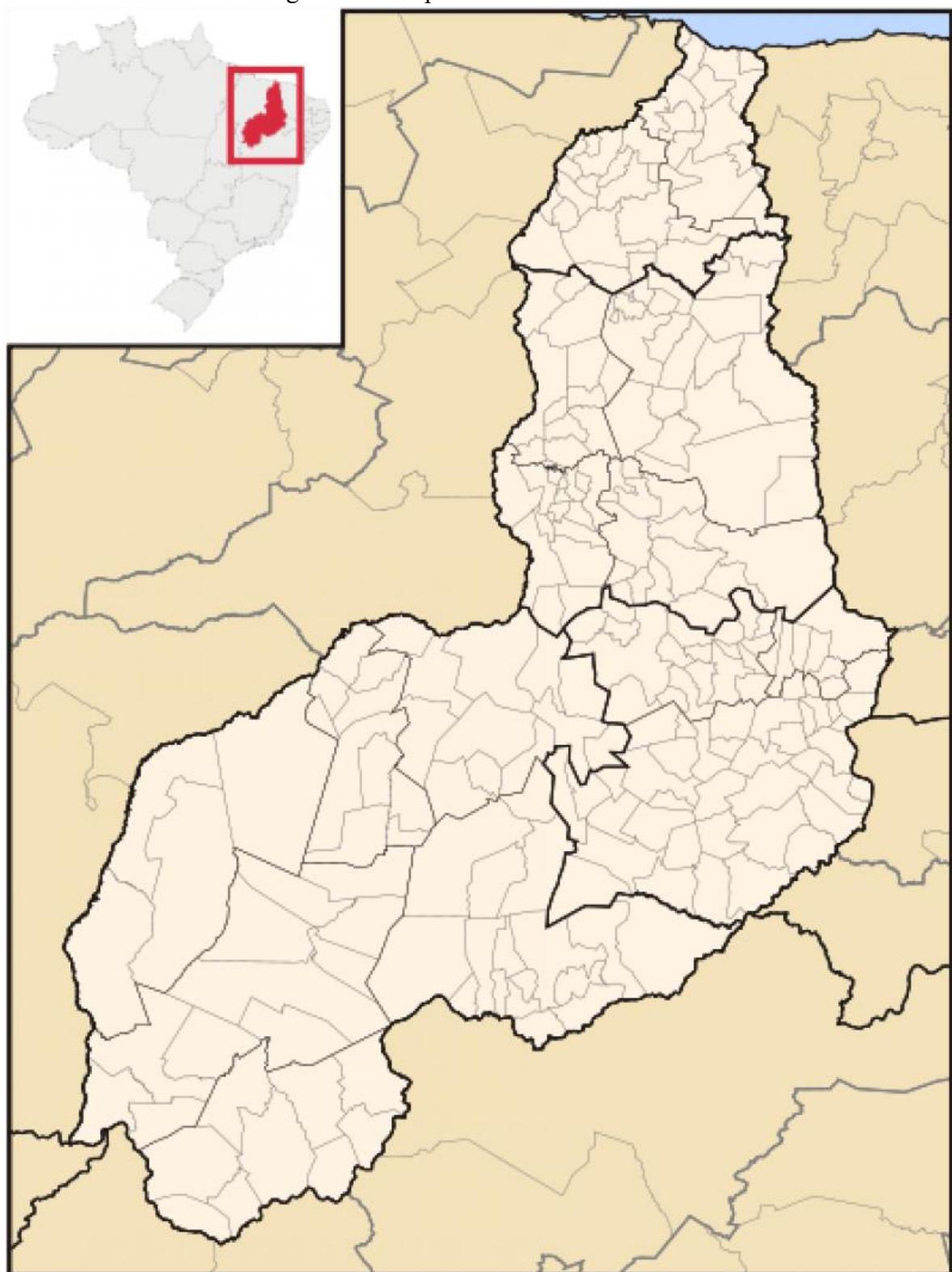
Fonte: “Mapa Exacto da Villa D’São João da Parnaíba”.

Figura 11 – Mapa do Brasil e regiões



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/regioes-brasileiras/>

Figura 12 – Mapa do Piauí e suas cidades



Fonte: <https://imagensparacelularblog.blogspot.com/2013/01/mapa-do-piaui-com-todas-as%20cidades.html>

**Atividade 04: Se reconhecendo como sujeito participativo da História****A) Introdução**

Sentir-se representado pela História é um sentimento de satisfação e contentamento enorme para os alunos, pois estes sentem-se, por vezes, muito distantes daquilo que é ensinado na sala de aula, na qual são apresentados sempre os grandes heróis, fatos e acontecimentos da História Universal. Desse modo, com essa atividade visamos construir nos alunos memórias afetivas e também reprodutoras de conhecimento. Nesse momento, nós iremos dar vez e voz para aqueles que não estão presentes no livro didático e na tida História Tradicional da cidade.

**B) Organização da atividade**

- 1) Nessa etapa, o intuito é levar os alunos para uma aula passeio pelos principais pontos de destaque das matérias dos bairros que aparecem no jornal. Nessa aula passeio, os alunos irão com seus celulares fotografar, de preferência, os mesmos pontos que foram destaque no jornal e também algo que tenha chamado sua atenção ou até mesmo um ponto de referência do bairro que não aparece nas matérias do jornal, mas que é muito importante para as pessoas que ali residem.
- 2) Após o passeio pelos bairros da cidade, o professor mediador irá reunir e selecionar, com os alunos, as imagens que farão parte do mural, que será construído pela turma, apresentando as principais semelhanças e diferenças nos bairros visitados e que irão se confrontar com as manchetes do jornal.
- 3) Ao final dessa etapa, a turma será estimulada a consultar seus pais, responsáveis e familiares sobre a origem do bairro em que moram ou da própria escola, quando e por qual motivo sua família passou a residir no local, de onde vieram e quais os nomes das pessoas, dos lugares e dos costumes que poderiam ajudar a contar a história do bairro, devendo cada estudante reunir anotações e fotografias antigas para compartilhamento em uma feira cultural sobre a História Local.

**C) Anexos da atividade**

Os materiais utilizados nesta atividade ficarão a cargo do professor e da forma com a qual o mesmo irá proceder para o acompanhamento e exposição de fotografias e objetos que serão expostos na feira.

## CAPÍTULO 3

### PARNAÍBA: REFLETINDO ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADE

#### **4.1 O local como ponto de embarque para o ensino de história**

O presente capítulo traz uma abordagem acerca das possibilidades de uso do jornal *O Bembém* na sala de aula como fonte histórica a ser utilizada pelos alunos para a pesquisa-ação sobre sua História Local e construtora de um jornal escolar que busque de supra maneira chegar a comunidade e, assim, tais sujeitos possam conhecer e sentir-se pertencentes à história do seu bairro e/ou cidade.

Dessa maneira, a principal questão norteadora deste capítulo se dar em como o professor de História poderá aproximar o conhecimento vivenciado pelo aluno e os objetos de aprendizagem constituintes dos documentos oficiais que regem as normativas da educação, seja o currículo do Piauí e/ou a BNCC.

Partindo do pressuposto da realidade vivenciada em sala de aula, percebendo que os alunos, por vezes, não se interessam pela disciplina de História no sentido em que as temáticas/conteúdos não chamam atenção pelo espaço/tempo em que o aluno não faz parte. Contudo, o ensino de História se comprehende pela correlação entre o passado e o presente.

Assim, “[...] para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de história e de João” (Caimi, 2015, p. 111). Diante de tal afirmação, compreendemos que para ensinar História não basta possuir os conhecimentos técnicos a respeito da disciplina, ou mesmo ter formação pedagógica, para tanto é preciso também que haja estratégias que venham a priori das vivências do aluno para se alcançar o conhecimento científico.

Partindo dessa concepção, a História Local surge como base a ser utilizada pelo professor com o intuito de veicular informações sobre a história dos sujeitos históricos e, assim, o ensino de História possa gerar aprendizagens significativas que se liguem diretamente à realidade dos alunos e aos conteúdos abordados pelo livro didático. Contudo,

Inferimos que não são os materiais que farão o ensino se tornar mais qualificado, mas sim, o uso que o professor fará deste material na oficina. O uso de recursos deve servir para resgatar, na sala de aula, a dialética que existe entre forma e conteúdo (Vieira *et al.*, 2002, p. 13).

Com isso, a História Local permite o diálogo entre a identidade e o sentimento de pertencimento ao local onde se habita. Sendo assim, o ensino de História contribui para “[...] a ‘costura’ de um retalho dos processos de identificação do sujeito” (Reznik, 2008, p. 51).

A partir desse contexto, o ensino de História, por meio da História Local de Parnaíba, buscará fomentar outras narrativas históricas para além do viés tradicionalista que é disseminada atualmente pela elite letrada da cidade. Desse modo, o aluno/pesquisador sendo agente/sujeito histórico passará a compreender as mudanças e permanências do seu cotidiano e ainda correlacionar tais dados com a História Nacional.

Ademais, ao fazer uso da História Local como mecanismo de difusão da história vivida e contada por esses sujeitos, o professor terá que ter em mente que os livros didáticos distribuídos nacionalmente não irão trabalhar as questões que se pretende abordar, sendo necessário o professor desenvolver suas próprias pesquisas.

Com isso, as fontes históricas tornam-se elementos construtivos de bastante relevância em sala de aula. A partir desse contato, com base em seus conhecimentos prévios, o aluno consegue relacionar suas vivências com a história que está sendo exposta por meio das matérias utilizadas em sala e assim, conectar o presente e o passado.

Contudo, o professor deverá orientar os alunos acerca do uso das fontes históricas e o local de fala de quem escreve e quem compôs tal fonte, pois, ao problematizar a fonte histórica, o aluno acaba tornando-se protagonista de seu conhecimento e o professor apenas um mediador e facilitador de tal conhecimento.

O objetivo é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais. É preciso cuidado para que os documentos forneçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados, e não tornem difícil a compreensão das informações. A má seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material (Bitencourt, 2008, p. 330).

Assim sendo, iremos dispor de algumas manchetes e reportagens de *O Bembém* que podem ser utilizadas nas discussões em sala de aula para que, em uma ação futura, haja a construção do jornal escolar. Diante disso, iremos disponibilizar também um passo a passo de como se constrói um o jornal.

De antemão, o diferencial deste capítulo para o anterior é que agora nós iremos utilizar o jornal *O Bembém* dentro da perspectiva da ideia de construção da História da cidade, enquanto no capítulo anterior nós vimos a construção dos bairros da cidade.

Nesse momento, iremos dialogar com as teorias que circundam as datas em alusão ao aniversário da cidade de Parnaíba e como esses elementos contribuem para a manutenção dessa História Tradicional da cidade. E, para além desse ponto de vista, iremos analisar matérias do jornal que retratam o patrimônio histórico da cidade, iremos passar pelo processo de abandono e descaso com a História Local e, posteriormente, com o processo de tombamento realizado pelo IPHAN.

Contudo, essas atividades também propõem abraçar e reconhecer o papel das mulheres que, mesmo fazendo parte da elite, conseguiram se destacar no meio social, pois estamos falando de um período em que a mulher não exercia nenhuma função na sociedade, além do tradicional papel de mãe, esposa e dona do lar.

A partir desses olhares sobre essa história que não é repassada nos livros didáticos, por vezes nem na História Local da cidade, esses personagens fazem parte dessa memória local e sua contribuição para a História tem um papel fundamental, principalmente quando vamos desvelando as camadas sociais da época.

Assim, os percalços para alcançar todos esses sujeitos históricos é uma meta para o historiador profissional e ainda maior para o professor em sala de aula, pois, ao tocarmos nessas memórias sensíveis, podemos encontrar caminhos que passam despercebidos pelos sujeitos históricos que não se sentem pertencentes a essa História Local da cidade.

O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à análise que o origina e fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseado em uma situação dada (Schmidt, 2004, p. 94).

Com isso, diante de tal afirmativa, nasceu a proposição dessas atividades. A criação desse jornal escolar irá levar de forma contemplativa o viés da História Tradicional da cidade, porém, com personagens históricos que fazem parte dessa sociedade e não são vistos dentro da historiografia local de Parnaíba-PI.

Acreditamos que a partir do desenvolvimento de todas essas atividades iremos construir personagens ativos na história, além de mudar o olhar desses alunos acerca da disciplina escolar que tanto já foi vista com desinteresse por abordar personalidades que são apenas conhecidas por nomes e não em carne e osso, mas agora esses sujeitos históricos estarão dentro de seus lares para escola e visse e versa.

[...] um professor raramente tem uma teoria ou uma concepção unitária de sua prática; ao contrário, os professores utilizam muitas teorias, concepções e técnicas, conforme a necessidade, mesmo que pareçam contraditórias para os pesquisadores universitários. Sua relação com os saberes não é de busca de coerência, mas de utilização integrada no trabalho, em função de vários objetivos que procuram atingir simultaneamente (Tardif, 2000, p. 14).

Ademais, a arte de se estudar História é deslumbrante e encantadora, além de desenvolver habilidades norteadoras para as questões a nível global, pois, ao se reconhecer pertencentes da História não como disciplina, mas como detentora de poder, os alunos terão um potencial social transformador muito grande.

Parece que, para que a prática de sala de aula adquira “o cheiro bom do frescor” é preciso que se assuma definitivamente, os desafios que a educação histórica enfrenta hoje em dia. Esta seria uma das formas de se contribuir para que os educandos se tornem conhcedores da pluralidade de realidades presentes e passadas, das questões do seu mundo individual e coletivo, dos diferentes percursos e trajetórias históricas. É importante, também, para que ele adquira a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de aprender a olhar a si próprio e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado (Schmidt, 2004, p. 127).

Sendo assim, este capítulo busca construir, por meio das atividades que serão apresentadas, um senso crítico no aluno, que norteia sua história, a história de seu meio e das pessoas que estão ao seu redor, para que nesse entremeio a história da cidade possa ser reconhecida e contada por de um novo viés.

Então, diante dessas questões surge a ideia de um jornal escolar que tem por objetivo fazer a junção desse percurso historiográfico, reunindo a história desses alunos e familiares atrelada a história do seu bairro para que, dentro desse caminho, consigamos chegar à história da cidade de Parnaíba e, assim, desenvolver uma nova perspectiva sobre o olhar da História Local.

Diante dessas novas discussões sobre a história da cidade, surge o livro *Parnaíba: cidade da gente*, financiado pela Prefeitura Municipal de Parnaíba-PI e distribuído pela Secretaria de Educação do Município de Parnaíba, em 2021, que busca reaver a história da cidade e leva-la para a sala de aula para que todos os alunos da cidade passem a conhecê-la. Contudo, o livro é bastante problemático, pois uma história positivista e tradicional, exaltando as personalidades da época do auge econômico de Parnaíba.

Assim, apresentaremos o livro distribuído na escola para que haja um diálogo entre o documento e a fonte histórica que é o jornal *O Bembém*. Nesse momento, a proposta é de confrontar as reportagens selecionadas com os conteúdos do livro didático: Capítulo 02: “História e Memória”; Capítulo 03: “Lugar de Memória”; e Capítulo 05: “Lazer e Turismo”. Com isso, a intenção é que sejam levantadas questões acerca do passado de Parnaíba e como esses alunos se sentem em relação a história de seu bairro e da cidade.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutualmente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento (Candau, 2021, p. 16).

Neste capítulo daremos destaque as reportagens que levantam uma discussão sobre o dia em que é comemorado o “Dia da Parnaíba”, em 14 de agosto, e as demais datas que permeiam as discussões sobre o “Dia da Parnaíba”. Diante das datas expostas o professor levantará questões, como: O que diferencia uma cidade de uma vila? O que tem na cidade e o que não tem na vila? Por que essas datas são tão importantes para o imaginário da elite parnaibana? Questionaremos também: O porquê, repetidas vezes, as datas que marcam o início da vila e da cidade de Parnaíba estão em constantes questões? Quais os interesses por trás de tal abordagem? Quais instituições de poder estão sempre levantando tais datas? Qual o interesse por trás dela e como o parnaibano reage a tais afirmações?

Essas são várias das questões que irão mediar um debate em sala de aula e que norteará as pesquisas que serão desenvolvidas pelos alunos e que, posteriormente, serão apresentadas pelo jornal da escola. Tais discussões irão guiar os alunos a refletirem sobre as diversas abordagens e possibilidades sobre a História Local da cidade de Parnaíba.

Terra do já teve? O que reflete essa expressão? O que teve que não tem hoje? E o que tem hoje que não teve antes? As reflexões em torno desses questionamentos irão suscitar novas pesquisas em torno do que já se conhece e das possibilidades do que podemos acrescentar sobre a história da cidade.

Ao comprimento em que nos aprofundaremos nessas análises, iremos em grande medida, dialogar também com as novas possibilidades dos escritos a partir da universidade e dos historiadores de formação. Reportagens que já se fazem presentes no jornal à medida que há uma guinada nas pesquisas produzidas pela academia com a implantação do curso de História da UESPI em Parnaíba e o mestrado acadêmico na UFPI em Teresina.

## 4.2 Apresentando as atividades

### Objetivos gerais da atividade:

- Refletir sobre o papel da história da cidade na memória dos sujeitos históricos;
- Identificar processos históricos de formação da cidade, a partir de pesquisas e levantamento de fontes com a turma;
- Organizar e analisar o material, levantado durante a pesquisa;
- Elaborar a edição de um jornal, em formato digital, com resultados da referida pesquisa.

### Habilidades a serem desenvolvidas (de acordo com a BNCC – Currículo Piauí):

(EF09HI04). Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil, identificando no Estado do Piauí, povoados, bairros e cidades que tem sua origem vinculada a comunidades quilombolas.

### Duração da atividade: 4 meses

1º MÊS: Atividade 1

2º MÊS: Atividade 2

3º MÊS: Atividade 3

4º MÊS: Atividade 4

### Conhecimentos prévios (conforme a BNCC):

- Unidade Temática: O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.
- Objetos de conhecimento: Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.

### Atividade 01: Trabalhando com fontes em sala de aula

#### A) Introdução

As pesquisas desenvolvidas pelos historiadores profissionais desde a antiguidade até os dias atuais vieram sofrendo transformações desde os seus objetos de estudo até a forma em que estes profissionais desenvolvem suas pesquisas. A priori, a História era baseada em fatos que estavam registrados em documentos oficiais, mas na década de 1970, com a Nova História Cultural e as novas teorias da História por meio da escola dos Annales, esse olhar historiográfico se modificou e, com isso, passamos a utilizarmos variadas formas e fontes para

se escrever a História como conhecemos hoje. Tendo em vista essa perspectiva, nessa atividade, o professor da disciplina irá propor a mediação das fontes históricas que levamos para a sala de aula para que, assim, possam extrair novos olhares dos alunos que agora serão investigadores da História.

### B) Materiais para a atividade

- 1) Matéria do jornal *O Bembém*
- 2) Ficha exploratória
- 3) Ficha de resumo
- 4) Livro didático *Parnaíba cidade da gente*

### C) Organização da atividade

- 1) Preencha, em grupo, uma ficha de identificação referente às matérias de jornal.
- 2) Discuta com a turma sobre os títulos atribuídos às manchetes do jornal e como estas se relacionam com o livro didático.
- 3) Cada grupo deve elaborar um texto a partir da seguinte pergunta: O que as matérias me fazem lembrar? Ao final, escolha um membro do grupo para apresentar o texto para a turma.

### D) Anexo da atividade

Figura 13 – Matéria *Casa Grande da Parnaíba, a única do Piauí*

**Casa Grande da Parnaíba, a única do Piauí**

*Agonizante, sem a senzala e sem o anexo, aguarda restauração*

Diante do abandono em que vive há anos o Solar da família de Domingos Dias da Silva, um dos pioneiros da fundação da Parnaíba, a Prefeitura afinal despertou para esse crime de memória e anunciou que vai adquirir e restaurar o prédio. Construído na segunda metade do século XVIII e ampliado pelo filho mais velho de Domingos, o Solar é conhecido como a Casa Grande da Parnaíba. Ali viveu toda a sua vida o principal herdeiro da família, Simplicio Dias da Silva, que o povo parnaibano, há mais de dois séculos, chama de Simplicio.

O Solar, com o térreo destinado a loja comercial e dois andares superiores para residência, foi ampliado por Simplicio Dias com um anexo térreo, à direita da porta central. Depois da morte de Simplicio, em 1829, homem considerado pelos historiadores do Piauí como a figura mais importante da luta pela Independência do Brasil em nosso

Estado, depois de sua morte, a família Dias da Silva entrou em decadência progressiva até se esfacelar e praticamente desaparecer da cidade. Luzia Tereza Neves Andrade conta em seu livro de memórias que um dos herdeiros do prédio, por amizade à família Tavares, passou-lhe o Solar como herança com a exigência de que seus descendentes passassem a assinar Tavares Silva. E foi o que se deu. Os Tavares (do Maranhão) tornaram-se Tavares Silva e receberam o Solar como herança.

Desde então, a famosa Casa Grande jamais voltou ao fausto dos velhos tempos. Aos poucos, sem tombamento e sem preservação, deteriorou-se e anda à beira do desastre total. Há pouco, no final de 2007, o Prefeito declarou a Casa Grande da Parnaíba como Patrimônio de Utilidade Pública, o que lhe deixa caminho para desapropriação. Nossa repórter foi ao Paraíso, onde vive o maior número dos Silvas, e conversou com

dois dos herdeiros.

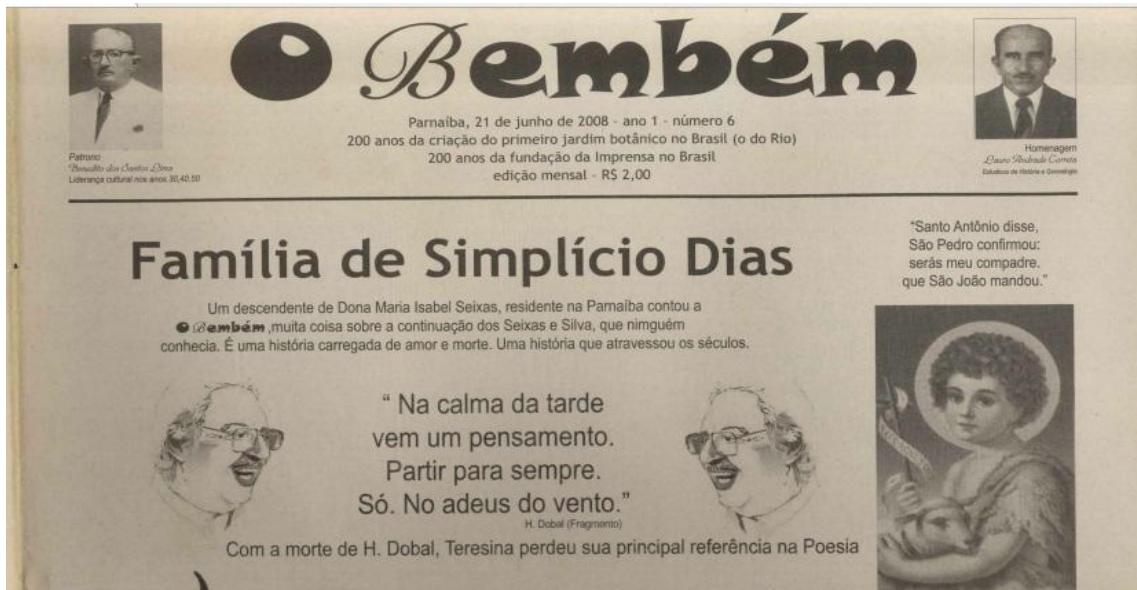
- Estou muito feliz, disse Roberto Trindade Silva, por saber que a Casa Grande foi reconhecida como bem de Utilidade Pública. Mas ainda não fomos informados oficialmente. Soubemos através da imprensa.

E ao saber que o prédio foi avaliado em R\$ 97.000,00, Ana Luiza Silva Carvalho considerou o valor muito abaixo do real.

Agora, a cidade espera que o Solar passe realmente para domínio da Prefeitura e que seja restaurado para uso cultural. O medo de Roberto Silva é que, mesmo da Prefeitura, a Casa Grande permaneça em abandono, "como acontece com o edifício da empresa Moraes S/A, que é propriedade municipal e, no entanto, está completamente abandonado". Mas o Prefeito da Parnaíba declarou que "a Casa Grande já está sendo adquirida pela Prefeitura e que o Governador do Estado vai liberar verba para sua restauração. ☺

Fonte: 2009 In: *O Bembém*. ed. 01. n. 01. p. 02. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 14 – Matéria *Família de Simplício Dias*



Fonte: 2009 In: *O Bembém*. ed. 01. n. 06. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 15 – Matéria *Um ilustre descendente do Coronel Simplício Dias*



Fonte: 2009 In: *O Bembém*. ed. 01. n. 06. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 16 – Matéria *Parnaíba terra do já teve ou cidade que tem?*



Fonte: 2010 In: *O Bembém*. ed. 03. n. 36. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

| Ficha exploratória   |
|--|
| 1) O que você conhece sobre tais manchetes do jornal?                          |
| 2) Por que a figura de Simplício Dias é tão exaltada?                          |
| 3) Qual a sua visão sobre a Casa Grande?                                       |
| 4) Que informações nós poderíamos adicionar as matérias do jornal?             |
| 5) O que podemos fazer para mudarmos a visão da história da cidade a partir de |

## **Simplício Dias?**

6) O que você já ouviu sobre a expressão “Parnaíba do já teve”?

## **Ficha de resumo**

## O que as matérias me fazem lembrar?

## Atividade 02:

## A) Introdução

Quando falamos na disciplina de História para os nossos alunos, eles geralmente assimilam às datas e acontecimentos, contudo, essas questões não estão ligadas pura e simplesmente a isso. Há discussões em torno da manutenção de poderes escondidas nas

entrelinhas dos debates historiográficos. Então, diante dessa perspectiva, iremos abordar discussões em torno das datas que elegem Parnaíba como cidade e, com isso, identificar as potencialidades para o ensino de História.

#### **B) Materiais**

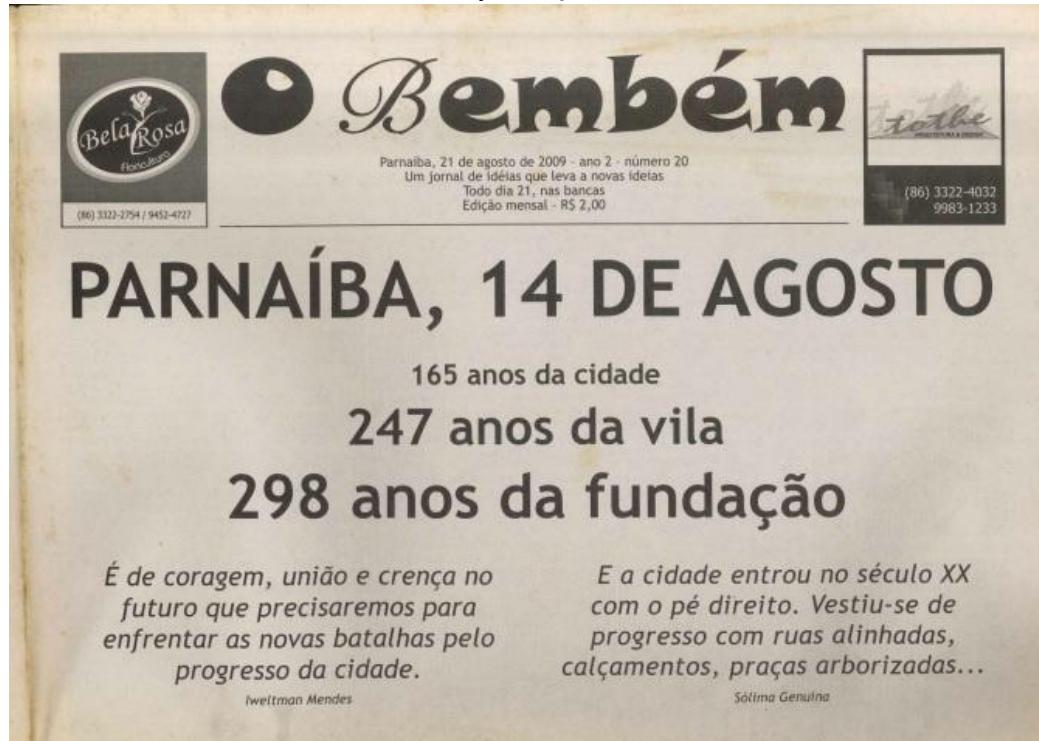
- 1) Matérias do jornal *O Bembém*
- 2) Ficha de anotações
- 3) Dicionário de português
- 4) Ficha de análise de fonte
- 5) Livro didático *Parnaíba cidade da gente*

#### **C) Organização da atividade**

- 1) Nessa atividade, iniciaremos com a discussão em sala de aula sobre o que os alunos pensam a respeito da disciplina de História e como o jornal pode ser inserido como meio difusor de datas e acontecimentos históricos.
- 2) Em seguida, o professor irá distribuir em sala as manchetes do jornal para os alunos para que eles possam preencher uma ficha de anotações, pesquisando o significado das palavras das manchetes do jornal.
- 3) Ao finalizarem o preenchimento do significado das palavras, o professor mediador irá debater com os alunos as palavras encontradas e dialogar com os significados que eles já sabiam e o que eles descobriram na pesquisa no dicionário.
- 4) Após a discussão, o professor mediador irá entregar uma ficha de análise de fonte para que os alunos, a partir de seus conhecimentos, possam identificar questões que fomentem a hierarquização de poder nas matérias do jornal e como isso contribui para a manutenção da História Tradicional Local.
- 5) Ao final, os alunos irão relacionar o que encontraram no jornal e o que tem no livro didático, a fim de perceber em grande medida as permanências e rupturas que se moldam ao longo do tempo.

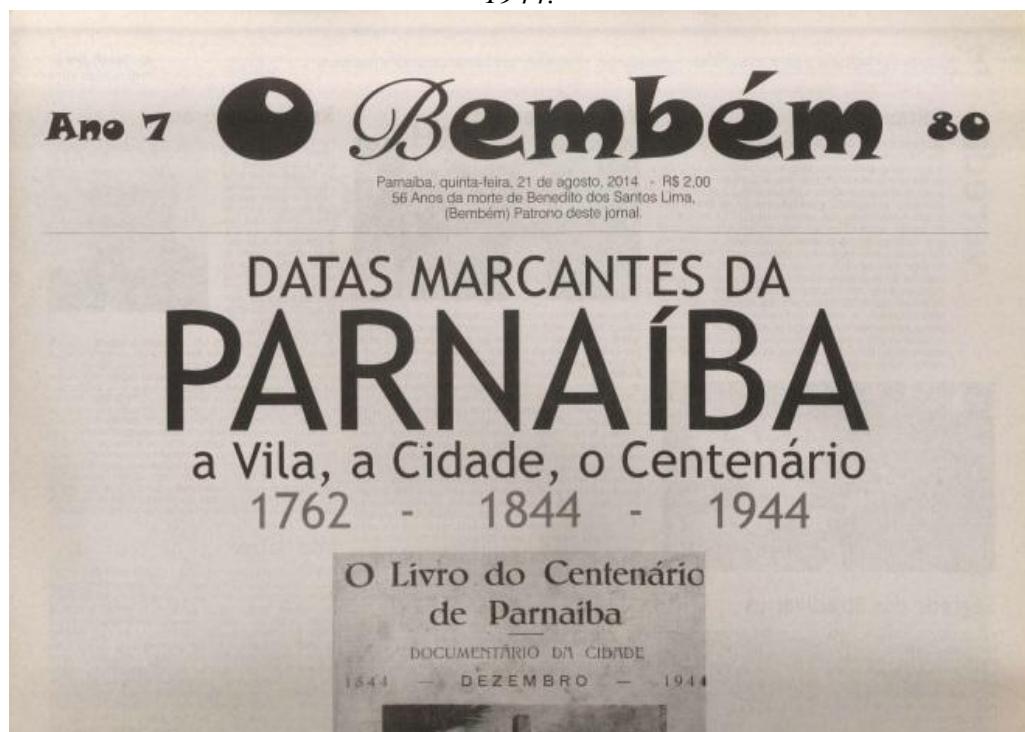
#### D) Anexos da atividade

Figura 17 – Matéria *Parnaíba 14 de agosto 165 anos da cidade, 247 anos da vila, 298 anos da fundação.*



Fonte: 2009 In: *O Bembém*. ed. 20. n. 20. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 18 – Matéria *Datas marcantes da Parnaíba a vila 1762, a cidade 1844, o centenário 1944.*



Fonte: 2014 In: *O Bembém*. ed. 80. n. 07. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silvs

Figura 19 – Matéria *Fundação da Vila de São João da Parnaíba*

10 Outono é outra primavera, cada folha uma flor.  
Albert Camus

**Fundação da Vila de São João da Parnaíba**

*Jesualdo Cavalcante Barros*

**Memorial**

**Colonização do Piauí**

Somente 174 anos depois do descobrimento do Brasil teria início, efetivamente, o processo de colonização do Piauí. E tal ocorreu com a entrada de fazendeiros luso-balaneses nos então chamados Sertões do Centro do Piauí, de que resultaram a dizimização das populações nativas e a concessão das primeiras sesmarias e a fundação dos primeiros currais de criação de gado. Beneficiaram-se dessas aspirações, não buscavam objetivos que as unissem socialmente, como poderiam se agrregar e formar aglomerados urbanos? Para exemplificar tanto isolamento, basta dizer que a primeira vila – a da Mochá, também depois quinta capital e sede de comarca única – só foi instalada em 1717, mais de quarenta anos após a fundação dos primeiros currais.

Jerumenha do Piauí, na Freguesia de Santo Antônio do Gurueia (22 de junho). Retornando a Oeiras, e após merecido descanso, rumou para o norte, al instalando as vilas de Campo Maior na Freguesia de Santo Antônio do Surubim (8 de agosto). São João da Parnaíba, na Freguesia de Nossa Senhora do Carmo da Piracuruca (26 de agosto) e Marão do Piauí, na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção dos Ranchos dos Patos (12

em 26 de agosto, "se asseverou, outrossim, que em todo ale, o lugar a que chamam de A Testa Branca era mais própria situação para o estabelecimento da vila". Portém, como não "se não acha casa alguma", levantou-se o pelourinho no Porto das Barcas mesmo, junto à Capela de Nossa Senhora de Nazaré, em solenidade marcada por vibrantes vivas ao Rei, por três vezes bradados a plenos pulmões. Habilidoso político, Caldas deixou a projetada mudança para o sítio da Testa Branca "para depois que se tiverem feito alguma parte das casas prometidas pelos moradores. Uma vez cumprida essa condição, aí, sim, desde logo determinou que a Câmara fizesse a mudança, 'independente de requerimento algum', o que já mais ocorreu. Já se vê que a história não está sendo corretamente contada.

**Primeiras autoridades**

Para terem exercício até o final de 1782, na ocasião foram empossados o juiz ordinário e de ofícios, Diogo Alves Ferreira, os vereadores Domingos Barroso e José da Costa de Oliveira e o procurador-tesoureiro Manoel de Sousa Guimarães. E para 1763 e 1764, dois seriam os juízes ordinários e de ofícios (João da Costa de Oliveira e Francisco Freire dos Reis), quatro os vereadores (João Lopes Castelo Branco, Manoel Ferreira da Costa, João de Barros de Oliveira e João Fernandes Rodrigues de Queiroz) e dois os

Fonte: Jesualdo Cavalcante Barros 2009 In: *O Bembém*. ed. 02. n. 24. p. 10. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 20 – Matéria *História de Parnaíba registros discursivos entre o Porto e Pelourinho*

**História de Parnaíba: registros discursivos entre o Porto e o Pelourinho**

*Francisco de Assis Nascimento*

**Um espaço é sempre algo inventado para atender a determinados interesses.**

As iniciamos nossa discussão historiográfica sobre a Vila de São João da Parnaíba no século XVIII, alertamos os leitores sobre a necessidade de construção, potencialidade, análise e visibilidade das fontes históricas, associada aos aportes teóricos que sustentam a investigação científica.

No que se refere à História de Parnaíba como lugar, inventado discursivamente, o Ovidiador Antônio José Moreira Dutra, em sua obra Descrição da Capitania de São José do Piauí, afirmou que: "No braço do Igarapé e na margem oriental della fica situada a V<sup>o</sup> de S. João distando quatro léguas da costa do mar. Tem uns 100 freguesias da invocação de N. Sra. do Carmo de Piracuruca, mas fica 20 léguas distante da freguesia para a parte de Campo Maior". Esta primeira descrição documental da localização de Parnaíba foi registrada também em mapa, como linguagem visual da História.

Detalhe da Vila da Parnaíba - Carta geográfica da Capitania do Piauí de João Antônio Galvea, 1761. In: SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Carteiras, Pedro e Bárão da capitania de São José do Piauí*. Belo Horizonte, MG: ed. do autor, 2001, p. 80.

Um espaço é sempre algo inventado para atender a determinados interesses.

Francisco de Assis Nascimento

Mapa da Vila d. S. João da Parnaíba. 1789. idem, p. 81.

As mudanças políticas provocadas também interferem na forma de vida dos moradores da região, seu cotidiano e circunferência cultural, atraiendo mais pessoas e formando o aglomerado urbano em torno do Porto das Barcas, contribuindo para planejar o ordenamento urbano das edificações, o comércio, a higienização e a religiosidade como a edificação de templos cristãos, pois segundo Raquel Rolnick: "o Templo funciona como um que reúne o grupo na cidade".

No séc. XVIII ocorreram várias iniciativas que sustentavam a estrutura social dos paranaibenses, com suas rituais, sacramentos, crenças e devações.

Decorridos dois anos da transferência da sede da Vila de Testa Branca para o Porto das Barcas, assim atirou o Ovidiador Antônio José Moreira Dutra sobre o desenvolvimento do comércio: "Ten-se aumentado esta vila pelo negócio que nela se estabeleceram das canas secas, couros, que levaram as sumessas ou barcos da Bahia, Pernambuco e outros portos, trazendo dos mesmos algumas fazendas que davam em parte do pagamento". Também acrescentou Pereira da Costa: "Em 1775 foi construída a Casa da Câmara e a Cadeia da Vila".

Com o acelerado ritmo de mudanças se fixando na vila foram necessárias medidas de segurança para manterem as leis e da paz na Vila, dessa forma os moradores possuíram espaço do legislativo e a cadeia para vigília e punição dos transgressores da ordem estabelecida ou do discurso oficial.

Desse forma, entre o Porto, principal centro econômico da região e o Pelourinho onde os escravos eram diuturnamente castigados, ficam gravadas naquelas construções como um lugar-memória, as marcas de sangue e suor, como linguagem não-verbal daquelas que testemunharam e produziram práticas de sociabilidade e a experiência histórico-cultural da sociedade paranaibana colonial. 10

Fonte: Francisco de Assis Nascimento 2008 In: *O Bembém*. ed. 01. n. 01. p. 09. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

## **Ficha de anotação**

Orientação: Anote as palavras encontradas no jornal e os seus respectivos significados.

|  |  |
|--|--|
|  |  |
|  |  |
|  |  |
|  |  |

| <b>Ficha de análise de fonte</b>   |
|--|
| <b>O que você entende sobre cidade?</b>  |
| <b>O que é uma vila para você?</b>   |
| <b>Como se deu o processo de fundação da cidade de Parnaíba, segundo a matéria do jornal?</b>  |
| <b>O que sabemos hoje sobre a história de Parnaíba e que não está presente nas matérias do jornal?</b>   |
| <b>Diante dessas abordagens sobre a História Local da cidade, qual o sentimento de pertencimento da sua história e da história de vida de sua família você consegue despertar?</b> |

### **Atividade 03: Álbum de lembranças**

#### **A) Introdução**

Esta atividade propõe a criação de um álbum de fotografias sobre a cidade de Parnaíba, com foco nas discussões sobre o patrimônio histórico local. Visamos com essa

atitude não somente corroborar a manutenção e salvaguarda do patrimônio tombado, mas também mostrar áreas suscetíveis de tombamento que ainda não são conhecidas pelo poder local ou que ainda não ganharam tanto visibilidade.

**B) Materiais para a atividade**

- 1) Matérias do jornal *O Bembém*
- 2) Celular ou câmera fotográfica
- 3) Ficha de anotações
- 4) Papel fotográfico adesivo
- 5) Impressora
- 6) Projetor
- 7) Caixa de som
- 8) Tesoura
- 9) Folha de A4
- 10) Canetas Hidrocor

**C) Orientações para a atividade**

- 1) No primeiro momento, o professor irá apresentar um vídeo exemplificando o que é Patrimônio Cultural aos alunos. Em seguida, será distribuída uma ficha para que os alunos anotem os principais conceitos que foram apreendidos no vídeo exibido.
- 2) O professor mediador também apresentará as matérias do jornal para que os alunos possam conhecer de forma mais completa o processo de tombamento da cidade de Parnaíba. Por meio das reportagens, os alunos ficarão por dentro do abandono e descaso dado ao patrimônio da cidade.
- 3) Após as aulas teóricas em sala, apresentando os conceitos e o conteúdo da fonte histórica, o professor levará os alunos para uma aula de campo para que os alunos conheçam pessoalmente o patrimônio da cidade e fotografem o local para que, em seguida, haja a montagem do álbum de lembranças.
- 4) Ao retornarem para a sala de aula, o professor irá selecionar com os alunos as imagens que melhor representem a proposta da atividade e, em seguida, irão realizar a impressão.
- 5) Após a impressão das imagens, os alunos receberam folhas de A4 para a montagem do álbum, usando sua própria criatividade dentro do esboço proposto pelo professor em sala.

- 6) Ao final da atividade, o professor mediador irá propor um debate em sala acerca das questões sobre a história da cidade e as sensibilidades em torno da vida do aluno. Como por exemplo: Você se sente pertencente à história de Parnaíba? O que você percebeu durante o passeio que pode se tornar patrimônio histórico e ainda não é? Dentre muitas outras questões que o debate suscitar.

#### D) Anexos da atividade

Figura 21 – Matéria *Dez lugares (retratos) da Parnaíba d'outrora*

**memorial**

**9**

**A história há de ser como coisa sagrada, porque há de ser verdadeira, e onde está a verdade está Deus, enquanto verdade.**  
Miguel de Cervantes, Dom Quixote II

## Dez lugares (retratos) da Parnaíba d'outrora

Toda cidade tem seus lugares que a identificam com precisão e pelos quais se diferenciam de todas as outras e se tornam únicas. São espaços em que os habitantes convivem, às vezes em pequenos grupos, mas onde são representativos do todo que habita a cidade. Espaços que marcam determinadas épocas de um povo na sua maneira de se apropriarem e se utilizarem deles. Não se trata de pontos turísticos ou de arquiteturas de valor histórico, mas de lugares de convivência local. Aqui vai uma lista de dez desses pontos que fizeram o perfil da Parnaíba e de sua gente há scessenta, referir-se a anos atrás. Ao longo dos anos, alguns se modificaram, outros perderam as características de outrora; alguns se desfizeram e alguns escaparam, mantendo ainda hoje sua força característica.

1. Praça da Graça  
2. Mercado de Frutas  
3. Porto Salgado  
4. Estação  
5. Éden  
6. Sínuca  
7. Bar do Pimpão  
8. Campo do Internacional  
9. Rádio Educadora  
10. Casino

**Praça da Graça**



**Campo do Internacional**



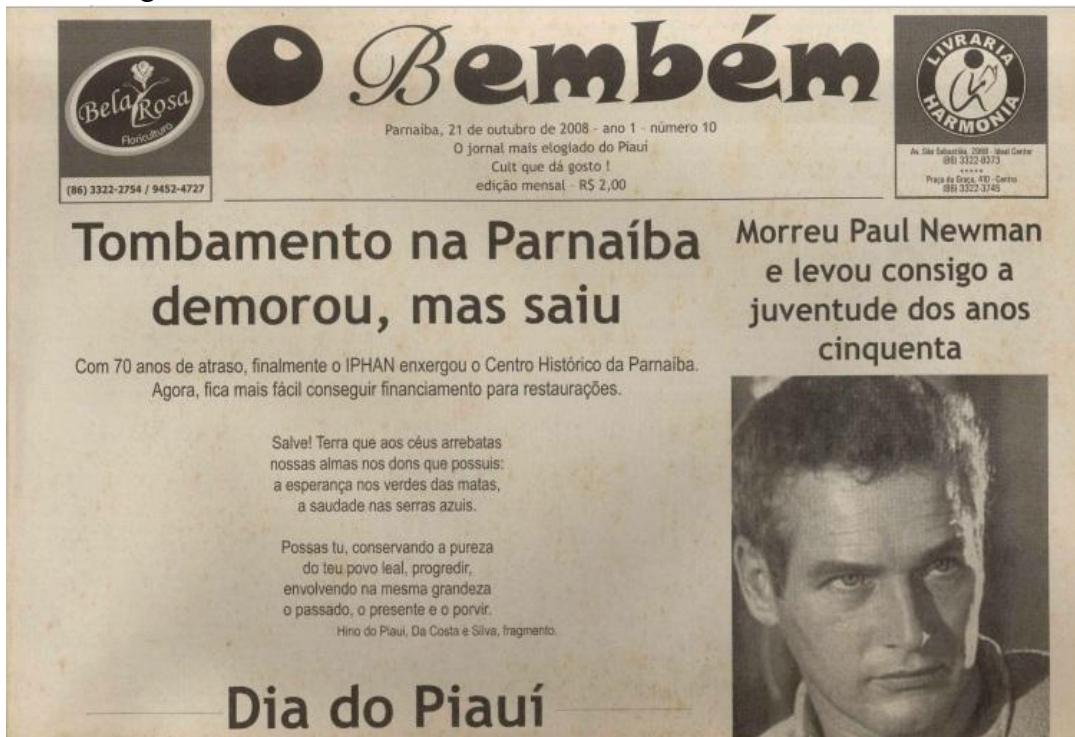
**1. Praça da Graça**  
É o amplo quadrilátero formado pela antiga Praça da Graça e pelo Jardim Landi Sales (a Pracinha), separados por uma calçada salva-vidas que permite o trânsito de automóveis do Correio à Catedral. O entorno, além das igrejas, do Correio e do Banco do Brasil, era formado pelo Cine Teatro Eden, o Hotel Parnaíba, ao lado do Rosário, a sede da Banda de Música, a Biblioteca Pública, os bares e salões de sínuca. Havia três equipamentos fundamentais dentro da Praça: o Correio, o Monumento e a Pórtico. Toda a Parnaíba ia à Praça, ou passava por lá. Nenhum outro lugar era mais representativo da cidade, mas, mesmo assim, todo o complexo das duas praças foi demolido por um prefeito de péssima atuação e que se aprofundou na memória da cidade. Mudou a concepção

**4. Estação de trem**  
Se o Porto Salgado era movimento relativo à navegação fluvial, na Estação, tudo girava em torno de um função da linha de trem. Na estação, comprava-se o bilhete de embarque, despedava-se bagagem ou carregava-se a chegada do trem para o embarque. Isso tudo era feito bem cedinho, pois o trem de Amorim chegava às sete da manhã e seguia viagem às sete e meia. As demais estações foram surpreendentes poucos, abarcando Pricuruca aíndas nos anos vinte. Depois, chegou a Pimpão e, só muitos anos depois, alcançou Teresina. À tarde, dava-se a chegada do trem que vinha dessas cidades e, às cinco e meia, partia o trem para Amorim. Assim, havia movimento na Estação o dia inteiro. E o movimento de chegada era sempre uma festa de grande tumulto. O trem a vapor exalando fumaça e magia.

**7. Pimpão e Cooperativa**  
De frente para a Praça, ficava o Bar do Pimpão, a casa de merendas mais chique da cidade de então. Demolido, hoje é entrada de garagem social de alimentação Iginio daigata Parnaíba dos anos trinta e quarenta. Pertencia a Seu Eduardo, pai da Mano Irma, cantora e locutora da Rádio Educadora. Nos cinquenta, passou para as mãos de Antônio Sales e passou a chamar-se Cooperativa, sem que se saiba exatamente porque. Mantinha a aura por mais alguns anos, sempre com a presença de Lourdes Sales, mulher do dono, Marlene em seu pequeno local só para o serviço de caminhão e tudo quanto é de homem da Parnaíba a tomar o calehão da Cooperativa, antecipado por um copo d'água gelada.

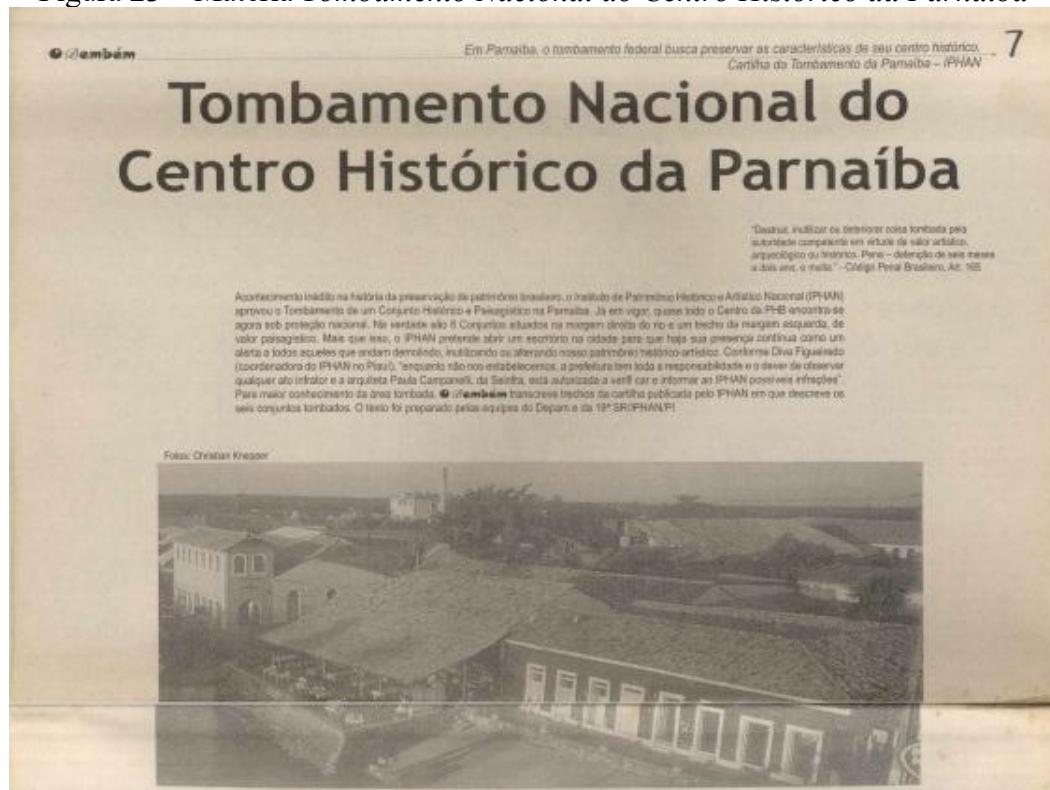
Fonte: 2010 In: *O Bembém*. ed. 03. n. 36. p. 09. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 22 – Matéria *Tombamento na Parnaíba demorou, mas saiu.*



Fonte: 2008 In: *O Bembém*. ed. 01. n. 10. p. 01. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

Figura 23 – Matéria *Tombamento Nacional do Centro Histórico da Parnaíba*



Fonte: 2009 In: *O Bembém*. ed. 02. n. 13. p. 07. Acervo: Karliane Maria Saraiva da Silva

| <b>Ficha de anotações</b>  |  |
|--|--|
| O que é patrimônio cultural?                                     |  |
| O que é patrimônio material? Cite exemplos.                      |  |
| O que é patrimônio imaterial? Cite exemplos.                     |  |
| O que hoje não é considerado patrimônio, mas que pode vir a ser? |  |
| Outras anotações   |  |

Figura 24: Proposição da imagem para a Capa do Álbum de Lembranças



Fonte: Aplicativo de edição Canva

Figura 25: Proposição das páginas do Álbum de Lembranças



Fonte: Aplicativo de edição Canva

#### **Atividade 04: Construindo um jornal escolar**

A partir do levantamento realizado pela turma, no decorrer de todo o ano letivo e de acordo com as atividades propostas e compartilhadas em sala aula, os alunos divididos em grupos terão a responsabilidade de organizar as fontes em ordem temática, sob a supervisão do docente. Contudo, o docente poderá incluir materiais sobre a história da escola na atividade para que o jornal escolar retrate tanto a história da escola quanto a história local e abranja também a história do bairro e/ou cidade.

Os professores também indicarão referências bibliográficas sobre as respectivas temáticas aos grupos, buscando a organização de debates junto à turma para cada tema, podendo ser incluídas novas fontes que forem encontradas ao longo do processo.

Contudo, a criação desse jornal impresso serve não somente como divulgador das atividades realizadas na escola e das pesquisas que estão sendo feitas na universidade, como também é veículo difusor de novas abordagens históricas, valorizando o papel das mulheres, negros, indígenas e das classes menos abastadas. Essas discussões ocorrerão em todas as atividades propostas anteriormente para que, a partir desse momento, os alunos possam se tornar protagonistas de suas histórias e memórias. Reaver também a memória dos mais velhos e, assim, poder recontar uma história que começa a partir deles e vai subindo até chegar na História Regional, Nacional e Universal.

Assim sendo, o papel deste Recurso Pedagógico está em fazer as abordagens necessárias sobre a História que vem sendo contada e é conhecida pela população. Assim, por meio dessa história, poderemos fomentar novas discussões e possibilidades de análise para a difusão de novas abordagens e construção do jornal escolar que chegará a comunidade.

##### **A) Organização do jornal da escola**

A partir das afinidades demonstradas ao longo das atividades, a turma será dividida em grupos para organizar o jornal da escola com a história do bairro e da cidade. A recomendação é dividir a turma em, no mínimo, quatro grupos:

- Editoria: seleção das matérias que serão publicadas no jornal;
- Redação: elaboração dos textos e seleção das imagens para as matérias;
- Diagramação: definição da configuração gráfica do jornal e formatação de matérias;
- Divulgação: veiculação do jornal junto à comunidade escolar, vizinhança e redes sociais.

Após a divulgação do jornal da escola, a turma fará uma avaliação da atividade, mediada pelo professor de História.

### **B) COMO PRODUZIR UM JORNAL NA ESCOLA?**

## **COMO PRODUZIR UM JORNAL NA ESCOLA?**

### **AÇÃO REFLEXIVA**

- Você tem o hábito de ler jornais impressos ou digitais?
- Já pensou na possibilidade de desenvolver um jornal escolar?
- Um jornal é uma ferramenta poderosa para aproximar a comunidade escolar na disseminação de informações importantes ajudando a desenvolver o hábito da leitura, pesquisa e cultura da escola.
- O Jornal escolar também tem a possibilidade de levar para a sociedade os trabalhos desenvolvidos na escola e academia.

- A produção do jornal ajuda no desenvolvimento de habilidades como: entrevistar pessoas, selecionar objetos de pesquisa, e a escrever de forma coerente.
- Também ajuda no desenvolvimento de habilidades como edição, design e impressão do jornal e no gerenciamento de trabalho em equipe.

## **PASSO A PASSO PARA PRODUZIR UM JORNAL IMPRESSO NA ESCOLA.**

- **1. Escolha uma equipe editorial**
- Organize a turma em grupos. Os grupos devem ser formado por afinidades em desenvolver as atividades propostas para a composição do jornal.
- **Formar uma equipe editorial**
- Quem será responsável por buscar os temas a serem publicados?
- Quem irá escrever as matérias?
- Quem ficará responsável fazer a edição?
- Quem irá fazer o design gráfico e afins?

- **2. Defina o objetivo do jornal**
- Para começar, o editorial do jornal deve definir qual o objetivo do jornal. Com isso, deve se pensar em diversas possibilidades, como por exemplo; os eventos da escola, os projetos que são desenvolvidos na escola e o foco principal, mostrar como a história local da cidade será recontada através das pesquisas desenvolvidas pelos próprios alunos.

- **3. Escolha um nome e um logotipo**  
■ Em seguida, deve-se escolher qual será o nome do jornal para que assim seja criada uma logomarca.

- **4. Determine a frequência do jornal**  
■ Deve-se pensar também qual será a periodicidade do jornal; semanal, mensal ou bimestral, por exemplo.

- **5. Defina um cronograma de produção**  
Outro ponto importante é o estabelecimento de um cronograma para que os prazos de pesquisa, produção, entrega e impressão do jornal ocorra de forma coerente.

- **6. Escolha as seções do jornal**  
O jornal pode ter várias seções, como notícias, esportes, cultura, opinião, entrevistas e muito mais.
- **7. Defina o estilo do jornal**  
A equipe editorial deve se reunir para criar o estilo para o jornal, como a escrita, a fonte a ser usada, o tamanho da fonte, o espaçamento entre linhas e outros elementos de design.
- **8. Os artigos**  
Cada seção editorial do jornal deve ter pelo menos um artigo.

**■ 9. Edite os artigos**

Após a escrita dos artigos, a equipe deverá realizar a análise dos aspectos gramaticais, ortográficos, coerência e coesão e demais itens associados às diretrizes de estilo do jornal.

**■ 10. Design do jornal**

Deverá ser criado um design para o jornal que inclua o logotipo, as seções do jornal, as imagens e os artigos.

**11. Imprima o jornal**

Uma vez que o design do jornal tenha sido finalizado, é hora de imprimi-lo.

Figura 26 – Proposição da capa do jornal



Fonte: Aplicativo de edição Canva

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores (Mia Couto, 2006).

Assim, finalizamos mais uma história, uma viagem, um sonho e uma etapa de nossa vida. Pois, ao contar, recontar ou mesmo perceber-se sujeito social da História é de fato um salto muito importante que o professor de História consegue alcançar na vida de seus alunos.

A trajetória da escrita de uma dissertação ou qualquer outro trabalho que nos cobre atenção, dedicação é um tanto solitário. Mas é um tanto motivador e um divisor de águas na vida de um professor e seus alunos. E, ao tocar uma História que, às vezes, se torna tão sensível a eles, é o que nos motiva a continuar construindo essas narrativas historiográficas.

Com isso, considerando o percurso deste trabalho em torno dos debates acerca dos fatos sobre a História Local da cidade de Parnaíba-PI, podemos concluir que as memórias que contam a História de Parnaíba se tornam cada vez mais acirradas e percebemos que há necessidade da elite em manter padrões em sua narrativa historiográfica.

Contudo, as discussões que envolvem de sobremaneira os sujeitos históricos que compõem a lacuna historiográfica das classes menos abastadas começam a ganhar visibilidade com as novas pesquisas que a universidade desenvolve em seu âmbito acadêmico. Ademais, não podemos deixar de ressaltar também a barreira que essas pesquisas enfrentam para sair dos muros das universidades e alcançar o seu público.

Assim, tendo em vista tal perspectiva, se apresenta o mestrado profissional, onde surgem trabalhos como esse e que são desenvolvidos com o intuito de aproximar o sujeito histórico de sua história que se passa por vezes tão perto e não nos damos conta. Com isso, nós professores de História temos um papel muito importante tanto na questão social quanto na manutenção dos debates em torno da consciência histórica.

Nesse contexto, esta pesquisa não busca sanar todos os desafios do ensino de História atualmente, mas sim desenvolver ferramentas com potencial para amparar o professor no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo atividades diversas e guiadas que ajudam na promoção de um ensino crítico que auxilia o aluno a ser protagonista do conhecimento histórico.

Dessa forma, o ensino da História Local dentro da sala de aula é um caminho que gera uma aprendizagem afetiva e até bastante significativa para o aluno, pois ele se aproxima daquilo que faz parte de seu cotidiano e, assim, ajuda na compreensão dos processos históricos.

Ao analisarmos a História Local do município de Parnaíba-PI, buscou-se promover reflexões acerca do ensino de História e as questões sobre a identidade, a memória e o patrimônio dos discentes dentro do contexto das histórias silenciadas, fazendo com que a história eurocêntrica fosse vista a partir de outro viés historiográfico.

Desse modo, este trabalho foi criado dentro de um percurso para que os professores de História do 9º ano do Ensino Fundamental II possam aplicar em suas salas de aulas dentro dos mais variados contextos e realidades, pois os alunos são convidados a pensar sobre a sua História a partir do seu local de residência para, a partir daí, expandir seu olhar para a cidade e fazer as devidas conexões entre o seu lugar social e a historiografia apresentada.

Com isso, a partir de nossas reflexões, pretendemos melhorar a prática da sala de aula por meio de uma abordagem que integre as experiências vivenciadas pelos os alunos e, assim, proporcionar uma intersecção entre o assunto estudado na disciplina e o seu cotidiano, propiciando a ampliação das habilidades e competências que se fazem presentes nos manuais de ensino da atualidade.

Diante de tais afirmações, nosso trabalho foi pensado por meio de um viés prático para o professor de História, que irá se debruçar sobre ele. O primeiro capítulo foi pensado para trazer um embasamento teórico acerca das perspectivas que circundam a sala de aula e as abordagens metodológicas ao redor dela. Buscamos alinhar teoria e prática em um único capítulo, refletindo acerca de como são as aulas de História e o que podemos fazer para mudar a visão de nossos alunos a respeito da disciplina.

O capítulo 1 ainda traz uma abordagem acerca da História da cidade de Parnaíba-PI, o entremeio da discussão de poder e manutenção de uma História contada a partir da elite, além de refletirmos como esse modelo vem se moldando e mudando ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito ao surgimento de novas pesquisas no âmbito da universidade e os novos pesquisadores profissionais que, ao longo do tempo, foram mudando seu olhar acerca dos objetos de estudos na historiografia parnaibana.

Dentro desse contexto surge o Capítulo 2, buscando aproximar a relação das vivências cotidianas dos alunos e a teoria. Assim, o alinhamento dessa prática auxilia na construção de uma consciência histórica nos discentes que se propõe a participar das discussões em torno dessas temáticas. Esse capítulo faz uma aproximação da história dos bairros da cidade e histórias de vida dos alunos, essa correlação de aproximação e distanciamentos dos bairros está diretamente ligada com a construção da história da cidade de Parnaíba que é o terceiro capítulo deste trabalho.

Nesse capítulo trouxemos algumas propostas de atividade que irão ajudar o professor/mediador nas discussões em sala de aula, além de fomentar a criatividade de seus alunos em busca de apreender novos conhecimentos sobre sua História e a História Local de sua cidade. Tão logo, percebemos a necessidade deste trabalho ser mais dinâmico e com a diálogos entre teoria e prática dentro do corpo da dissertação, quebrando o modelo criado que apresenta a discussão apenas no final as proposições de atividades.

A proposta do terceiro e último capítulo deste trabalho está inteiramente ligada com o segundo capítulo, pois, por meio da aproximação dos bairros, nós iremos construir a História da cidade de Parnaíba, além de analisar o que era considerado bairro e a distinção dos bairros marginalizados, utilizando a historiografia. Além dessa ótica de desenvolvimento da cidade, nós temos uma discussão em torno das datas comemorativas da cidade. O período em que Parnaíba foi transformada em vila e, posteriormente, em cidade. Contudo, essa discussão está para além de datas comemorativas, pois isso é um reflexo das disputas de memórias. Sendo assim, essas discussões propõem as teorias que nós conhecemos hoje.

Ao final do último capítulo temos mais um compilado de atividades que irão auxiliar o professor em sua prática em sala de aula. O interesse ao final deste trabalho é que, baseado na nossa fonte histórica que é o jornal *O Bembém*, os alunos auxiliados pelo professor também possam desenvolver um jornal. Contudo, esse jornal tem como proposição ultrapassar os muros da escola e chegar à comunidade. Para que assim, os pais desses alunos possam compreender e conhecer não só o que está sendo trabalhado dentro da escola, como também possam conhecer a sua história de vida, a história do seu bairro e como suas vivências estão diretamente ligadas aos acontecimentos locais, regionais, nacionais e, até mesmo, de forma global.

Portanto, este trabalho se propôs não somente a dialogar com a teoria e prática do ensino de História, como também levar a História para o cotidiano dos sujeitos históricos que estão em sala de aula e estes contribuírem com a propagação dessas pesquisas na comunidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joel Carlos de Souza; FAGUNDES, José Evangelista. Pensando a História: Noções introdutórias. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 22-56.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: [s.e.], 1988.

ARAÚJO, Maria Elita Santos de. **Parnaíba**: O espaço e o tempo. Parnaíba: [s.e], 2002.

BARROS, C. H. F. de. Ensino de História, memória e história local. **Revista Principia**, /S. l.J, v. 1, n. 21, p. 64–74, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/149>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BARROS, José D' Assunção. **Fontes Históricas**: Uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. v. 8, n. 8, 2003. p. 69-90.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRANCO, Renato Castelo. **Tomei um Ita no Norte**. São Paulo: LR Editores Ltda, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez., 2015.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quareto, 2015.

CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. A escriturística de uma saudade parnaibana. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes (Orgs). **Parnaíba: Ver, sentir, dizer**. Parnaíba: Sieart; Teresina: Edufpi, 2015, p. 111-126.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **Métis: história e cultura**, v. 2, n. 2, p. 12, jul./dez., 2002.

COSTA, Aryana. História Local. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 132-136.

CRUZ, Arlindo; Diniz, Mauro. **Meu lugar**. 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/1249031/>. Acesso em: 24 set. 2024.

DAVIS, Nicholas. As camadas populares nos livros de História do Brasil. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1992. p. 93-104

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Produção e uso do material didático. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Org). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017.

FERREIRA, Ivanilda Sá Quixaba. **Meu bairro é meu patrimônio: educação patrimonial no Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba – Piauí**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arte, Patrimônio e Museologia), Universidade do Delta do Parnaíba, Parnaíba, 2019.

FIALHO, Thalia; RIBEIRO, Felipe. O protagonismo de historiadores profissionais em Parnaíba-PI: apontamentos sobre a emergência de uma nova historiografia (2005-2007). In: LIMA, Frederico Osanam Amorim; MENDES, Sérgio Luiz da Silva; CASTRO, Francisco José Leandro Araújo de. **Parnaíba: história, memória, cidade**. Teresina: Cancioneiro, 2021.

FINGER, Anna Eliza, [et al]. **Conjunto Histórico e paisagístico de Parnaíba**. Teresina: [s.e.], 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. São Paulo: Papirus, 1993.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Portugal: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Rubens. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba: Sieart, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUBERT, Pierre. História Local. **Revista Arrabaldes**, v. 1. n. 1, p. 69-82, 1988.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII**. Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba, abril de 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/files/volume\\_parnaiba/pi](http://portal.iphan.gov.br/files/volume_parnaiba/pi). Acesso em: 06 ago. 2021.

IPHAN. **Educação Patrimonial**: Histórico, conceitos e processos. 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. A aprendizagem escolar e a formação de professores. **Revista Educar**: Editora UFPR, Curitiba, n. 24, p. 113-147, 2004.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. Um pirilampo nas páginas do Almanaque. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; Sousa, Cleto Sandys Nascimento de (Orgs.). **Parnaíba: A cidade que nos habita**. Parnaíba: Sieart, 2013, p. 21-34.

LIMA, Teófilo. **Pedra do sal**. 2001. Disponível em Disponível em: <https://www.letras.mus.br/teofilo-lima/223595/>. Acesso em: 24 set. 2024.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma história local: Aspectos da produção e da utilização no Ensino de História. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p. 57-81.

MELO, Juçara da Silva Barbosa. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236-253, set/dez., 2016.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **O Ecletismo Parnaibano**: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX. Teresina: EDUFPI, 2012.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. Contribuições para pensar e fazer a História Local. In: MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 28-95.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. Ensino de História Local. In: MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 96-137.

MENESES, Sônia. **Operação Midiográfica**: o golpe de 1964 e a folha de S. Paulo. Intermeios, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História e Geografia/Secretaria de educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

OLIVEIRA, Christina [et al.]. **Parnaíba**: cidade da gente. História e geografia, estudos regionais. Ensino Fundamental. Fortaleza: Didáticos Editora, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Memória, História e Patrimônio: perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Revista Fronteiras. Dourados**, v. 12, n. 22, p. 131-151, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/126832/1/ISSN1517-9265-2010-12-22-131-151.pdf> Acesso em: 11 mar. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. Memória, História e Patrimônio – perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Fronteiras**, Dourados v. 12, n. 22, p. 131-151, jul./dez., 2010

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Autêntica, 2009.

REZNIK, Luís; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; GONÇALVES, Márcia de Almeida; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. História local: pesquisa, ensino e narrativa. In: I Encontro de História do Vale do Paraíba Fluminense, 2008, Vassouras. **Anais Eletrônico**, 2008. p. 49-53.

RIBEIRO, Antônio Rodrigues. **Parnaíba, presente do passado.** Gráfica Ferraz, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Editora Scipione, 2004.

SILVA, Carlos Alberto Pereira da et al.. **Curriculo Piauí: um marco para a educação do nosso estado: Educação Infantil, Ensino Fundamental.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

SILVA, Josenias dos Santos. Alamack da Parnaíba: Política, sociedade e cultura em revista. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; Sousa, Cleto Sandys Nascimento de (Orgs.).

**Parnaíba: A cidade que nos habita.** Parnaíba: Sieart, 2013. p. 71-88.

SILVA, Maria da Penha Fonte e. **Parnaíba, minha terra: Crônicas.** Parnaíba: Gráfica Americana, 1987.

SILVA, Vicente de Paula Araujo. **História da Região da Parnaíba: 1669 a 1799.** Villa Mont Serrathe de Parnaíba. Parnaíba: Editora Sieart, 2021.

SILVA. Teresa Roserley Neubauer. Currículo para as áreas rurais – opção necessária. **Caderno Cedes. Currículos e Programas: como vê-los hoje?,** São Paulo: n. 13, p. 64-72, 1991.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 5-24, 2000.

TORTO, Fernando. **Meu bairro.** 1997. Disponível em:

<https://www.cifraclub.com.br/fernando-tordo/1811881/letra/>. Acesso em: 24 set. 2024.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Memórias Parnaibanas: Narrativas de Sociabilidades Entre as Décadas de 1930 a 1950.** Natal, 2013.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Léa. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.